

Digitized by the Internet Archive
in 2024





OBRAS DE CHRISTÓVÃO FALCÃO

PQ

9231

F2

1893

OBRAS

DE

CHRISTÓVÃO FALCÃO

EDIÇÃO CRÍTICA

ANNOTADA

POR

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

PORTO

Magalhães & Moniz — Editores

12, Largo dos Loyos, 12

1893

AO HUMANISTA E ROMANISTA CONSUMMADO,

ORNAMENTO DA UNIVERSIDADE DE NAPOLES.

AO SR. FRANCESCO D'OVIDIO

C. D. C.

EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, AMIZADE E RECONHECIMENTO

Augusto Epiphani da Silva Dias.

«Christovam Falcão... é o ultimo echo do alaúde provençal,
modificado pelo gôsto hespanhol de Padron e de Stuniga.»

Dr. Theophilo Braga, *Obras de Christovam Falcão*, pag. 4.

INTRODUCCÃO

I

Christóvão de Sousa Falcão pertencia a uma familia nobre do Alemtejo, de que fôra tronco João Falcão, uma das pessoas gradas que em 1386 vierão de Inglaterra para Portugal na comitiva da filha do duque de Lencastre, D. Filippa ⁽¹⁾, e que neste país desposou uma filha de Gonçalo Eannes de Abreu, senhor de Castello de Vide e Monforte. Foi filho primogenito de João Vaz de Almada Falcão, funcionario integro, que tendo servido o cargo de capitão da Mina morreu pobre como vi-vêra ⁽²⁾, e de D. Brites (ou Beatriz) Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira ⁽³⁾. Segundo o autor da *Bibliotheca Lusitana*, viu a luz em Portalegre. Se houvermos de dar crédito a Christóvão Alão de Moraes, acabou os seus

(1) Co duque muy afamado,
d'Aalemcrasto nomeado,
rreynando el-rrey dom João,
veyo Mosem João Falcão,
hum cavaleiro estremado.

João Rodriguez de Sá no *Cancioneiro*
de Rêsende, II 370, 4—9.

(2) «...foi capitam da mina he por bem servir não troixe dinheiro he por isso viueo he morreu pobre». Ms. C. 1. 8 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(3) Veja-se no fim do volume o quadro genealogico.

dias na Índia ⁽¹⁾. Ignora-se-lhe a data do nascimento e do fallecimento, mas a sua vida coincidiu, com pouca differença, com o reinado de D. João III (1521—1557) ⁽²⁾.

De tenros annos ainda, Christóvão Falcão enamorou-se de uma menina formosissima ⁽³⁾, D. Maria Brandão, filha mais nova do opulento João Brandão, contador do Porto, e de D. Brites Pereira ⁽⁴⁾. No ardor da

(1) «não casou porque não foi com sua dama que segundo dizem foi D. Maria Brandão, filha de João Brandão de Coimbra e foi-se para a Índia onde morreu.» *Pedatura Lusitana Hispanica*. Ms. da Bibliotheca Municipal do Porto, tomo I.

(2) Se tres poesias que no *Cancioneiro* de Rêsende (acabado de imprimir em 1516) são attribuidas a Bernardim Ribeiro, pertencessem a Christóvão Falcão, segundo affirma o Dr. Theophilo Braga (*Curso de Litteratura portuguesa*, pag. 212), havia Christóvão Falcão de ter nascido ainda no seculo xv; mas tal supposição é, conforme veremos adiante, inteiramente illegitima. No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva lê-se que no Livro dos assentos da Casa da Misericordia de Evora, achou o Sr. Telles de Mattos a nota de que a 24 de Maio de 1550 falleceu Christóvão Falcão; mas pode muito bem ser que este Christóvão Falcão fosse o filho primogenito de um irmão mais velho (por nome Gonçalo Falcão) de João de Sousa Falcão, e primo carnal de João Vaz de Almada Falcão.

Dados positivos para se determinar o tempo em que viveu Christóvão de Sousa Falcão, são os seguintes:

a) Por patente de 20 de Abril de 1600 foi Christóvão Falcão de Sousa nomeado para o governo do Archipelago da Madeira, cargo que exercitou até 1603 (Ms. F. 2. 21 da Bibliotheca Nacional de Lisboa). Este Christóvão Falcão de Sousa era filho natural de Christóvão de Sousa Falcão (Ms. C. 1. 1. 3 da mesma Bibliotheca). Foi posteriormente general de uma armada. (Por confundir o paê com o filho foi que Diogo Barbosa Machado suppôs o nosso poeta governador da Ilha da Madeira e general de uma armada).

b) Em 1571 era capitão de Salsete o segundo filho de João Vaz de Almada Falcão. No capitulo 34 da 8.ª década, fallando dos successos do anno de 1571 escreve Diogo de Couto «parte se recolherão a Salsete, onde estava por Capitão Damião de Souza Falcão, irmão de Christouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trouas de Criffal».

c) A primeira edição, com data, de obras de Christóvão Falcão é a feita por Birkman em 1559.

(3) «Quando vos dei a vontade
inda vós ereis menina
e eu de pouca idade.» Ecloga, est. 84.

(4) A filiação de D. Maria Brandão é dada pelo genealogista Alão de Moraes a folhas 90 e seu verso da obra já citada. Barbosa Machado só diz que era D. Maria Brandão «tão illustre por nascimento como celebre pela fermosura».

paixão os dois namorados contrahirão um casamento clandestino, sem duvida alguma dos que se chamavão «casamentos por palavras de presente» (1). Christóvão Falcão estava longe de ser morgado rico. Os parentes, pois, de D. Maria, escutando antes a voz do interesse, não tiveram a bem taes relações e tratárão de impedir que viesse aquelle consorcio a tornar-se valioso. A este fim puserão D. Maria longe da vista de Christóvão Falcão encerrando-a em um convento da Beira maritima (2), e, ahi, trabalharão por alhear de Christóvão Falcão o coração da criança calumniando de interesseiro o amor do

(1) Na edição de Birckman a carta de Christóvão Falcão traz a rubrica seguinte «Carta do mesmo estando preso que mandou a hũa lenhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes della, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo pareçe) a pallada Egloga». «Casar a furto» é expressão perfeitamente juridica. Uma lei de D. Affonso III diz: «Os cassamentos todos se podem fazer per aquelas paraouas que a santa eygreia manda atanto que sejam taes que possan casar sen peccado. E todo cassamento que possa seer prouado quer seia a furto quer conhoçudamente vallrá se os que assy cassarem forem didade comprida como he de de costume» (*Portugalliae Monumenta, Leges et cons.* pag. 262). Sobre os casamentos clandestinos «por palavras de presente» e sobre a idade requerida para poderem contrahir-se dizem as Constituições do arcebispado de Lisboa promulgadas pelo cardeal infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel: «Isto mesmo per esta presente constituição declaramos aquelles terem idade perfeita: pera poderem casar per palauras de presente que forem. f. ho homem de quatorze annos e ha molher de doze; e de menos idade nam. E palauras de presente se chamam alli como se difeffem. Eu te recebo por marido: ou molher: alli como manda a sancta igreja de Roma: ou eu te hei por minha molher: ou outras femelhantes ou equipolentes. Porem se ho homem for de quatorze annos e ha molher menos de doze: ou ha molher de doze e ho homem menos de quatorze: aquelle que he em idade perfeita: nam se deue arrender: e deue esperar ate que venha o outro a sua idade perfeita: e se ho contradisser podera cada huñ fazer de si ho que lhe bem vier. E se ho nom contradisser e constar que perseuera na mesma vontade: entam fica ho matrimonio valioso de hũa parte e da outra: salvo se ha malicia supre a idade» (tit. viii, const. i, fol. 16 v. da edição de 1537). Acerca d'este assumpto veja-se a luminosa exposição de A. Herculano nos *Estudos sobre o casamento civil*.

(2) «Enquerirão o que teria
e do amor não cuidarão.» Ecloga, est. 6.

«Então descontentes d'isto
levarão-na a longes terras,
escondêrão-na antre ferras
onde o fol não era visto» Ecloga, est. 7.

poeta ⁽¹⁾ e promettendo buscar-lhe um grande casamento que haveria de contentá-la plenamente ⁽²⁾. O plano diabolico teve, como era natural, o exito desejado e D. Maria Brandão sahiu em fim do convento Laurbanense para dar em Elvas a mão de esposa a Luis da Silva, aquelle que foi capitão de Tanger ⁽³⁾. O que foi feito de Christóvão Falcão depois de ver assim cortadas de vez as suas esperanças, é incerto. Segundo Barbosa Machado foi viver para Evora, segundo Alão de Moraes embarcou para a India.

Conforme já dissemos, deixou um filho natural, de nome Christóvão Falcão de Sousa, que foi casado com sua prima D. Maria de Castro, filha de Damião de Sousa Falcão, da qual houve dois filhos varões e uma filha. D'este Christóvão Falcão de Sousa foi bisneto Antonio de Sousa Falcão, que era vivo em 1705 ⁽⁴⁾ e foi marido de uma filha de D. Antonio Carcomo.

II

De Christóvão Falcão existem duas composições impressas, ambas relativas á historia dolorosa dos seus amores, uma e outra anonymas: uma ecloga e uma carta. A ecloga, o monumento que lhe dá lugar prominente na nossa historia litteraria, foi-lhe constantemente at-

(1) «porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que mostras ter-me
fer fó por minha riqueza.» Ecloga, est. 80.

(2) «e que então me buscarão
hum mui grande cafamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão.» Ecloga, est. 90.

(3) «D. Maria Brandão..., a qual havendo estado recolhida no Convento Cisterciense de Lorrão se despozou na cidade de Elvas» (Barbosa Machado). «D. Maria Brandão, mulher de Luis da Silva, capitão que foi de Tanger,...» (Alão de Moraes, ms. já citado, f. 90 e seu verso).

(4) Mss. B. 6. 24 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

tribuida; a paternidade da carta também não lhe foi jamais contestada ⁽¹⁾.

Na sua edição das *Obras de Christovam Falcão* o dr. Theophilo Braga attribue a este poeta mais quarenta e nove composições miudas, a saber: as poesias (excepto duas) que no volume impresso por Birkman vem estampadas em seguida á carta de Christóvão Falcão (da folha 153 em diante), e mais duas (as duas ultimas da edição do dr. Th. Braga), que no mesmo volume estão depois da 5.^a ecloga de Bernardim Ribeiro. Mas o editor allemão, além de fechar o indice (que vem no verso do frontispicio) com estas palavras: «Hũa carta do dito. Hos prelos contam os dias. Mil annos por cada dia. E outras coufas que entre lendo se poderam ver», no corpo do livro de modo nenhum nem directa nem indirectamente attribue a Christóvão Falcão ou a outro autor as poesias que vão da f. 153 (em que termina a carta de Christóvão Falcão) á f. 171, a ultima do volume; somente uma cantiga, a que principia por «Olhos que vam» (na edição do dr. Th. Braga, a pag. 26) tem no alto estas iniciaes «A. L»; a immediata tem por titulo «Outra do dito», e a seguinte a esta «Outra do mesmo». D'aqui se vê que o editor allemão estava longe de haver

(1) 1) No indice do volume português impresso por Birkman em 1559 lê-se «... Hũa muy nomeada e agradável Egloga chamada Crisfal, que diz. Entre fintra a mui prezada. Que dizem fêr de Christovam falcam, ho que parece alludir ho nome da mefma Egloga.

Hũa carta do dito, Hos prelos contam os dias. Mil annos por cada dia».

2) Diogo do Couto (1542—1576) na decada VIII fallando de Damião de Sousa Falcão escreve: «... irmão de Chriftouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trouas de Crisfal» (pag. 164 da edição de 1673).

3) Manoel de Faria e Sousa (1590—1649) no commentario á 4.^a ecloga de Camões (pag. 256, col. 2.^a) diz «assi como Christoval Falcam, Autor de las buenas coplas de Crisfal, fabricò este nombre, de su nombre, y apellido; tomando deste el *fal*, y de aquel el *Chris...*».

4) Antonio dos Reis (1690—1738), memorando no *Enthusiasmus poeticus* o nosso poeta, põe em nota (ao numero 140): «*Christophorus Falco edidit: Crisfal, Ulyssipone apud Antonium Alvaes anno 1639*».

5) Diogo Barbosa Machado (1682—1772) dá a Christovão Falcão por autor da Ecloga e de uma obra *cyngetica* manuscrita.

6) Demais varios mss. genealogicos, v. g. o C. 1. 18 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, dão a Christóvão Falcão por cognome «o Crisfal».

estas poesias por saídas de uma mesma penna. Não é pois licito invocar a autoridade de Birkman para attribuir a Christóvão Falcão aquellas composições. Mas d'estas poesias anonymas haverá algumas que pertençam a Christóvão Falcão? E' meramente possível que sim; todavia nenhuma d'ellas presenta caracteres, quanto aos pensamentos ou quanto á fôrma, pelos quaes haja de attribuir-se ao nosso poeta. De cinco sabemos com certeza que não lhe pertencem, por isso que no *Cancioneiro* de Rêsende, onde tambem se encontrão, são attribuidas positivamente tres (a cantiga «Senhora nesse amarelo», a «Antre tamanhas mudanças», e a «Antre mi melmo e mim») a Bernardim Ribeiro, duas (a cantiga «Coitado quem me daraa», e a «Comiguo me defauim») ao dr. Francisco de Sá ⁽¹⁾.

(1) A primeira das cantigas de Bernardim Ribeiro incluídas no *Cancioneiro* de Rêsende (III 539) e que traz a rubrica «De Bernardim Ribeiro a hũa senhora que se viúto d'amarello», é na lição da edição de Birkman, que differe da lição do *Cancioneiro* de Rêsende:

Senhora nesse amarelo
que trazeis me çertefica
que he voffo-foo ho trazello
e meu ho que senefica:
Que a door do defesperar
he tanto mal de sofrer
que nam he para paffar
quanto mais para trazer

Mas yfto vai daquella arte
quando se entre montes brada
ho toom he em hũa parte
e em outra he a pancada
afsi foy que a minha door
mostrou em vos ho final
porque ao menos na cor
vos lembralleis do meu mal.

A paginas 11 da sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, o dr. Th. Braga diz o seguinte a respeito d'esta composição: «Ora o *amarelo* só podia ser côr do pezar no caso de representar a cugula cisterciense; e em vista dos factos sabidos, só estava no caso de escrever esta cantiga Christovam Falcão, e não Bernardim Ribeiro pelo que se sabe da sua vida». Não chegamos a atinar como foi possível ao dr. Th. Braga escrever estas linhas. Ponhamos de parte a consideração de que de uma pessoa que tomou habitos monasticos amarellou, ninguém dirá em português que «se vestiu de amarello». O sentido da poesia é perfeitamente claro. No symbolismo das cores, assim como o verde é a côr da esperança, é o amarello

E' facil de explicar o acharem-se as cantigas de que fallamos, incluídas no volume de Birckman. E' que o original era uma collecção de obras amatorias. A *Menina e Moça*, por que abre o volume, é uma novella de amores; amores são o assumpto das eclogas de Bernardim Ribeiro; a ecloga e a carta de Christóvão Falcão são paginas da historia dos seus amores; todas as demais cantigas pertencem ao genero amatorio.

A sextina «Hontem poi-fe o íol» e a cantiga «Para mim naíceo cuidado», as duas ultimas das composições attribuidas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga, segundo o exemplar da edição de Birckman existente no Museo Britannico não pertencem a este poeta. A folhas 130 d'este exemplar, em seguida á quinta ecloga de Bernardim Ribeiro vem aquella sextina com o titulo de «Sextina de Bernaldim Ribeiro»; depois da sextina, separada pela palavra *Finis*, lê-se «Cantiguas com suas voltas que dizem íer do mesmo Autor»; após esta rubrica vem em primeiro lugar a cantiga «Nam fã caíado fenhora», em segundo lugar, tendo por titulo «Outra», a cantiga «Para mim naíceo cuidado». (Em seguida, no verso da folha 132 começa a ecloga de Christóvão Falcão).

A chamada *Segunda parte de Crisfal* é uma producção de fr. Bernardo de Brito publicada pela primeira vez em 1597 na *Sylvia de Lysardo* com o titulo de «Sonho de Lysardo, que he quasi como a segunda parte de Crisfal».

a do desespero. Ora, servindo-se de um simile engenhoso diz o poeta que se dá entre elle e a dama o que acontece no echo: é o poeta quem tem na alma o desespero; é a dama quem traz no vestido o sinal do desespero.

Sobre as duas poesias pertencentes ao dr. Francisco de Sá veja-se o que diz a snr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos a pag. 742 da sua edição das obras poeticas de Sá de Miranda.

III

As impressões dos trabalhos poeticos de Christóvão Falcão, de que ha memoria, são:

a) uma edição, em folheto de 16 paginas, da ecloga com o titulo de «Trouas de Chrisfal». Não traz declarado o lugar nem a data da impressão, mas deve pertencer aos meados do seculo xvi. Existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

b) a impressão da ecloga e da carta no volume publicado por Birckman em 1559, de que já temos fallado. Além do exemplar que pertenceu ao agora fallecido José Gomes Monteiro, e que serviu ao dr. Th. Braga para fazer a sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, ha um no Museo Britannico, do qual tirámos, (estando em Londres em 1890) uma copia da ecloga e da carta.

c) uma edição da ecloga, feita em Lisboa em 1571, de que temos conhecimento unicamente pela memoria que d'ella faz o Diccionario Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

d) um folheto de 24 paginas impresso por Antonio Alvares em Lisboa em 1619 com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contêm primeiramente a ecloga, depois a «Segunda parte das trouas do sonho de Crisfal», em terceiro lugar a carta, e por ultimo, com o titulo de «Cantiga», os quatro primeiros versos da cantiga «Vi ho cabo no começo». (E' a primeira que vem no volume de Birckman depois da carta de Christóvão Falcão).

e) uma edição de 1639, feita em casa do mesmo Antonio Alvares. E' conhecida apenas pelo que diz Antonio dos Reis na nota do *Enthusiasmus Poeticus* por nós acima transcrita. E' porém muito possivel que se imprimisse erradamente 1639 por 1619.

f) uma edição feita em Lisboa em 1721 na officina de Bernardo da Costa Carvalho com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contêm justamente e pela mesma ordem o que se encerra na edição de 1619. Além do exemplar existente na Bibliotheca Muni-

cipal do Porto, de que se utilizou o dr. Th. Braga, ha outro no Archivo da Torre do Tombo, cujo conhecimento devemos á obsequiosa informação do snr. Pedro Augusto de São Bartholomeo Azevedo.

g) a edição do dr. Th. Braga publicada no Porto em 1871 «edição critica, reproduzida da edição de Colonia de 1559, com a segunda parte apocrypha de 1721».

Vejamos o valor critico das edições de que existem exemplares conhecidos.

As duas impressões mais antigas que se conhecem da ecloga, derivão ou directamente ou (por intermedio de edições desconhecidas) indirectamente de duas cópias manuscritas independentes uma da outra. Erão ambas estas cópias, bem que em gráo diverso, muito incorrectas, sendo que não forão tiradas do archétypo, aquella em que assenta a edição sem data, fóra de toda a dúvida, e a que serviu de base á edição de Birkman, com grande probabilidade.

Tambem a cópia manuscrita de que a edição de 1619 deriva ou immediatamente, ou, o que será mais provavel, por intermedio de alguma edição anterior, é independente das duas cópias de que fallámos, e ainda mais imperfeita. A isto accresce que a revisão das provas typographicas foi certamente descuradissima a julgarmos pelo texto que esta edição offerece da chamada segunda parte de Chrisfal, comparado com o da edição authentica de 1597.

A edição de 1721 não foi feita «sobre manuscriptos antigos mas completamente deturpados» como diz o dr. Th. Braga (a pag. 22 do *Estudo* por que abre a sua edição das obras de Christóvão Falcão), mas é sim uma pouco esmerada reproducção, com leves modificações, da edição de 1619.

Da sua edição das obras de Christóvão Falcão diz o dr. Th. Braga ser reproducção da edição de Birkman. De feito, á primeira vista parece quasi uma edição diplomatica ⁽¹⁾. Depois de mais demorado exame, porém, reconhece-se que a reproducção está mui longe de ser exacta, sendo que, além de nem sempre seguir, por ve-

(1) Assim conserva escrupulosamente graphias como *çegou*, *certo*, *yssso*, *ydade*, *daar*, *cõ*, *Môdego*, *años*, *honde*, *lançase* (carta, verso 49) etc.

zes desarrazoadamente, a lição da edição de Birckman sem todavia fazer a devida advertencia ⁽¹⁾, por um lado não escasseião omissões de palavras ou de letras ⁽²⁾, e até de um verso inteiro na estancia 60 da ecloga, trocas de letras ou de palavras ⁽³⁾ e accrescentamento de palavras ⁽⁴⁾, e por outro não foi bastas vezes respeitada a orthographia da edição de Birckman até em casos em que a differença de graphia correspondia differença de pronunciação ⁽⁵⁾. Demais em dois lugares o dr. Th. Braga errou estranhamente a leitura ⁽⁶⁾.

A carta encontra-se, como já vae dito, na edição de Birckman e na de 1619, de que é reproducção a de 1721.

Se, conforme nos parece, não admite duvida a existencia de uma lacuna no texto d'esta carta, assim na edição de 1559 como na de 1619, deve concluir-se que as cópias, ambas imperfeitas, em que directa ou indirectamente as taes edições assentão, provêm, em todo o caso independentemente uma da outra, de uma mesma cópia em que já existia esta lacuna.

Com respeito ao valor critico, em geral, das diversas cópias antigas de uma mesma composição occorre ainda fazer um reparo. As estancias 51 e 52 da ecloga offerecem nas duas mais antigas edições não só meras variantes senão até versos inteiramente differentes. Tambem na esparça de Bernardim Ribeiro a uma senhora que se vestiu de amarello, a segunda metade da

⁽¹⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 4/ verso 8, 6/6, 9, 7/8, 16/9, 10; 19/1, 2, 22/7, 23/2, 34/9, 42/3, 53/8, 55/9, 59/5, 62/3, 67/4, 5, 10, 69/4, 6, 8, 78/2, 98/5 da ecloga, e aos versos 14, 23, 27, 42, 71, 101 da carta.

⁽²⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 12/10, 13/7, 14/10, 48/10, 49/10, 50/3, 60/2, 76/6, 93/9, 99/10, 103/3 da ecloga.

⁽³⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/3, 3/5, 4/4, 6/3, 9/4, 15/8, 49/8, 50/1, 52/5, 54/10, 56/5, 61/3, 76/10, 79/8, 80/3, 81/4, 87/8, 96/1 da ecloga.

⁽⁴⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/8, 9, 51/4, 64/2, 73/6, 82/3, 95/10, 98/9 da ecloga.

⁽⁵⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 3/1, 7, 8, 7/8, 10, 20/2, 22/5, 25/5, 28/9, 30/10, 34/1, 6, 35/3, 38/8, 40/6, 47/4, 48/7, 49/3, 4, 51/2, 9, 54/4, 9, 56/6, 57/3, 59/2, 60/3, 73/2, 9, 76/9, 81/9, 84/6, 85/7, 97/9, 100/5, 9 da ecloga, e aos versos 27, 52, 62, 63, 66, 90, 96, 98, 112 da carta.

⁽⁶⁾ Veja-se o nosso commentario ás estancias 32/9, 101/8 da ecloga.

primeira estancia tem uma redacção no *Cancioneiro* de Rêsende, outra no volume de Birckman. Por outro lado a ecloga de Christóvão Falcão não tem, na edição de Birckman a estancia 102 nem a 91 *a*. (Tambem lhe falta a estancia 88; mas este facto deve indubitavelmente ser lançado á conta de descuido ou de quem tirou a cópia, ou, menos provavelmente, do compositor typographico.) Qual será a origem de semelhantes diversidades de texto (e ainda de outras variantes que não pertencem ás categorias resenhadas no terceiro dos excursos que vão no fim d'este volume) em obras que não forão dadas á estampa pelos proprios autores e que andarão por muitas mãos em numerosas cópias manuscritas? O que mais de pronto lembra é, que taes differenças de texto provirão de emendas feitas pelos mesmos autores; mas tambem é possivel, pelo menos algumas vezes, que o possuidor de uma cópia, para, a seu juizo, melhorar o texto, substituisse um ou mais versos do original por outros seus ou até inserisse estancias da propria lavra, e que depois estas modificações, feitas á margem ou em entrelinhas, viessem em novas cópias tomar o lugar do texto primitivo. A esta ultima origem é que nos parece dever attribuir-se a estancia 92 *a* da ecloga de Christóvão Falcão.

IV

Ordenando, pois, uma edição, verdadeiramente critica, das obras de Christóvão Falcão, seguimos em regra a edição de 1559 como aquella que menos eivada está de erros; deixámo-la, porém, onde a edição sem data e a propria edição de 1619 (reproduzida, como dissemos, pela de 1721) nos parecem corresponder ao texto original, apresentando sempre em commentario especial as lições diversas, quando existem, de todas as quatro edições, e tambem as divergencias que ha entre o texto dado pelo dr. Th. Braga e o da edição de Birckman.

No que toca a orthographia seguimos, como era dever, a das duas edições do século XVI, notando no commentario as graphias—até aquellas que são meros erros typographicos—assim da edição de Birckman como da edição sem data, quando são differentes das que vão no nosso texto. Só deixámos de notar taes differenças quando consistem em terem aquellas edições til por *m* ou *n* (v. g. *cõ=com*) ou as conhecidas abreviaturas de *que*, *-pre*, *nenhum*, *nenhũa* (tanto mais que, em geral, as abreviaturas nas obras impressas tinham por fim tornar possível o caber o verso ou uma palavra inteira na mesma linha), em representarem por *am* o ditongo *ão*, por *y* o *i* final tónico (v. g. *ahy*) e o dos ditongos *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, em cedilharem o *c* antes de *e* e *i*, e em representarem, como é uso constante nos tempos antigos, o som do *v* no interior das palavras por *u*. As differenças orthographicas das edições de Antonio Alvarés e de Costa Carvalho não as notámos.

As duas mais antigas edições põem na ecloga dois pontos no fim da primeira metade de cada estancia, e inicial maiuscula no principio das estancias e da segunda metade de cada estancia. Fóra d'ahi só casualmente empregão pontuação ou letras maiusculas. Na carta a edição de Birckman começa com letra maiuscula a primeira palavra somente, e, no que toca a pontuação emprega duas vezes a virgula e uma vez os dois pontos. Nenhuma das duas edições fazem uso do apostropho nem dos accents nem ligão as encliticas por meio do hyphen. Nós, a exemplo do que fez Kausler na edição do *Cancioneiro* de Rêsende, empregámos com regularidade as letras maiusculas e fizemos uso do apostropho, da risca de união e dos accents. Para facilitar as referencias numerámos as estancias da ecloga e os versos da carta.

V

Fecharemos esta introdução aventando uma conjectura acerca das datas relativas das duas composições que nos restão de Christóvão Falcão. A carta apresenta varios pensamentos que se encontrão na Ecloga e expressos de modo semelhante. Assim que parece-nos licito ver na carta um como que preludio da ecloga, tendo o poeta desenvolvido na ecloga as ideias que constituem o argumento da carta.

SIGLAS

A—edição de Antonio Alvares de 1619.

B— » » Birckman de 1559.

C— » » Costa Carvalho de 1721.

D—*A* e *C*

E—lição nossa.

F—*B* e *S*

S—edição sem declaração de lugar nem data.

T—lição do dr. Theophilo Braga, differente da lição de *B*.

EGLOGA

AUTOR

1. Antre Sintra, a mui prezada,
e ferra de Riba-Tejo
que Arrábida he chamada,
perto d'onde o rio Tejo
fe mette nagoa falgada,
ouve hum pastor e pastora,
que com tanto amor fe amárão,

A ecloga tem por titulo em *B* «Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal»; em *S* «Trouas de hum pastor per nome Chrisfal». *A* e *C* não trazem a rubrica «Autor».

Estancia I verso 1 *D* Entre Sintra mui. 3 *BA* que Arrabeda. *S* Carrabida. 4 *S* ho. Assim é que *S* escreve quasi sempre o artigo e pronome demonstrativo masculino o. Por isso notaremos só os lugares onde *S* deixa de por *h*. 5 *B* maguoa (erro typ.) falguada. *T* n'agoa salgada. 6 *T* Houve. 6 *S* huã. *T* um. 7 *B* amaram. Em *B*

A rubrica «Autor» e as demais rubricas da ecloga parecem-nos pertencerem ao manuscrito original. Rubricas semelhantes occorrem v. g. nas eclogas de Bernardim Ribeiro, no *Cancioneiro* de Rêsende I 80 sgg.

I 1. *antre*, fôrma corrente na litteratura antiga, ouve-se ainda na boca do povo em algumas partes do país. Factos phoneticos analogos são, por exemplo, *Anrique*, *ansinho* ao lado de *Henrique*, *ensinho*. Esta modificação dá-se unicamente em syllabas iniciaes átonas ou em palavras procliticas como é a preposição *entre*.

1-5. Revelar-nos-hão estes ver-

sos, segundo crê o dr. Th. Braga (obra citada, pag. 7), o sitio que viu os primeiros amores do poeta, ou, tendo na mente a lenda do pastor Endymião e de Diana, a deosa do promontorio da lua (lenda que era assumpto de um antigo soláo ao qual se refere Sá de Miranda na ecloga o *Encantamento*), descreverá Christóvão Falcão um theatro convencional de scenas amorosas?

6. *hum pastor e pastora*, com o artigo subentendido do primeiro substantivo para o segundo como neste lugar de Bernardim Ribeiro: Mas fe ha (=a) alma e entendimento | nam morrem com ho corpo (ecl. II).

como males lhe caufárão
d'este bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

2. A ella chamavão Maria,
e ao pastor Chrisfal,

o ditongo *ão* vem sempre escrito *am*, quer quando átono (v. g. *amaram*, preterito), quer quando tónico (v. g. nos futuros, *velaram*, est. 64), e isto tanto nos verbos como nos nomes (v. g. *cham*, est. 69) e nas particulas (v. g. *nam*). *ão* occorre unicamente em *mão* na est. 41, v. 10. *S* emprega as duas graphias arbitrariamente; escreve, por exemplo, *amaram* no verso 7.º d'esta estancia, e *caufárão* no 8.º. *T* nas fórmulas verbaes tónicas escreve *ão*. 8 *S* malles. 8 *B* cauffaram. 9 *F* este. *D* deste. 10 *S* cudaram.

II 1 *B* A ella. *S* Ella. 2 *F* e ao. *D* a elle. 2 *BD* Crisfal (sem-

8. *lhe* como plural, a não ser quando seguido do pronome enclítico *o* (v. g. *lh'o*) deixou de todo de ser corrente na litteratura, mas só no seculo actual.

8-9. A lição de *F* não dá evidentemente sentido que quadre a este lugar.

9. *fôra* equivale a *existira*. *E'* tomado em sentido optativo, cf. «Tempo foy que nunca fora» (cantiga anonyma do volume de Birkman); «tempo que foi e que nunca fora» (*Menina e Moça*, f. 8 v. da edição de Evora); «gloria | Que me fora melhor que nunca fora» (Sá de Miranda pag. 597 da ed. de D. Carolina Michaelis, á qual sempre me refiro); «hitoria d'este passado bem que nunca fora» (Camões, Son. 8).

10. *foi*=sahiu, veio no fim a ser. *E'* mui frequente nos escriptores antigos o trocadilho que consiste em entrar na mesma frase uma palavra em sentidos differentes. Assim tem o verbo *ser* neste verso a acceção que notámos e no verso antecedente a do «existir». De igual modo está em acceções differentes *mal* na est. 2 v. 4-5, *guardar* na 3 v. 8-10 e na 46 v. 7-8, *bem* na 4 v. 8-9, *chorar* na 8 v. 4-5, *dó* na 33 v. 4, *dar* na 58 v. 1-2, *de-*

fender na 78 v. 9-10, *vontade* na 80 v. 2 e 4, *comprir* na 91 v. 9-10, *passar* na 93 v. 6-7, *acordar* na 99 v. 9-10, *dobrar* na 100 v. 3 e 5. Tambem é analogo o trocadilho entre *grado* e *agradar* na 37 v. 9-10.

10. A fórmula *cudaram* que vem em *S* representa uma pronuncia popular em que o *ui* se condensou em *u* como em *cutello* de *cuitello* (=lat. *cultellus*), e que não é rara de encontrar nos autores antigos v. g. no dr. João de Barros (*Espelho de casados* f. 1 v.) *cudo*, em Leitão de Andrade *cudo* (pag. 60 e 98 da 1.ª ed. da *Miscellanea*), *cudei* (pag. 75), *cudando* (pag. 84).

II 1. Ainda no seculo XVI os pronomes femininos *esta*, *essa*, *ella* erão pronunciados com o *e* fechado. Quando se lhes antepunha a preposição *a*, esta particula contrahia-se frequentemente com o *e* inicial do pronome dando um *e* aberto. (v. g. *êsta*=*a esta*, *êste*=*a este*). Os passos do *Cancioneiro* de Resende em que se dá esta contracção forão colligidos por Cornu no tomo XII da *Romania*. E portanto possível que a lição de *S* (*ella* de *a ella*) seja a original.

ao qual de dia em dia
o bem fe tornou em mal,
que elle tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não fe ver tanto fentião,
que o dia, que não fe vião,
fe via na saudade
o que ambos fe querião.

3. Algũas horas falavão
andando o gado pacendo,
e então apacentavão
os olhos, que, em fe vendô,
mais famintos lhe ficavão.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidoado
de guardar melhor, que o gado,

pre assim). *S* Chriſſal (sempre assim). 3 *B* Dao, *S* ho, *T* e ó. 4 *D* fe
lhe tornou mal. 5 *S* elle mal. *D* elle bem mal. 6 *F* ydade. 7 *B*
veer. 8 *SD* o dia que fe nam viam. *T* o dia em que nam se viam.
9 *S* viam. 9 *T* na sua saudade. 10 *B* ambos fe. *SD* fe ambos.

III 1 *T* Algumas (*T* escreve sempre *huma*, *alguma*, *nenhuma*).
1 *S* oras. 2 *B* pacendo. *S* paciẽdo. 3 *B* fe apacentauam. 5 *FC* lhe.
4 lhes. *T* se. 6 *F* com quanto. *D* em quanto. 7 *SAT* pequena. 8 *B*

3. A contracção de *ao* em *o*
que ainda actualmente não é ra-
ro ouvir-se na prática familiar,
não se estranhava, no português
archaico, nas proprias obras lit-
terarias. Occorre, por exemplo,
no *Cancioneiro* de Rêsende (na
forma *ho*) III 175, 11; 616, 19;
624, 2; (na forma *oo*) II 523, 2;
III 144, 25; 176, 19; 659, 24; (na
forma *o*) III 560, 16, etc.; em
Bernardim Ribeiro nas eclogas
(*dar ho mar*), em Sá de Miranda
(*ó longe - e ó perto*, pag. 71). As-
sim que pôde ser que Christóvão
Falcão tivesse escrito *ho qual*.

8. Em *o dia que* ha a mesma
construcção que em *aquelle dia*
que na est. 5 v. 2-3, e neste lu-
gar do *Cancioneiro* de Rêsende
«Os dias que nam vos vejo |
moyro triste defejando (II 138,
7-8),

10. No português antigo a in-
tercalação de palavras entre as
fórmãs átonas dos pronomes (*me*,
te, *nos*, *vos*, *se*, *lhe*, *lhes*) e os ver-
bos tinha muito maior liberdade
do que actualmente. Não se po-
de, pois, determinar se é a lição
de *B* ou a de *S* a original.

III 1. Durante todo o seculo
XVI a pronuncia das fórmãs fe-
mininas de *um* e seus compostos
algum, *nenhum*, foi como até en-
tão, *ũa*, *algũa*, *nenhũa*.

3-5. Parece haver aqui uma
reminiscencia do passo de Lu-
crecio (I 35-36): (*Mavors*) *suspi-*
ciens tereti cervice reposta | Pascit
amore avidos inhians in te, dea,
visus, imitado tambem por Tasso:
E i famelici sguardi avidamente |
In lei pascendo (*G. L.* XVI 19,
1-2).

7. *piquena* é a graphia antiga

o que lhe Chrisfal dizia;
mas em fim foi mal guardado.

4. Que depois de assi viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim se ouve de saber
por Joana, outra pastora,
que a Chrisfal queria bem.
—Mas o bem, que a tal vem,
não ser bem maior bem fôra,
por não fer mal a ninguém.—

5. A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Chrisfal não era então
dos bñes do mundo abaftado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixão
não curava do seu gado.

melhor que ho guado. *T* melhor que o gado. *SD* melhor (*D* melhor) seu gado. 9 *A* do que. *C* de que.

IV 1 *B* Que depois. *S* Despois. *D*. Depois. 1 *CT* assim. 3 *S* d'alcançado. 3 *B* teer. *T* ter. 4 *DT* para (*C* sempre assim). 4 *FD* mor. *T* maior. 5 *SD* se ouve em fim. 8 *B* que de tal. *S* que do tal. *D* que a mal. *T* que de mal. 10 *F* fer. *D* vir.

V 1 *B* loguo. *T* logo. 1 *F* aquelle. *D* em o. 4-5. *S* traz invertida a ordem d'estes versos. 7 *SDT* bens. 8 *SD* de. 9 *S* de. 9 *A* que procurava da paixão. *C* quem procura da Paixão. 10 *C* nunca curava. 10 *DT* de. 10 *B* guado. *T* gado.

mais vulgar, correspondente á pronuncia que é ainda corrente não só no povo, senão ainda em pessoas cultas. O mesmo acontece com *melhor* (em que a passagem do *e* latino de *melior* para *i* é devida á influencia da consoante palatal *lh*).

IV 1. *Que* é particula causal, correspondente, no emprego, ao latim *nam* ou *enim*. De igual modo na est. 5 v. 9, na 11 v. 6, 12 v. 4, 13 v. 7, 15 v. 9. Ambas

as fórmãs, *depois* e *despois* se enconôtrão no português antigo.

8-9. *bem* nos dois primeiros lugares é synonymo de «bem-querer»; no terceiro, de «felicidade».

8. *a tal vem*=vem a dar um tal resultado.

V 1. *A qual*. Nos escritores antigos é corrente o emprego do pronome relativo em vez do demonstrativo á maneira do latim.

7. Este verso acha-se tambem na ecloga segunda de Bernardim Ribeiro.

6. E como em a baixeza
do fangue e penfamento
he certa esta certeza
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza,
enquerirão que teria
e do amor não curarão,
em que bem se descontarão
riquezas que falecião
por males que sobejarão.

VI 2 *SD* de. 3 *S* era certo. *D* está certa. *T* ha certa. 4 *B* mericimento. *T* merecimento. 5 *B* etaa too em teer. (*B* escreve sempre *foo*). *T* etaa só em teer. 6 *B* Enqueriram que. *T* Enqueriram o que. *SD* preguntaram ho que. 7 *T* o [erro typ.] do amor nam curaram. *S* que d amor nunca cuidaram. *D* que de amor [*C* d amor] nunca cuidarão. 9-10 *B* riquezas se faleciam | por males que fobejauam. *S* riquezas que falecia | por males que fobejaram. *T* riqueza se falecia | por males que sobejaram. *D* (se riqueza falecia) | mil males que fobejarão.

VI 3. Cf. na est. 80 v. 6 «Que me dão certa certeza (=certeza absoluta). Também Chiado na *Prática de oito feguras* diz: «Senhor, he certa certeza | viver homem descontente | naquesta vida prefente».

6. No português antigo, em orações interrogativas indirectas tanto se diz *que* como *o que*. Olhando a que em Christóvão Falcão as synereses violentas são pouco vulgares, temos por preferível a lição de *B*.

8-10. Evidentemente nem *B* nem *S* apresentam a lição original d'estes tres versos. Em *D* ha sem duvida uma tentativa de correccão, a nosso juizo, pouco feliz. A lição que damos no texto é a que nos parece provavel, sendo que só com ella conserva a construcção da frase antithetica («riquezas que falecião», «males que sobejarão») o parallelismo que o poeta certamente queria que houvesse. Não deve es-

candalizar muito a falsa rima de *teria*, com *falecião*. Não só na antiga litteratura e na poesia popular, senão até em poetas contemporaneos apparecem rimas falsas analogas. Do autor do *Ramo de flores* e das *Flores do campo* cita o snr. Leite de Vasconcellos (na *Poesia amorosa do povo português*, pag. 41) as rimas *foi* — *suppõe*, *justiça* — *pinça*, *confesso* — *immenso*, *outro* — *encontro*. Sá de Miranda rima *ũa* com *sua* (pag. 241) e *poo* (=pó) com *voo* (pag. 159).

7-10. *em que* é conjuncção concessiva; occorre ainda na est. 9 v. 2, 44 v. 4, 101 v. 6. *descontarão* é condicional (=descontarão). No português antigo dizia-se *descontar uma cousa por outra* ou *em outra* fallando-se de um bem ou um mal que é contrabalancado por outro mal ou outro bem, v. g. «Com pouco trabalho fizemos duas jangadas, mas bem se descontou isto no muito que

7. Então descontentes d'isto
 levárão-na a longes terras,
 escondêrão-na antre ferras
 onde o fol não era visto,
 e a Christal deixárão guerras.
 Além da dor principal,
 pera mor pena lhe dar
 puêrão-no em lugar
 mau pera dizer seu mal,
 mas bõo pera o chorar.

VII 1-2 *SD* tem invertida a ordem d'estes versos. 1 *D* descontente. 1 *SD* dislo. 2 *F* leuaramna. 4 Leuarão. *C* Levárão-no. 2 *SD* longuas. 3 *C* esconderão-no. 3 *B* entre hûas ferras. *S* antes ferras. *D* entre ferras. 4 *B* honde. 4 *S* ho fol nunca era visto. *D* fol nunca foy visto. 5 *BD* e a. *S* a. 7 *D* para. 7 *T* moor. 7 *B* daar. *T* dar. 8 *FA* puferamna. *CT* puzeram-no. 8 *B* luguar. *SDT* lugar. 9 *F* mao pera. *DT* máo (*T* mau) para. 10 *B* mas. *SD* e. 10 *B* boom. *SDT* bom. 10 *D* para.

depois tivemos» (*Historia Tragico-Maritima* I pag. 84) «e ffe por confentidor | pena algũa merecy, | desconte-ffe pola dor | que de ver-uos rregeby» (*Cancioneiro* de Rêsende I 378, 13-16); «E [o tempo] desconta [impresso erradamente *descanta*] em mil annos de desgosto | Hû'hora em que amoftrou alegre o rosto» (F. Alvares, *Lusitania transformada* f. 75 v.); outro exemplo ainda nesta ecloga na est. 44 v. 44-45.

VII 2. E' possivel que *longas* seja a lição original. Orta no cap. 17 dos *Colloquios* diz: «de longas terras», e Manoel Machado de Azevedo: «Os santos de longas terras | Sempre forão mais buscados (na edição de Sá de Miranda já citada, pag. 673). Tambem *longus* tem ás vezes em latim a significação de «alongado, longinquo», v. g. *longas terras et ignotas regiones peragravi* (Pseudo-Quintiliano no *Diccionario latino* de Freund); *aquatione enim longa*

utebatur (o autor do *Bellum Africanum* 51).

3-4. Do mosteiro de Lorvão escreve A. Herculano: «mosteiro melancholico e mal assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados» (*Opusculos* I 195). No 4.º verso e nos versos 1-5 da est. 77 haverá uma reminiscencia dos versos 375-378 (da ed. de Boissonade) da *Electra* de Sophocles, assim traduzidos por Belloti: «In punto stan, se il lamentar non cessi, | Di relegarti ove del Sol la luce | Non vedrai più: da queste mura lungi, | Viva rinchiusa in sotterraneo speco, | Te ne dorrai?»

5. *guerra* por «inquietação atormentadora», é frequente no português antigo, v. est. 50 v. 2, 92 v. 4, e «nam queiras por outrem dar | a ty mesmo tanta guerra» *Cancioneiro* de Rêsende I 127, 19-20; «saudade me daa guerra» *ibid.* II 491, 19.

8. Alli os dias passava
em magoas da alma saídas
dizer a quem longe estava,
e chorava por perdidas
as horas que não chorava,
em valle mui solitario,
fombrio e faudoso
fendo monte temeroso,
pera o choro necessario
pera a vida mui danoso.
9. Dizer o que elle sentia,
em que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que escrevo
são as que elle dizia.
Alli sobre hũa ribeira
de mui alta penedia,
d'onde a agoa d'alto caía,
dizendo d'esta maneira
estava a noite e o dia.

VIII *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *B* maguoas. *T* magoas. *S* magaas. 2 *S* d alma. 2 *B* saidas. *S* saydas. 6 *B* vale. 6 *S* muy salutario. 7 *S* e muy faudofo. 9 *S* pera chorar.

IX 1 *FA* elle. *C* amor. 2 *BC* em que. *SA* que. 4 *FD* mas. *T* nem. 7 *F* de. *D* da. 8 *B* a agoa. *ST* a agoa. *D* agoa. 8 *D* de alto. 8 *B* caya. *SD* corria. 10 *B* a noite e o dia. *S* noyte he dia. *D* de noite e dia.

VIII A segunda metade d'esta estancia que não vem em *D* não se liga bem, grammaticalmente, á primeira parte, nem apresenta sentido claro. Duvidamos pois bastante da sua authenticidade.

2-3. Cf. *Lusiadas* IX 82, 4 «as namoradas magoas que dizia».

4-5. Cf. «A ora ey por perdida | que passo sem na oulhar (*Cancioneiro* de Rêsende III 56, 15-16).

te o infinito ao verbo *atrever-se*, (como «*Dizer—não me atrevo*») e aos demais verbos que actualmente se construem com a preposição *a* é vulgar no português antigo.

2. Christóvão Falcão emprega em outros lugares (est. 12 v. 8, 22 v. 1) *que* na acceção concessiva de *em que*. Não é portanto impossível ser a lição de *S* a originaria.

8. Cf. «agua que cai de alto» Sá de Miranda, pag. 81.

IX 1-2. Ligar immediatamen-

FALLA CHRISFAL

10. Os tempos mudão ventura,
—bem o fei pelo passar,—
mas por minha grão tritura
nenhuns poderão mudar
a minha desventura.
Não mudão dias nem annos
ao triste a tristeza,
antes tenho por certeza,
que o longo uso dos danos
fe converte em natureza.
11. Coitado de mim, coitado,
pois meu mal não fe amança
com choro nem com cuidado.
Quem diz que o chorar descança,
he de ter pouco chorado;

X *B* não tem a rubrica «Falla Chrisfal». 2 *S* e eu *fy* pellos
passar. *D* e em tudo o vejo passar. 3 *D* mas he por minha tritura.
4 *B* puderam. *SD* puderam. 6 *B* tempos nem annos. 9 *B* longuo.
T longo. 9 *B* vfo. *T* uso. *S* hufo. 9 *SD* dos annos. 10 *B* couerte.
T converte.

XI 1 *S* mi. 1 *B* (no fim do verso) coitado. *T* coitado. 2 *F*
pois. *D* que. 2 *F* amança. 4 *BD* o chorar. *S* chorar. 4 *B* descança.

X A falla de Chrisfal vae até
a estancia 103 exclusive.

1. Este proverbio encontra-se
tambem, por exemplo, na trova
n.º 28 (anonyma) do Cancioneiro
de Evora publicado por Hardung.

2. *pelo passar*=por havê-lo já
experimentado. E' o que Cicero
exprime dizendo: *qui quam crebro
accidat, experti scire debemus* (*pro
Milone* § 63).

4. Creio que não padece du-
vida que o verbo *poder* se ha-de
considerar no futuro e não no
preterito, e que portanto o *pude-
ram* de *B* é erro de copia ou ty-
pographico.

9-10. Cf. «calejados já, e afei-

tos, não tinham em conta nada,
ventos, nem agoas, frios e ne-
ves, quer de dia, quer de noite,
todas as horas e momentos, tudo
o que de antes os atemorizava,
lhe ficava já em natureza», Hen-
rique Dias na *Historia Tragico-
Maritima* I pag. 391.

XI 4-5. Na frase ha uma ana-
coluthia propria da linguagem fa-
miliar. Está *he de* (=provêm de),
como se antes, em vez de *quem
diz* estivesse *dizer* *alguem*. De
igual modo lê-se nos *Dictos da
freyra*: «Quem he solto de lin-
goa he de o ser da consciencia»
(pag. 33 da ed. do sr. Tito de
Noronha).

que quando as lagrimas fãõ
por igual da caufa d'ellas,
virá descanso por ellas;
mas como descansarão
quando fãõ mais as querelas?

12. Com tudo olhos de quem
não vive fazendo al,
chorai mais que os de ninguem,
que o que he pera mor mal
tenho já pera mor bem;
lagrimas manfo e manfo
profigão em feu officio;
que não fação beneficio,
não fervindo de descanso
fervirão de sacreficio.

13. Minhas lagrimas cançadas,
sem descanso nem folgança,
a minha triste lembrança
vos tem tão aviventadas
como morta a esperança;
correi de toda vontade,

6 *B* Que quando. *SD* Quando. 7 *S* yqual. 8 *B* viraa. 8 *BC* descanso. 8 *F* por. *D* com. 9 *F* descansaram. *T* descansarão. 10 *B* pois que. *SD* quando. 10 *FD* querellas.

XII *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* vivẽ. 4 *B* para maior. *S* pera mor. 5 *B* jaa (sempre assim, menos na est. 83 v. 4) para maior. *S* eu pera mor. 6 *S* e manço. 7 *B* profiguam. *T* prosigam. 7 *B* ofício. 9 *B* descanso. 10 *T* serviam. 10 *F* sacreficio (*B* com o segundo *c* cedilhado como de costume). *T* sacrificio.

XIII 1 *B* cançadas. 2 *B* descanso. 4 *F* tam auiventadas. *D* já tam aumentadas. 5 *B* morta a. *S* mortas da. *D* mortais de. 6 *F*

8. *virá* é futuro potencial (=é possível que venha).

10. Evidentemente ha-de haver no fim do verso ponto de interrogação e não como está na edição do dr. Th. Braga, ponto final.

10. *querela*=motivo de queixa, dissabor, dor; cf. «os rremedeos que nos dauam, | muyto mays nos renouauam | as que-

relas» *Cancioneiro* de Rêsende II 213, 10-12.

XII 7. Cf. «em cujas concavidades o mar fazia seo officio com sons e bramidos continuamente», *Historia Tr. Maritima* I 427.

XIII 5. Cf. «sendo morta a esperança» *Cancioneiro* de Rêsende I 291, 9.; «vos fez morta a esperança» *ibid.* 318, 13.

que esta vos não faltará;
 mas isto como ferá?
 pedi-la-ei á faudade,
 a faudade m'a dará.

14. Todos os contentamentos
 da minha vida passárão,
 e em fim não me ficarão
 senão descontentamentos,
 que de mim se contentarão.
 D'estes polo meu pecado
 —inda que nunca pequei
 a quem amo e amarei—,
 nunca desacompanhado
 me vejo nem me verei.

15. Faz-me esta desconfiança
 ver meu remedio tardar,
 e já agora esperar
 não ouça minha esperança
 por me mais não magoar.
 Se por isto desfmereço
 dê-se-me a culpa assim,

Correi de toda. *A* Soccorrer m ey á. *C* Soccorrey me á. 7 *B* vos nam faltara. *ST* nam faltará (*S* sem accento). *D* nunca faltará. 8 *F* yfto. 8 *B* feraa. 9 *F* pedila ei. *T* pedil-a-hei. 10 *B* e a faudade. *S* faudade. *D* a faudade. 10 *B* daraa.

XIV *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* de. 5 *B* que de mim. *S* e de mi. 6 *B* D'estes polo meu pecado. *T* D'estes pelo meu pecado. *S* Estes pello meu pecado. 7 *F* ynda. 10 *T* nem verei.

XV 1 *B* me esta. *S* mesta. 2 *F* remedio. *D* temido. 3 *B* aguora. *T* agora. 3 *F* esperar. *D* o esperar. 5 *B* por me mais nam. *S* por se mais nam. *D* pera [*C* para] me mais. 5 *B* magoar. *T* magoar. 6 *B* yfto. *T* isto. *SD* illó. 7 *B* defeme a culpa assim. *S* de fer

XIV 5=que gostarão de estar comigo.

6. *pecado* está em sentido colectivo.

7-8. *pequei a* — é syntaxe da Vulgata: *tibi soli peccavi*; cf. «nem te errasse», *Lusiadas* II 39, 6.

XV 1. *esta desconfiança* é complemento de *faz*; o sujeito é *ver meu remedio tardar*.

6. *por isto* quer dizer: por já renunciar a toda a esperança a fim de não me magoar mais.

e seja já com a fim,
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

16. Meu coração, vós abriſtes
caminho a meus cuidados
pera virem fer banhados
na agoa de meus olhos tristes,
tristes, mal galardoados.
Necessario he que vamos
algun remedio buscar
pera se a vida acabar;
est' o bem que deſsejamos,
est' o noſſo deſsejar.

17. Iremos pella estrada
per onde os tristes vão,
porque nella por rezão
deve fer de nós achada,
achada conſolação.
Sobir-me-ei ao pensamento,
que, alto, de alli verei,

minha a culpa aſim. *D* ſeja minha pena aſſim. 8 *F* e ſeja ja [*B* jaa] com. *D* ou ſeja ja como. 8 *FD* a fim. *T* o fim. 9 *B* que ha. *S* qua.

XVI 3 *BD* virem a fer. 4 *D* nagoa. 4 *BD* de. *S* dos. 8 *B* para. 9-10 *B* este bem que deſsejamos | este noſo deſsejar. *S* este bem que deſejamos | este voſſo deſejar [*S* sempre «deſejar», «deſejo»]. *D* Este he o bem que deſejamos | este he o noſſo deſejar. *T* este o bem que deſejamos | este o noſſo deſejar.

XVII 1 *B* Hiremos. *ST* Iremos. 1 *F* pella. *DT* pela. 2 *BD* por. *S* per. 3 *B* nella por. *S* neſta de. *D* em eſtes de. 5 *B* achada. *SD* alguã. 6 *S* Sobirmey. *D* Subirmey. *T* Sobir-me-hei. 7 *S* que he

8. *ſim* (aqui=morte) no portuguez antigo tambem é feminino, v. g. no *Cancioneiro* de Rêſende I 401, 16; 484, 24; III 422, 19. Ainda hoje, ſegundo me informa o ſnr. Leite de Vasconcellos, em algumas partes ſe diz «a fim do mundo».

XVI 9-10. A graphia *deſsejar* (constantemente empregada em *B*) é uſual no portuguez archaico (é aſſim que a palavra vem ſempre eſcrita, por exemplo, na

edição Eborenſe de Bernardim Ribeiro); representa, em noſſo entender, a pronuncia originaria conforme a etymologia (do latim popular *dissidium* por *desiderium*).

XVII 4-5. Preferimos a lição de *B* (*achada*) á de *S* e *D* (*alguã*), porque ſemelhantes repetições eſtão no goſto de Chriſtóvão Falcão e da eſcola a que elle pertence; cf. eſt. 16 v. 4-5; 17 v. 7-8; 18 v. 5-6; 19 v. 2-3, 7-8.

verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos ei.

18. Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou?
porque, quem me a mim levou
meu alongado prazer,
nenhum bem ver me deixou;
Deixou-me em escuridade,
hum mal sobre outro fobejo;
pello que triste me vejo
tão longe da liberdade
como do bem que dessejo.

19. Verei a vida que em vida
sem vista tanto aborrece,
aborrece a quem padece
tristeza mal merecida
que minha fé mal merece.
Levarão-me toda a gloria
com qanto bem dessejei,
dessejei e alcancei;
ficou-me só a memoria
por dor de quanto passei.

20. Lembrança do bem passado,

alto da hy. *D* que d'alto delle. 8 *B* ou. *T* eu. 10 *SD* quanto perdido.

XVIII 1 *B* poderaa. 3 *BC* me a mim. *S* m a mim. *A* me a mi. 4 *B* meu alongado. *S* meu aleyxado. *D* o meu passado. 5 *F* bem ver. *D* prazer. 5 *S* leyxon. 8 *F* pello [*ST* pelo] que triste. *D* polo qual nisto. 10 *T* desejo.

XIX 1-2 *B* a vida que vida | bem vista. *S* a vida que em vida

XVIII 2. O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'este verso.

4. *alongado*=posto longe.

XIX 1-2. De commentario ás palavras *vida sem vista* serve o verso 2.º e 6.º da estancia precedente.

5. *fé*=lealdade (em particular no amor).

6. *gloria* no portuguez antigo significa frequentemente: grande prazer, contentamento, júbilo; cf.

«nã pode auer Gloria perfeyta sem o Casamento», *Espelho de cafados* f. 24 v. da 1.ª edição.

9-10. E' o pensamento do conhecido passo do canto V do *Inferno* de Dante «nessun maggior dolore | Che ricordarsi del tempo felice | Nella miseria».

XX 1. Este verso acha-se tambem em uma das cantigas anonymas do volume de Birckman; em Sá de Miranda: «me-

que não divêra paſſar,
eſta me ha-de matar.
Dá-me tal dor o cuidado,
qual ſe não pode cuidar.
Nada, ſe não for a morte,
me dará contentamento,
ſegundo fei do que ſento;
não ſento prazer tão forte
que conforte meu tormento.

21. Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou;
que ouvido não poſſa fer,
já me algum bem ficou,
que he meu mal poder dizer.
Mas, triſte, não fei que digo,
iſto he falar a eſmo,
que aſſaz me foi enemigo
quem ſe vingou de mi meſmo
com me ſó deixar comigo.

[bem viſta. *DT* a vida que em vida | ſem viſta. 3 *B* aborece. *T* aborrece. 3 *B* a quem. *S* ho que. *D* que. 5 *BD* que minha fee. *S* a minha fe. 10 *F* por. *D* pera [*C* para]. 10 *B* door. 10 *F* de quanto. *D* do que.

XX 2 *T* devera. 3 *F* matar. *D* acabar. 4 *B* tal door o cuidado. *S* tam duro cuydado. *D* tam grande cuidado. 5 *F* qual. *D* que. 6 *F* *A* for. *C* fora. 7 *B* daraa. 7 *C* contamento. 8. *S* fei. *D* fer. (Em *A* não eſtá clara a ultima letra; em *B* eſtá apagada eſta palavra, como tambem a palavra *ſento*). 9 *BD* nam. *S* nem 9. *D* ſinto. 10 Da palavra *tormento* eſtão apagadas em *B* as letras menos a primeira e a ultima.

XXI *A* e *C* não trazem eſta eſtancia. 2 *S* leixou. 3 *B* non. *ST* não. 3 *B* feer. 5 *B* que he (*T* que é). *S* ſem. 7 *F* yſto. 7 *F* falar. *T* fallar. 8 *B* enemigo. *T* enenigo. *S* de enemigo. 10 *B* com me ſoo. *S* começo. 10 *B* comigo. *T* commigo.

moria | D'aquelle bem paſſado» (pag. 597); em o numero 67 do *Romancero general da Biblioteca de autores eſpañoles*: «Memoria del bien paſado».

2. A fórma *divera* occorre tambem na Carta (verso 112).

8. A forma *ſento* é vulgar ainda no ſeculo XVI; assim encon-

tra-se tambem rimando com *tormento* nos *Ditos da Freyra* (pag. 80 da edição do sr. T. de Noronha).

XXI 8. A lição de *S* «aſſaz—de enemigo», é poſſivel que ſeja a verdadeira, por iſſo que tal construcção era vulgar no portuguez antigo.

22. Que me queira consolar,
o meu mal não tem conforto,
nem eu lh'o posso buscar;
pera o prazer sou morto
e vivo pera o pesar.
Quanto mal tão desfairado,
e todos pera dar fim!
Tudo me he contrairo assim:
descuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.

23. Vida de tão longos males,
como não canças de fer!
que eu canfo já de viver,
e o eco d'estes valles
canfa de me responder.
As ribeiras em eu vê-las

XXII 1 *FD* queira. *T* quiera. 2 *B* o meu. *SD* ja meu. 4 *B* para o prazer fou. *S* eu pera viver fam. *D* pois para viver fou. 5 *B* para o pezar. *SD* pera ho [*D* para o] patlar. 7 *DT* todo. 7 *BC* para. 7 *DT* contrario. 7 *BA* affi. *S* afim. *CT* assim. 9 *B* guado. 10 *S* my.

XXIII 1-2 *S* e *D* tem invertida a ordem d'estes versos. 1 *B* longuos. *T* longos. 1 *S* malles. 2 *B* cança. *T* canças. *S* canças. *D* canfas. 3 *F* que eu canço ja [*B* jaa]. *D* pois que canfo. 4 *F* Eco. *T* Ecco. 4 *B* vales. 5 *F* cança. 6 *F* em eu. *D* fo em. 6 *FA* velas. *C*

XXII 4-5. A antithese entre «*pesar*» e «*prazer*» encontra-se frequentemente na nossa antiga litteratura: «Quanto mays vejo prazer | tanto mays sento o pesar», *Cancioneiro* de Rêsende I 329, 20-21; «meu prazer sera pesar», ibd. II 54, 2; «em pesar he convertido o prazer» Joanna da Gama, *Trovas* pag. 83 da edição do sr. T. de Noronha.

7. *todos*=*todos* elles. O singular é, em frases como esta, inadmissivel em português. O emprego do plural é uma synese devida ao sentido colectivo de «quanto mal», que equivale a «quantos males». (De modo se-

melhante, Demosthenes na terceira Philippica ligou ao pronome *τις* empregado em sentido colectivo [«alguem» = algumas pessoas] o participio do plural *μευνηένωι*, *pera dar fim*=capaz de dar morte; «dar fim» por «matar» tambem occorre, por exemplo» no *Cancioneiro* de Rêsende II 18, 36. (O dr. Th. Braga não põe nenhuma pontuação depois de *fim*).

XXIII 2. *ser*=existir. (O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'este verso).

6-8. Cf. «das lagrimas desmedidas, | verdadeyras, | vam as

correm mais do que he feu foro
entrando meu chorar nellas,
e, pois ajudão meu chôro,
quero fô falar com ellas.

24. Companheiras do meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde caís desigual,
parece que me dizeis:
Porque não choras, Chrisfal?
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noute sonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

25. Despois de ontem deixar
de vos contar os meus males
fui-me cá baixo deitar

valles. 7 *FA* foro. *C* fora. 8 *B* chorar. *SD* choro. 9 *B* ajudam meu. *S* ainda que. *D* ainda não. 10 *S* foo. 10 *ST* fallar.

XXIV 1 *S* de. 2 *D* de alto. 3 *D* donde. 5 *S* chorrais. 5 *S* crisfal. 6 *B* amiguas. *T* amigas. 7 *B* noute. *SDT* noite. 7 *B* sonhei. *SD* paffey. 8 *B* ho. *T* o. 8 *B* me dei. *SD* tomei. 9 *B* minhas. *SD* as minhas. 9 *FT* muitas fadigas (*B* fadiguas). *D* penas antigas. 10 *B* fadiguas. *T* fadigas. *S* fadigas as. *D* fadiga.

XXV 1 *FA* despois. *CT* depois. *F* ontem. *T* hontem. 2 *B* malles. *SDT* males. 3 *B* caa baixo. *S* abayxo. *D* debaixo. 3 *B* gei-

agoas das rybeyras | muy creçy-
das» Diogo Brandão no *Cancio-
neiro* de Rêsende II 202, 3-6; *Ina-
chus unus abest imoque reconditus
antro* | *Fletibus auget aquas*, Ovi-
dio, *Metamorph.* 583, 584.

XXIV 3. *desigual* parece estar
tomado adverbialmente na acce-
pção de «com grande força». O
adjectivo *desigual* por «descom-
munal, immenso» é muito fre-
quente no português antigo, v.
g. «a desigual tristeza e conti-
noa paixaa» Pina, *Chronica de
D. Duarte*, pag. 187; «guerra
desigual» Sá de Miranda, pag. 68.

8 «o qual»=o que, referido a
um sentido, é corrente no portu-

guês antigo. Nesta ecloga occur-
re ainda na est. 49 v. 2; em Gar-
cia d Orta, no Colloquio XXI. A
frase «tomar dor, prazer, etc.»,
correspondente ao latim *dolorem*
etc. *ex aliqua re capere* é vulgar
nos nossos escritores antigos, v.
g. «Quanto cuydado tomei | por
nam ter este cuydado!» *Cancio-
neiro* de Rêsende I 402, 12-14;
«nam tomei nenhum prazer»
ibid. 461, 30; «dar-se dor» é que
não nos parece que facilmente
se encontre.

XXV 3. O verbo *geitar* pare-
ce-nos que já era antiquado no
tempo de Christóvão Falcão; por
isso preferimos a lição de *S*.

no mais baixo d'estes valles
 antre pezar e pezar.
 Onde despois que aos ventos
 descobri minhas paixões,
 gastadas muitas rezões,
 mudei os meus pensamentos
 em minhas contemplações.

26. Contente de descontente,
 a noute sendo calada,
 como he certo em quem sente,
 não ficou cousa passada
 que me não fosse presente.
 Vindo-me á memoria dar,
 quando andava com o gado
 ter com Maria sonhado,
 fez-me o dormir deffejar
 de mim pouco deffejado.

tar. *SD* deitar. 4 *F* baixo destes. *D* fundo deffes. 4 *T* vales. 5 *T* entre pezar e pezar. *S* valles bem de meu penar. *D* valles bem de meu pezar. 6 *FA* deipois. *CT* depois. 6 *BD* aos. *S* os. 8 *FA* rezões. *CT* razões. 9 *B* hos. *SDT* os. 10 *B* em. *S* a. *D* as.

XXVI 1 *C* descontento. 2 *SD* noite. 3 *BD* he certo [*C* certa] em. *S* nam he a. 5 *B* prezente. *T* presente. 6 *D* E vindome á memoria [*E'* o verso todo]. 7 *B* em quão. 9 *S* fez mo dormir defejar. *D* fezme defejar por gloria. 10 *S* de mi. *D* fonho.

5. Cf. «entre cuidado i cuidado», Sá de Miranda, pag. 99 (composição castelhana).

8. rezões=palavras juntas em frase, discurso.

9-10. Parece-nos que o sentido é: passei de fallar a meditar em silencio.

XXVI 1. Quanto á antithese cf. «d'esperar desesperado» *Cancioneiro* de Rêsende I 322, 2.

2. Nas construcções correspondentes aos ablativos absolutos latinos o português antigo punha frequentemente o participio depois do seu sujeito. No artigo sobre a edição dos *Versos* de Bernardim Ribeiro (*Revista*

Lusitana II pag. 281) apontámos alguns exemplos.

3. *he certo*=costuma acontecer.

6-10. *Vindo-me á memoria dar* (=lembrando-me) faz as funcções de sujeito do verbo *fez*. É uma oração de participio empregada em vez de uma oração infinitiva (*o vir-me á memoria dar*). A mesma construcção ocorre na estancia 36 v. 3-4. A oração temporal *quando andava com o gado* pertence não para *Vindo-me á memoria dar* (como pensa o dr. Th. Braga que não põe virgula no fim do 5.º verso, mas no fim do 6.º), senão para *ter com Maria*

27. E crendo que aproveitasse
 pera meu contentamento
 fe eu com ella fohasse,
 deu-me lugar meu tromento
 que algum pouco repouasse.
 E como cansado estava
 do que no dia passei,
 a dormir pouco tardei,
 e adormecido fohava
 o que vos ora direi.

SONHO

28. Sonhava, em meu sonhar,
 onde dormindo estava
 alli velando estar,
 quando da parte do mar

XXVII 1 *B* E crendo. *SD* crendo. 2 *FA* pera. *CT* para. 3 *B* fe. *SD* que. 4 *T* deu-me logar meu tormento. *S* e de lugar a meu tormento. 5 *A* dei lugar a meu tormento. *C* deu lugar a meu tormento. 6 *BD* que algum. *S* alguê. 7 *B* E como cansado. *S* Porem cansado. *D* Com quanto cansado. 8 *B* a. *SD* em. 9 *B* e adormecido. *S* adormecido. *D* e adormecendo. 10 *B* vos hora [*T* ora] direi. *S* vos agora direi. *D* agora vos direi.

XXVIII. *B* não traz a rubrica «Sonho». 2 *S* honde. *D* quan-

fohado. o dormir é complemento de deſſejar. A frase é um tanto confusa, o que explica a variante de D, que, em nosso entender, representa uma substituição do texto originario que não foi bem comprehendido. Tambem a preposição em que B traz antes de quando e que deveria pertencer para ter com Maria fohado, parece-nos ter a mesma origem, se é que o poeta não escreveu em quanto.

XXVII 4. A metathese do *r* em *tormento* não é rara na propria lingua litteraria antiga, v. g. em Bernardim Ribeiro.

8. Tão correcto é *tardar a como tardar em, fazer uma cousa.*

XXVIII. A narração do sonho vae até a estancia 99 exclusive.

Os artificios poeticos de sonhos e viagens extaticas são frequentes na poesia d'aquelles tempos; vejão-se exemplos no *Cancioneiro* de Resende I 286-313 (de Duarte de Brito), ibd. 406-408 (de D. João Manoel).

2-3. A oração relativa *onde*—está anteposta á demonstrativa *alli*—(como em latim se diria *ubi—ibi*, v. g. em Cicero de *re publica* 3, 31: *ubi tyrannus est, ibi —dicendum est plane nullam esse rem publicam*). Não devia pois o dr. Th. Braga deixar de pôr virgula depois de *sonhar* e pô-la depois de *estava*. A variante de *D* *quando* por *onde* é emendada de um texto que se imaginava errado.

grão vento fe alevantava;
o qual com tal sobrefalto
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto estremo alto,
que a vista me fallecia.

29. Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos á terra;
vi craro dia, não al,
e os valles e a ferra
tudo julguei por igual;
mas, como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já dessejasse,
temor tão pouco temido
não creio eu que se achasse.

do. 5 *D* grão vento fe leuantaua. 6 *B* Ho. *SD* O. 6 *S* con. 8 *B* e
que da terra me erguia [*T* m'erguia]. 9 *FD* estremo. *T* extremo.
10 *A* m'efalecia.

XXIX *A* e *O* não tem esta estancia. 1 *T* logar. 3 *S* onde ef-
taua o meu mal. 4 *B* e. *S* que. 5 *B* julgei. *T* julguei. *S* yulguey. 5
B fer. *S* por. 6 *S* auorrecido. 8 *T* desejasse. 10 *B* nam creio eu. *S*
eu nam creio.

1-5. Em *Sonhava* — *velando*
estar, quando—se alevantava ha
a mesma ligação de orações que
se vê no lugar de Cicero: *Piso*
ultimas Hadriani maris oras pe-
tivit, cum interim Dyrrachii mili-
tes domum—obsidere coeperunt; v.
a *Grammatica* de Madvig § 358
obs. 1; cf. «Não acabava, quando
hũa figura | Se nos mostra no ar,
robusta e válida» *Lusiadas* V 39.
alevantava é um imperfeito in-
choativo,=entrou a alevantar-se.

9. Em um pequeno numero
de palavras já no proprio portu-
guês litterário antigo se pronun-
ciava (como é corrente na pro-
nuncia familiar descuidada) *es* em
vez de *ex* (=eis). Taes são: *estre-*
mo (*Lusiadas* VI 66, 1), *estranho*
(*ibid.* VI 104, 8), *esperimentar* (*ibid.*
X 152, 5).

XXIX 3. *craro* é fôrma anti-
ga,=claro.

5. O emprego da preposição
por depois dos verbos de julgar,
em vez do simples nome predi-
cativo é extremamente vulgar
nos escritores antigos. Nesta
ecloga occorre ainda na estancia
37 v. 8 e na 40 v. 7-8. Cf. tam-
bem, quanto a syntaxe e ás
ideias: «á vista de longe pode
tudo julgar-se por hũa so pouoa-
ção (*Memorial das proezas da se-*
gunda Tavola Redonda, cap. 46,
f. 217 da 1.^a edição).

6. *Avorrecido* existe no portu-
guês antigo a par de *aborrecido*.

8. O conjunctivo *dessejasse*
em vez do indicativo *dessejava*
é devido a attracção exercida
pelo verbo subordinante «an-
dasse».

9. *temor*=cousa para temer,

30. Depois de me fer moítrado
 este perigo de morte,
 á terra mais abaixado
 contra a parte do norte
 fonhava que era levado.
 Antre Tejo e Odiana
 era o meu caminhar,
 donde poderei contar,
 fe o que notei nom me engana,
 coufas bem pera notar.

31. Porque vi muitos paſtores
 andar guardando seus gados,
 veſtidos d'alegres cores,
 bem fóra dos meus cuidados,
 mas não dos de feus amores,
 não querendo mais averes,
 nem querendo mais riqueza,
 por que amor tudo despreza;
 mas todos os feus prazeres
 forão pera mim trizteza.

XXX 1 *S* Depois de fer ja paſſado. *D* Depois de fer ſegura-
do. 1 *B* feer. *T* ser. 2 *F* eſte. *D* deſte. 2 *B* periguo. *T* perigo. 3
BD a. *S* da. 5 *S* fonhey. 5 *B* lauado. *T* levado. 6 *BD* Entre. 6 *F*
Odiana. *D* Guadiana. 9 *F* o que notey nã [*S* nã]. *A* a mente não.
C amante não. 10 *D* coufa. 10 *F* pera. *DT* para.

XXXI 3 *D* de alegres. 4 *F* dos. *DT* de. 5 *F* dos de. *D* das
dos. 6 *T* haveres. 8 *BD* porque. *S* que. 10 *F* foram. *D* erão. 10 *S*
pera my. *D* para mim.

perigo, como em latim *timor*
neste lugar de Ovidio: *loca plena*
timoris (*Metam.* X 29).

XXX 1. *fer moítrado*=offere-
cer-se á vista, apparecer; cf. es-
tancia 54, v. 6.

2. Cf. «quando me vy | fóra
d'aqueste periguo | de morte»
Cancioneiro de Rêsende I 305,
23-25.

3. *contra* (e *escontra*)=na di-
recção de, é vulgar no português
antigo.

9. A fôrma archaica *nom* oc-

corre ainda, como dicção procli-
tica, na segunda metade do se-
culo XVI, mas só, parece-nos,
antes de palavras (pronomes e
adverbios) que principião por *m*,
e o mais frequente é neste caso
desnasalar-se a vogal e dizer-se
v. g. «nô-mais» (*Chiado, Auto das*
regateiras, etc.).

XXXI 8. D'este verso parece
que é reminiscencia o verso de
Camões: «que tudo em fim tu,
puro amor, desprezas» (*Insiadas*
III 122).

32. Em hum valle descontente
 estar Natonio vi,
 d'estes affaz diferente,
 que casi o não conheci
 sendo bem meu conhecente,
 —aqueste he o pastor
 que já veio aqui buscar-me
 nom mais que por consolar-me—,
 e vi-o com tanta dor,
 que dor me dá o lembrar-me.

XXXII 2 *B* estaar. 2 *S* antonio. *D* Naconio. 3 *S* este afaz
 deferente. 3 *T* diferente. 4 *B* casi nam. *S* casi nam no. *D* quasi o
 não. 6 *D* Aquelle. 7 *E* que já veio aqui buscar-me. *B* que laa vejo
 aqui buscar-me. *S* que aqui veo buscar-me. *D* que aqy veyo bus-
 car-me. 8 *B* nam mais que por. *S* nomais se nam. *D* nam mais que
 a. 9 *B* vio. *T* viu. *S* veo. *D* veyo. 9 *B* door. 10 *B* door me daa o.
 lembrarme. *T* door me dá o lembrar-me. *S* me da dor alembrarme.
D que fez da dor alembrarme.

XXXII-XXXV. El-rei D. Ma-
 noel havia ajustado com o 4.º
 conde de Marialva, D. Francisco
 Coutinho, pae de D. Guiomar
 Coutinho, dar-lhe para genro o
 infante D. Fernando, seu filho,
 havendo o matrimonio de reali-
 zar-se em o infante chegando á
 idade devida. Quando, depois do
 fallecimento d'aquelle monarca
 (em Dezembro de 1521), D. João
 III tratava de cumprir a vontade
 do seu predecessor, D. João de
 Lencastre, 1.º marquês de Torres
 Novas e depois duque de Aveiro,
 entrou a publicar, que muito an-
 tes já dos contratos feitos por
 D. Manoel tinha celebrado um
 casamento clandestino com D.
 Guiomar, e que havia de revin-
 dicar nos tribunaes os seus di-
 reitos. A causa escandalosa, tra-
 tada no juizo ecclesiastico, durou
 até 1529 «e em fim reduzindo-se
 todo o peso d'ella á declaração
 e depoimento de D. Guiomar, foy
 dada sentença contra o mar-
 ques». (Fr. Luis de Sousa, *An-
 nuaes de D. João III* cap. 8.º). Fa-

ria e Sousa, no commentario á
 8.ª ecloga de Camões (pag. 336),
 vê nestas estancias uma allusão
 á historia das relações do mar-
 quês de Torres Novas (Natonio)
 com D. Guiomar Coutinho.

XXXII 3. *diferente*, porque os
 outros pastores estavam conten-
 tes e vestidos de côres alegres
 (est. 31), e Natonio profunda-
 mente triste e vestido de luto
 (est. 33).

4. Cf. «tam triste, tam demù-
 dada, | que casy a nam conheci»,
Cancioneiro de Rêsende I 310,
 33-34.

7-8. A lição de *B* não dá sen-
 tido; emendámos, pois, *laa* (=lá)
 em *ja* (=jaa, graphia constante
 de *B*) e *vejo* em *veio*; alguém pre-
 ferirá ler simplesmente com *S*
 «que aqui vejo buscar-me». O
 adverbio «aqui» entendemos que
 se refere á provincia do Alemte-
 jo (est. 30), patria de Chriffal,
 onde elle ainda se acha, por isso
 que só depois (est. 36) é que pas-
 sa o Tejo entrando na Beira.

33. Chorando lagrimas mil
estava comfigo só,
ao modo paſtoril
de dó bem pera aver dó
tinto o ábito vil.
Em hũa frauta tangendo
ao pé de hũa'rvore estava;
deſque da boca a tirava,
de dentro d'alma gemendo
em vez de cantar chorava.

34. Quifera-o eu conſolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dizia
«O' Guiomar, Guiomar,
em vós pus minha eſperança;
e quanto ella encobre
agora em dor ſe deſcobre;
perigos de confiança
fizerão do rico pobre».

XXXIII 2 *B* conſiguo. *T* comſigo. 2 *F* ſoo. 3 *BD* ao modo. *S* de modo de. 4 *F* de doo bem pera. *A* dado bem pera. *C* dando bem para. 4 *F* auer. *T* haver. 4 *F* doo. 5 *F* o [*S* ho]. *D* feu. 5 *B* habito. 5 *S* vill. 6 *B* Em. *S* Com. 7 *B* ao pee de hum. *S* ao pe de hũa. *A* junto de hũa. *C* junto de huma. 8 *F* boca. *T* bocca. 9 *F* dalma. *D* da alma.

XXXIV 1 *F* Quifera ho (*S* o). *T* Quizera-o. 1 *BD* eu conſolar. *S* conſolar. 2 *B* hia. *S* hya. 3 *FD* nam. *T* nom. 5 *B* O. *S* ho. 6 *B* vos. *SD* ti. 6 *F* pus. *T* puz. 6 *S* eſperaça. 7 *S* em quanto ella ſem cobre. *D* e quando ella ſe encobre [*A* encubre]. 8 *B* aguora em door. *T* agora em dor. 9 *F* perigos. *D* perigo. 9 *B* de confiança. *SDT* deſconfiança.

XXXIII 4-5. *de dó* (=luto)—*tinto o ábito vil*. Sem duvida eſtá aqui «vil» no ſentido do latim *vilis* (de mui baixo valor). (A paginas 13 da ſua edição das *Obras* do noſſo poeta eſcreve o dr. Th. Braga: «O *habito vil* refere-se á condemnação dos tribunaes canonicos e civis que sobre elle caíra por declarar o ſeu caſamento clandestino com D. Guiomar Cou-

tinho, promettida ao príncipe D. Fernando, irmão de D. João III»).

XXXIV 2. *em cujo poder ia é* expressão elliptica, por «aquelles em cujo poder eu ia».

9-10. Parece-nos que a lição de *B* é a exacta, referindo-se «perigos de confiança» a Natonio ter-se aventurado a acreditar no amor de Guiomar, vendo-se de-

35. Affi, por elle passando,
 «Natonio tenhas prazer»
 lhe dixe grão brado dando,
 té o da vista perder
 os olhos nelle deixando.
 Deos lhe dê contentamento,
 pois que nos fez a ventura
 companheiros na tristura;
 em que seu e meu tormento
 cada vez tem menos cura.

36. D'aqui fomos descorrendo
 até o Tejo passar,
 a agoa de quem eu vendo
 me foi dor sobre dor dar
 indo já dor padecendo.
 Chorando a lembrança d'ella
 virada foi minha face
 pera onde o gado paze
 da grande ferra da Estrella
 da qual o Zezare nasce.

XXXV 2 *S* Antonio. *A* Notonio. *D* Naconio. 3 *F* dixe. *DT* disse. 4 *B* tee o da vista. *SD* ate da vista ho. 5 *S* leyxando. 7 *F* pois que. *D* porque. 9 *B* em. *S* e.

XXXVI 1 *SD* discorrendo. 2 *B* atee. 3 *B* a agoa. *ST* a agoa. *D* as agoas. 3 *F* de quem. *D* do qual. 4 *C* me fuy dar sobre dor, dor. 4 *B* door. *T* dor. 5 *B* yndo. 5 *B* door padecendo. *T* dor padecendo. 6 *B* a lembrança della. *S* lembrança della. *D* lembranças difto. 8 *FA* pera. *CT* para. 8 *B* guado paze. *SD* gado paze. 10 *BD* da qual. *S* donde. 10 *B* o Zezare. *T* o Zézere. *S* ho zazare. *D* o Zezere. 10 *BD* nasce.

pois forçado a reconhecer, por infelicidade sua, que tal confiança fôra vã.

XXXV 2. No português antigo é frequente o emprego da 2.^a pessoa do presente conjunctivo em sentido optativo.

3. A forma archaica *dixe* conservou-se no seculo XVI a par de *disse*.

9-10. A particula concessiva *em que* (como em latim. *quamquam*, *etsi*, *tametsi*; v. Madvig, *Grammatica* § 443) apresenta es-

ta oração como rectificação da oração *Deos lhe dê contentamento*.

XXXVI 1. *fomos*, a saber: eu e «em cujo poder ia».

3. No português antigo *quem* empregava-se indifferentemente tanto fallando-se de pessoas como de cousas.

3-5. Sobre a construcção: *eu vendo* (por «eu ver») — *foi dar*, v. a nota á est. 26 v. 6-9. A agoa do Tejo deu-lhe dor sobre dor, porque fôra cerca da foz do Tejo a scena dos seus amores (est. 1).

37. Posto no feu alto cume
deixarom-me alli estar,
e meu coração prefume
que foi por me magoar,
como tinham por costume.
D'alli os pães fêmeados
ver a meus olhos deixarom,
que por não grados julgarom,
mas, posto que forão grados,
eu fei que não me agradarom

38. Já o sol se encobria
a este tempo e mais
ficando a terra lumbria,
e o gado aos currais
já então se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar
e os chocalhos do gado
com hum tão tão concertado,
que me fizerom lembrar
de quanto tinha passado.

39. † Por mais minhas queixas vâas

XXXVII 1 *F* no feu. *D* em o. 2 *S* ali. 2 *SD* deixaram. 4 *FA* foi. *C* fe foi. 4 *B* magoar. *T* magoar. 5 *SD* tinha. 5 *F* por. *D* de. 5 *DT* costume. 6 *B* pães. *T* pães. 7 *F* ver. *D* vir. 7 *B* deixarom. *SD* leixaram. 8 *B* por nam grados julgarom. *S* pam nam grados julgaram. *D* vâos não grado julgarão. 10 *S* magradaram. *D* me agradarão.

XXXVIII 1. *B* Jaa. *T* Já. 4 *BD* e o. *S* ho. 6 *D* ouuia. 7 *B* guado. 8 *B* toom. *SDT* tom. 8 *B* confertado *T* concertado. 9 *SD* fizeram.

XXXIX 1. *S* Por ferem as queixas vâas. *A* Por mais minhas

XXXVII Ainda na primeira metade do seculo XVI occorre nos verbos ao lado da fôrma—*rão* a fôrma—*rom*, v. g. em Bernardim Ribeiro *acabarom*, *andarom*, *derom*, *desemparrarom*, *determinarom*, *ficarom*, *fizerom*, *moverom*, *nascêrom*, *passarom*, *posêrom*. Em Christóvão Falcão só se encontra nesta estancia e na seguinte, e ainda assim unicamente na edição de Birkman.

9-10=ainda que fossem gradados, não me agradarião.

XXXVIII 2. *mais* parece-nos estar aqui por «cada vez mais».

8. Da fôrma *tão* é que veio, por apocope, *tom*.

XXXIX 1. O texto de *S* não dá sentidô que se ligue com o dos versos subsequentes. O de *B* está evidentemente corrompido. Não podemos alcançar por

vi berrar o gado moucho
 cuberto de finas lãas
 e affoviar o moucho
 com o triste cantar das rãas.
 Já as ferranas ao abrigo
 fe ião, os prados deixando,
 as mais d'ellas fospirando;
 hũa dizia «Ai, Rodrigo!»,
 outra dizia «Ai, Fernando!»

40. Hũa ciumes temia
 outra de si tem receo;
 hũa ouvi que dizia
 «Quão afinha a noute veol»
 outra «Já tarda o dia».
 E por este esperimento
 foi amor de mim julgado
 por nom menos occupado

queixas vãs. *D* Por mais minha queixa vã. 2 *B* guado moucho. *SA* gado mocho *D* gado macho. 3 *BD* de. *ST* das. 4 *B* afouiar o Moucho. *DT* affoviar o mocho. *S* affuruiava ho moucho. 5 *BD* com o. *S* e ho. 5 *BD* das raãs [*A* rãs]. *S* darraãs. 6 *BD* as ferranas. *S* ferranas. 6 *B* briguio. *SDT* abrigo. 7 *F* hiam 7 *BD* os prados deixando. *S* prados leyxando. 8 *FD* fospirando. *T* suspirando. 9-10 *DT* dizia.

XL 1 *S* ceumes. 2 *C* tam receyo. 3 *D* dizia. 4 *B* quanazinha. *ST* Quam azinha. *D* Quam afinha. 4 *SD* noyte. 4 *F*.1 veol. *C* veyo. 6 *F* esperimento. *DT* experimento. 7 *S* my. 8 *SC* nam. *A* não. 8 *S*

conjectura qual seria o texto original.

2-4. *moucho* é fôrma paralela de *mocho*, como *oulhar* (est. 42) de *olhar*. Ambas as fôrmas occorrem tambem, por exemplo, em Bernardim Ribeiro.

4-5. Cf. «As roucas rãas foauão | Num charco de agoa negra e ajudauão | Do passaro nocturno o triste canto», Camões, ecloga 2.^a

5. Na fôrma *darraãs* (em *S*) por *das raãs*, o *s* final do artigo é absorvido pelo *r* inicial seguinte. Cf. a fôrma popular antiga *João darregas* por *João das Regras*.

6. A lição *brigo* de *B* talvez represente uma pronuncia popular.

XL 4. O sr. Leite de Vasconcellos mostrou (*Revista Lusitana* II 284) que de *tã d'afinha* provém *tam nafinha* fôrma que se encontra na edição Eborense de Bernardim Ribeiro, e *tanajinha* que, segundo o mesmo douto romanista, se ouve, ou se ouvia ainda ha pouco, na Beira Alta. E' consequentemente possivel que existisse a fôrma *quanafinha* (resultante de *quã d'afinha*) correspondente a *tanafinha*, e que seja assim exacta a lição de *B*.

do que he o pensamento,
que nunca está descansado.

41. Antre estas, fô, faudosa
vi antre duas ribeiras
hũa ferrana queixosa
cercando hũas cordeiras,
—fendo cordeira fermosa—
como alli tem por ufo
em hũa roca fiando;
mas, como que ia cuidando,
cahia-fe-lhe o fufo
da mão de quando em quando.

42. Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino:

ocupado. 9 B o. SD he ho [D o]. 10 B eſtaa. T eſtá. 10 BC def-
cançado.

XLI 1 BD Antre eſtas. S Alli trite. 1 F foo. 2 F antre. D
ante. 4 B cercando. S carreando. D cercada de. 6 BD Como. S E
como. 6 FD tem. T teem. 6 B ufo. T uso. S hufo. 8 B como que
hia. S com ho que hya. D como quem vay. 8 F cuidando. D cu-
dando.

XLII 1 F parecer. D por parecer. 1 F deuino. T divino. D
benigno. 2 FA pera. CT para. 2 F melhor. T melhor. 3 B cantar

9-10. Cf. *agitatio mentis, quae
numquam acquiescit*, (Cicero, *Off*
I § 19); *hominis autem mens—sem-
per aliquid aut anquirit aut agit*
(id. ibd. § 105).

XLI 1. A ser a lição de B a
verdadeira, *antre* quer dizer «no
numero de» e não «no meio de».

4. O verbo *cercar* tem aqui
uma significação de que ainda
não encontrámos outro exemplo.
Porventura a lição de D é a cer-
ta, cf. «la borrega major—fe vino
al pastor, y todas las otras guia-
das por ella, o por el conosci-
miento de Sireno, le cercaron al
derredor» Jorge de Montemor,
Diana, pag. 184 da edição de
1565.

7-10. Cf. *Pavet illa metuque* |

*El colus et fusi digitis cecidere re-
missis*, Ovidio, *Metam.* IV 229,
230; «Quantas vezes do fufo fe
esquência | Daliana», Camões, So-
neto 41.

8. Nos escritores antigos ap-
parece ás vezes *como que fazia
uma cousa* por: *como se fizesse
uma cousa*, v. g. «Bati co punho
em meu peito | Como que me
confessava», Sá de Miranda, pag.
384; veja-se tambem adiante na
estancia 62 o verso 4.º

XLII 1. *parecer* = semblante.

3. *elle* refere-se a *parecer*. «um
cantar dino (ou, como hoje se
diz, digno) do parecer» quer di-
zer: um cantar correspondente
ao parecer, bello como era o pa-
recer. E' o pensamento que *La*

«Yo me yua, la mi madre,
a sancta Maria del pino»
O vestido lhe oulhei,
e vi que era hum brial
de feda e não de faial,
a qual eu afigurei
† a Menga, la del boscal.

canto de ledino. *T* cantou canto de ledino. *S* cantar captou em fi dino. *D* cantou cantar delle digno. 4 *DT* yva. 5 *F* sancta. *DT* Sancta. 6 *B* Ho. *S* O. 6 *B* oulhei. *SD* olhei. 7 *SD* breal. 8 *B* e nam. *SD* nam. 9 *B* a. *S* o. 9 *F* afigurei. *A* affigurei. *C* allegurei. 10 *B* a Mengua: la del boscal. *T* a Mengua la del bufcal. *SD* manga larga no bocal.

Fontaine exprime dizendo: *si votre ramage se rapporte à votre plumage*. Sobre a lição errada de *B* fallaremos no 3.º Excurso no fim do volume. Nas dicções de origem erudita ou semi-erudita o *gn* latino era no português antigo reduzido a *n*, por exemplo, *dino* (rima com *fino* nos *Lusiadas* II 95, e no plural, escrito *dignos*, com *meninos* em *B*. Estaço f. 179 verso), *indino* (*indina* rima com *determina* nos *Lusiadas* III 123), *benino* (rima com *destino* nos *Lusiadas* III 130), *malino*, *sino* (fallando-se de signo do Zodiaco, no *Memorial das proezas*, cap. 22), *manifico* (Fernão d'Oliveira, *Grammatica*, pag. 3 da 2.ª edição), *inorante* (*Cancioneiro* de Rêsende I 287, 4), *inoto* (ibid. 306, 10), *Ignacio* que ainda se pronuncia «Inacio», etc. (No *Cancioneiro* de Rêsende até se encontra *anus Dei*).

4. *la mi madre* é vocativo; cf. «Madre, la mi madre, | El amor esquivo | Me ofende y agrada» *Romancero general* já citado, n.º 1809.

8. O saial era uma especie de «burel muito grosseiro» (Bluteau, *Vocabulario*).

9-10. O entendimento geral d'estes dois versos, tanto na lição de *B* como na de *S* não apre-

senta porventura difficuldade. No texto de *B* parece dizer-se que a serrana se afigurou a Chrisfal ser certa personagem, sem duvida conhecida na litteratura. Effectivamente o nome feminino de *Menga* e do seu deminutivo *Menguilla* occorre, por exemplo, nos romances n.º 1582, 1597, 1626, 1627, do *Romancero General*. Mas por um lado não sabemos o que querem dizer as palavras *la del boscal* (ou *la del Boscal?*); por outro lado o emprego do relativo *a qual* naquelle lugar é violentissimo. No texto de *S* os versos *o qual* [sc. brial] *eu afigurei* | *manga larga no bocal* ligão-se perfeitamente aos tres precedentes continuando a descripção do vestuario da serrana. O singular «manga» está em sentido colectivo, equivalendo a «mangas» exactamente como acontece neste lugar do romance n.º 1719 do *Romancero General* «De tafetan cuello y vueltas, | Ancha manga y corto cuello»; a respeito do termo «bocal» cf. «e havia muitos que não trazião mais que o manto da camiza, e os bocaes por mostra» (*Historia Tragico-Maritima* I 338). Mas, ainda quando, em vez de *o qual*, lessemos (com *D*) *no qual*, a construcção «alguem afigurar uma cousa» por

43. Depois d'acabar seu canto
 dizia: «Ninguém me crea
 por me ver alegre tanto;
 visto-me á vontade alhea,
 e o meu cantar he pranto;
 anda a dor desfimulada,
 mas ella dará seu fruto;
 a minha alma traz o luto;
 de pouco fãõ esposada,
 mas descontente de muito.

44. Troquei amor por riqueza
 porque m'o trocar fizerom;
 mas bem pago esta crueza,
 que, em que cem contos me derom,
 descontarão-se em trizeza:
 meu esposo aborreço,
 quando me a lembrança vem
 do primeiro querer bem:
 ninguém venda amor por preço,
 pois elle preço não tem.

XLIII 1 *SDT* de acabar. 3 *B* veer. *SD* ver. 6 *B* door. 7 *F* ella. *D* cedo. 7 *B* daraa. 7 *SD* fruto. 8 *SD* luto. 9 *D* desposada. 10 *B* descontente. *T* descontente.

XLIV 2 *F* mo. *D* me. 2 *S* troquar. 2 *SD* fizeram. 3 *FT* pago [*B* pago]. *D* paga. 4 *SD* deram. *B* derom (mas o *m* está inteiramente apagado). 5 *B* descontente. *T* descontaram-se. 6 *S* aborreço. 6 *B* me a lembrança. *DT* me a lembrança. *S* lembrança me. 9 *F* venda. *D* troque.

«uma cousa afigurar-se a alguém» continuaria a ser muito estranha. Se não fosse tal estranheza de syntaxe, a lição que teríamos por mais provavel, seria: *a qual eu afigurei, | manga larga no bocal*, estando *a qual* com o valor de particula comparativa do mesmo modo que *a segundo* em «A segundo a policia Melindana» nos *Lusiadas* VI 2, e *a como* em «a como cahyr em soorte» no *Cancioneiro de Rêsende* I 271, 6.

XLIII 5. Cf. «Porque ese cantar fué llanto», Sá de Miranda, pag. 118.

9. A fôrma *são* como primeira pessoa é corrente ainda durante o seculo XVI.

XLIV 4-5. *derom* = dessem; *descontarão-se* = descontar-se-hião.

7-8. O dr. Th. Braga escreve: *quando me a lembrança vem | do primeiro querer bem*. Esta construcção, embora tenha correspondente no latim *mihi venit in mentem alicujus rei* (Madvig, *Grammatica*, § 291, obs. 3.^a), não me parece que fosse a que o poeta quis empregar.

9. Cf. «O chiunque tu fosti, che insegnasti | Primo a vender

45. Não tenho que lhe falar,
 fe não são coufas passadas;
 fe lhe estas quero contar,
 vão ser todas namoradas
 pera o pouco namorar.
 Fôra elle o meu amor,
 e vivêra eu pobremente!
 Que grande engano de gente!
 Que pobreza ha i maior
 que a vida descontente!

46. Quando com elle me affento
 mil vezes cáio em mingoa,
 porque, por esquêcimento,
 falando descobre a lingua
 o que está no pensamento.
 Faz-nos isto então ficar,
 eu muda, elle mudado;
 ama-me como he amado;
 pera me d'isto guardar,
 por bem ei o guardar gado.

XLV 1 *F* falar. *T* fallar. 2 *F* fam. *D* em. 3 *FD* contar. *T* cantar. 5 *F* pera o pouco. *D* para pouco. 6 *FA* o meu. *C* meu. 7 *BD* eu pobremente. *S* prouemente. 8 *F* de. *D* da. 9 *B* ha hi. *S* a hy. *T* he hi. *D* ay.

XLVI 1 *S* masento. 2 *BD* mil vezes. *S* a falar. 4 *B* lingua. *T* lingua. 5 *BD* esta [D esta]. *S* jaz. 6 *F* Faznos isto [*B* isto]. *D* Fazlho isto. 7 *F* eu muda elle. *D* eu mudo, e elle. 9 *D* para. 10 *B* por bom aj. *T* por bom ey. *S* por bem ey. *D* hey [*A* ey] por bem. 10 *BD* guardar o gado (*B* guado, *T* gado). *S* ho guardar gado.

l'amor, sia maledetto | Il tuo cerner sepolto. Tasso, *Aminta*, II 1.

XLV 1-2. No português antigo, quando, com «se não», se restringe a generalidade de um asêrto, empregava-se frequentemente uma oração condicional com o verbo «ser» (v. g. «se não são cousas passadas») em vez de se contrahirem em uma só oração os dois membros da frase («se não cousas passadas»).

4. (cousas) *namoradas* = de amores, relativas a amores, cf. «estas namoradas estranhezas» *Lusiadas* III 122.

5. *namorar* = dar contentamento; contrapõe-se-lhe *desnamorar* (cf. «polla mays desnamorar» *Cancioneiro* de Rêsende I 251, 10).

9. *ha i* corresponde ao francês *il y a*; encontra-se a cada passo no português antigo.

47. Maria perdi, mefquinha;
logo, em fermos apartadas,
do meu mal fui adevinha.
Milhor feção fuas fadas
do que foi a fada minha.
Deos a dê ao seu Chrisfal
por ambos contentes fer;
e mais não lhe quero ver,
mas já fei pello meu mal
o bem d'outrem escolher.»

48. Quando a eu affi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que milhor lhe ia,
quando a cantar ouvia
dando fé que em sua cama
o velho não dormiria.

49. Pena me deu de não crer
vel-la em tal tristeza posta;

XLVII 2 *BD* em fermos. *S* fomos. 3 *B* do. *SD* de. 4 *F* mi-
lhor. *T* melhor. 4 *BD* fejam. *S* feram. 6 *B* Deus a dee. *ST* Deos a
dê [*S* de]. 4 Deos de. *C* Deos lhe dé. 7 *B* feer. 8 *B* veer. 9 *B* jaa
fei. *S* caley. 4 ja fer. *C* ja sey. 9 *B* pelo. *S* pello. 10 *S* o.

XLVIII 1. *F* a eu affi [*S* affi] ouui. *D* eu affi ouuir. 2 *FD* de.
T da. 5 *B* amigua. *T* amiga. 6 *BD* e. *S* he. 7 *F* milhor. *DT* me-
lhor. 7 *F* hia. 8 *F* a. *D* a eu. 9. *B* fee. 9 *F* em. *D* na. 10 *BD* dor-
miria. *T* dormia. *S* dormeria.

XLIX 1 *BD* de nam [*T* não] crer. *S* nam querer. 2 *F* vella.

XLVII Segundo cremos, *logo*
em *sermos apartadas* equivale a
«logo ao sermos apartadas».

8. Parece-nos que o sentido
é: e não lhes desejo mais bem
(do que serem contentes; pois
que é o contentamento a maior
felicidade; cf. est. 45. v. 9-10; 86,
v. 4-5).

9-10. Por ser a lição de todas
as edições foi que deixámos ir
no texto *mas*; não padecer porém
duvida, a nosso ver, que tal con-

juncção não tem aqui lugar, mas
sim uma particula causal, natu-
ralmente «pois».

9. *pelo meu mal* = por minha
infelicidade.

XLIX 1. *Pena—de não crer* =
pena incrível; cf. Carta, v. 9.

2. «pôr em tal ou tal estado
de animo» é frase vulgarissima
no português antigo; cf. est. 58,
v. 5; 76, v. 4 e 9; 81, v. 6; «posta
em sossego» *Lusiadas* III 120.

quifera-lhe eu responder,
 mas trespôs hũa trespôsta,
 pelo qual não pode fer.
 Depois de ver-me sem vel-la
 os meus olhos me chorarão;
 quantas cousas lhe lembrarão
 que antre mim, Maria, e ella
 em outros tempos passarão!

50. Desque aqui com meu cuidado
 me estive fazendo guerra,
 fendo o dia já passado
 vi-me levado da terra
 contra as nuvês alçado.
 Então, como ave voante,
 de quem me alli trouxera
 sonhei que levado era
 contra onde a tarde ante
 o fol vi que se posera.

T vel-a. 3 *F* quifera. *DT* quizera. 3 *B* lhe eu. *S* lheu. 4 *F* trespôs. *DT* trespôz. 5 *BC* pelo. *SA* polo. 6 *S* Depois. 6 *BD* ella. *S* vela. 8 *F* lhe. *DT* me. 9 *F* antre. *D* entre. 9 *BD* mim. *S* my. 10 *T* outro tempo.

L 1 *BD* Desque aqui com. *T* Desde aqui com. *S* Desque yfto. 2 *S* esteve. 3 *FD* o [*S* hô] dia. *T* dia. 4 *S* de. 5 *B* nuueis. *SA* nuuês. *C* nuves. 6 *B* como que voante. *D* com força pujante. 9 *B* contra onde a tarde, ante. *T* contra onde a tarde ante. *D* contra donde a tarde ante. *S* por meu caminho auante. 10 *BD* puzera.

5. Preferimos a lição de *S* por offerecer um equívoco inteiramente no gosto do poeta. *Depois de ver-me sem vel-la*=depois de ver que não a via; cf. est. 75, v. 9.

8. *lhe* (=lhes) refere-se a «olhos»; quanto á personificação cf. est. 55, v. 1.

8-10. O dr. Th. Braga não põe sinal de pontuação depois de *choraram* e põe ponto final depois de *passaram*.

XXI-XLIX. O dr. Th. Braga admite que a pastora Elena seja D. Maria Manoel, dama da rainha

D. Catharina, e o seu esposo o duque D. Jorge de Lencastre. Effectivamente D. Jorge (1481—1550), quando já se avizinava dos setenta annos pretendeu casar com D. Maria Manoel que então contava apenas dezaseis annos (Sousa, *Historia Genealogica*, liv. XI, pag. 24). Mas se tal matrimonio não chegou a realizar-se (obra citada, pag. 29), segundo o proprio dr. Th. Braga affirma, não comprehendemos como possa admittir aquellas identificações.

51. Indo nam com menos dor,
em que já com mais foflego,
os ventos me forão por
depois de paíſar Mondego
sobre as ferras de Lor.
Vão alli grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de fontos cubertas,
aos naturais eſtranhas
mas á fãudade certas.

52. Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui poſto,
onde ſe-lo não quíſera,
ſendo bem lugar de goſto
pera quem goſto tivera;
mas a mim nem o paſſado
nem o que me era preſente
nada me não fez contente,

LI 1 *B* Hindo. *S* Jndo. *T* Indo. *D* Inda. 1 *BD* nam com. *S* com nam. 1 *B* door. 2 *B* em que jaa. *S* inda que. *D* com que ja. 2 *F* com mais foflego (*S* fofego. *T* socego). *C* foflego. 3 *B* poor. 4 *BA* depois de. *C* depois de. *S* ate. 4 *BA* Mondeguo (*A* Mondego). *SCT* o Mondego. 5-10 *S* andando de mal em pior. | Ali vi grandes montanhas | de grandes valles cubertas | aos naturaes eſtranhas | onde vi muy deſcubertas | minhas magoas ſer tamanhas. 5 *B* Loor. *DT* Lor. 7 *B* vales. 8 *B* fontos. *D* foures. 8 *T* cobertas. 9 *BD* naturais. *T* naturaes. 9 *BD* eſtranhas. *T* extranhas. 10 *D* mas as fãudades certas.

LII 2 *F* fui. *D* foy. *BA* ſelo. *C* ſeſo. (Tambem em *A* o *l* parece um *ſ*). *S* certo. 3 *B* quíſera. 4 *BD* ſendo. *S* e em. 4 *F* bem. *D* hum. 5 *F* pera. *DT* para. 7 *B* me era. *SD* era. 8 *F* nam fez. *D*

LI 4. *Mondego*. ſem artigo como em «e Guadiana | Atrás tornou as ondas de medroſo», *Lusiadas* IV 28.

5-6. O artificio da diviſão de uma palavra (aqui *Lorvão*) entre dois versos occorre por vezes na litteratura d'aquelles tempos; v. D. Carolina Michaelis a pag. 872 da ſua edição de Sá de Miranda.

9-10. O ſentido parece ſer que ſão aquellas montanhas mal co-

nhecidas dos naturaes d'aquelles ſitios, mas conversadas e por iſſo bem conhecidas d'aquelles a quem as ſaudades pungem. Sobre a ſignificação de «eſtranho» cf. a est. 85, v. 6-8.

LII 8. cf. «Nada me fez contente» Camões, ecloga 2.^a No portuguez archaico antepunhão-se ao verbo duas negativas, como neste lugar.

que nisto o magoadado
he como o muito doente.

53. Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredado,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte;
a noite de ventos muda,
como saudade escolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

54. Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo fô por verdadeiro,
ao pé de hum castanheiro

fez fer. 9-10 *S* mas folguey de fer achado ! muy cheo de descon-
tente. 9 *B* maguoadado. *T* magoadado.

LIII 2 *S* fresquo. 4 *SD* estar junto de huñ (*D* hum) penedo.
5 *F* por fer antre. *A* por antre. *C* por entre. 7 *BD* escolha. *S* se
colha. 8 *FA* tolha. *CT* colha. *B* agoa. *T* agoa. 9 *F* meuda. *DT*
miuda.

LIV 1 *S* Despois. 2 *BD* ou depois. *S* onde despois. 4 *FD*
atras. *T* atraz. 6 *S* Ó. 7 *BD* fôo (*D* fô). *S* ho. 8 *B* pee. 8 *F* casta-

LIII 7. O conjunctivo *escolha*
parece estar empregado em sen-
tido potencial, equivalendo a «es-
colheria».

8 *porque*=para que. Como a
troca entre o *c* e o *t* é frequente
na escriptura antiga, não duvidá-
mos escrever, com *D*, *colha*, por
isso que o verbo «tolher» nos
parece aqui inteiramente desca-
bido, a não ser que Christóvão
Falcão empregasse «tolher» no
sentido, que em italiano tem ás

vezes o verbo *togliere*, do latim
capere. O emprego do presente
em vez do imperfeito é uma in-
exactidão syntactica de que não
raro se veem exemplos nos es-
critores antigos.

LIV 1-2. Sobre a especie de
tautologia que ha nestes dois
versos cf. «Com quem nos con-
solaremos, | ou quem nos conso-
lará», *Cancioneiro* de Rêsende I
462, 16-17.

me pus triste affentado
ouvindo o t̃o de hum ribeiro.

55. Meus olhos e eu passámos
alli a noute em clamores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros pastores
o dilúculo chamamos.
Naquelle tempo corrompe
a ave que chamão real
o silencio de seu mal,
que he quando a alva rompe
e ó dia faz final.

nheiro. *D* loureiro. 9 *F* pus. *DT* puz. 9 *S* afentado. 10 *BD* ouvindo. *S* ouuir. 10 *B* toom. *S* t̃o. *D* tom (em *C* o *t* está apagado). *T* som.

LV 2 *SD* noyte. 2 *BD* clamores. *S* amores. 3 *B* atee. *SD* te (*C* com accento). 3 *BD* ao. *S* ho. 5 *BD* diluculo. *S* dipendio. 6 *F* Naquite. *D* Naquelle. 6 *C* corrumpe. 7 *FD* a aue que chamam leal. *S* aquelle que ama real. 8 *BD* de. *ST* do. 9 *F* a alua. *A* a Lũa. *CT* a lua. 10 *BD* o. *S* ho. 10 *FD* final. *T* final.

10. *t̃o* e tambem *b̃o* e *s̃o* são as fórmas originarias de que resultarão por apocope *tom*, *bom*, *som*.

LV 2. *clamores* = brados de dor; cf. «ho causa de meus cramos», *Cancioneiro* de Rêsende I 369, 24.

6-8. A expressão «corromper o silencio», como synonyma da frase perfeitamente classica «romper o silencio», é insolita. Deve porém notar-se que também João Franco Barreto disse «Não ha—
! muro que não derrube e não corrompa» (*Eneida* II 122). *A ave que chamão real* é o rouxinol, ave em que, segundo uma versão da lenda grega, foi metamorfoseada uma das filhas de Pandion, rei de Athenas, Philomela, a quem, depois de a violar aleivosamente, seu cunhado Tereo havia cortado a lingua. (v. Ovidio, *Metam.* VI 424-676). Na 3.^a elegia tambem Camões diz

«Quando a roxa manhã dourada e bella | Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho | E torna a feus queixumes Filomela», e Angelo Policiano «E l'Usignol sotto l'amate fronde | Cantando repeetea l'antico pianto» *Stanze* (ed. de 1753).

9-10. *ó* (=ao) *dia faz final* corresponde a «abre as portas ao Sol» no passo de Camões acima citado. Na traducção de Arato feita por Cicero a aurora é chamada *praenuncia solis*. O dr. Th. Braga, que adopta no verso 9 a lição inaceitavel «a lua» (lição que provem de ter-se tomado erradamente o *u*, de *a alua* por vogal e não por consoante), substituindo depois arbitrariamente no verso 10 *final* por *final*, pôs a segunda parte da estancia em contradicção com a primeira, na qual se designa expressamente o alvorecer.

56. Então por que tudo fale
contando as mais paixões,
que rezão he que não cale,
ouvi gritar huns pavões
lá no mais baixo do valle;
tras isto, pouco tardando,
hum doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu bem escutando
entendi que alli dizia.

CANTIGA

57. Não fei pera que vos quero,
—pois mê d'olhos não fervis—,
olhos, a quem eu tanto quis!

VOLTAS

58. Pera ver me fostes dados;
vós ió a chorar vos déstes,
e, fe eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes;
deíque nelles me pusestes,

LVI *BD* Entam. *S* E então. 1 *BD* fale. *S* o falle. 2 *B* as mais. *SD* minhas. 3 *F* he. *D* ha. 3 *SC* calle. 4 *S* huûs. 5 *FD* laa (*S* la. *D* lá). *T* jaa. 5 *F* baixo do valle (*B* vale). *D* alto do monte. 6 *B* Tras ysto. *S* Tras diíto. *DT* Traz isto. 8 *S* caya. 9 *B* o qual. *S* ho que. *D* a qual. 9 *S* escutando. 10 *C* allim. 10 *F* dizia. *TD* dizia.

LVII *B* e *S* não trazem a rubrica «Cantiga». (Vem em *T*, com a devida advertencia).

1 *BD* para. 2 *D* e pois olhos me não feruis. 3 *BD* quem (*B* quim. *T* quem). *S* que. 3 *B* eu tanto. *SD* tanto. 3 *FA* quis. *CT* quiz.

LVIII *B* e *S* não trazem a rubrica «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *B* vos foo. *SD* e vos. 5 *BD* puzestes. *S* pusestes. 6 *B* de.

LVI 1. *porque tudo fale*=para que (eu) diga tudo.

8—que me abalava a alma.

9. No seculo XVI já existia a par de «escutar» a fórma «escutar».

LVIII 1-2. Note-se o equívoco entre *fostes dados* e *a chorar vos déstes* (em latim *lacrimis vos tradidistis*).

5. *nelles*, sc. cuidados.

do defcanfo me fogis,
olhos, a quem eu tanto quis!

59. Meus olhos, por muitas vias
ufais comigo cruezas;
tomais as minhas trítezas
pera voffas alegrias;
entrão noites, entrão dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos, a quem eu tanto quis!

60. Quando vós primeiro vistes,
que não me era bõo fabeis;
mas, por gozar do que vieis,
em meu dano consentistes;
o que então me encobristes
agora m'o descobris,
olhos, a quem eu tanto quis!

61. Ando-vos a vós buscando
coufas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
trítezas me andais tornando;
agora vou-vos cantando,

SD do. 6 *F* defcanfo. *A* defcanfo. 6 *B* fugis. *S* fogis. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LIX 2 *B* ufais. *T* uzais. *S* huzais. 2 *FD* comigo (*B* comiguo). *T* commigo. 5 *B* Entam noites entam dias. *S* em tam noytes em tam dias. *D* entrão noites passão dias. *T* Entram noites, entram dias. 6 *B* nunca. 6 *D* e vos nunca me dormis. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LX 2 *BD* me era. *S* mera. *T* era. 2 *B* boom. *SDT* bom. 2 *C* fabeis. 3 *FD* gozar. *T* gosar. 5 falta em *T*. 6 *BD* mo. *S* me. 6 *BA* defcubris. *SCT* defcubris. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto (*C* tantos). 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LXI 1 *F* a. *D* eu a. 3 *F* quanto. *D* quando. 3 *FD* podeis. *T* podieis. 4 *B* trítezas. *SD* tríteza. 4 *B* me andais. *S* mandais. *D* me

LX 1. Quando — primeiro = a primeira vez que (em latim *cum* *primum*). vistes = exercitastes a faculdade de ver.

LXI 4. tornando = dando em paga.

vós a mim chorando me is,
olhos, a quem eu tanto quis!

FIM

62. Quem o que digo cantava,
desque o cantado teve,
não fei o que o caufava,
mas espaço se deteve,
assi como que cuidava;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou
e este cantar começou,
o qual devia de fer
aquillo em que cuidou.

CANTIGA

63. Como dormirão meus olhos!
Não fei como dormirão,
pois que vela o coração.

eftais. 6 *S* mi. 6 *BD* his. *S* ys. 7 *TD* quem. *BS* que. 7 *B*.1 eu tanto. *SC* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

B e *S* não trazem a rubrica «Fim».

LXII 1. *B* diguo. 2 *B* deque o. *S* despois que o. *D* depois que. 3 *B* que. *DT* o que. *S* porque. 4 *F* mas. *D* mais. 5 *FA* assi (*S* affy). *CT* assim. 5 *FA* como que cuidava. *C* como o que andava. 6 *S* Despois. 7 *S* de nouo ho que falou. *D* de nouo a voz alçou. 8 *F* este. *D* e este. *F* de fer. *D* nacer (*C* nacer). 10 *F* aquillo. *T* aquillo. *D* daquillo.

LXIII *B* e *S* não trazem a rubrica «Cantiga». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *D* meus olhos como dormirão. 3 *SD* vella.

LXII 2. No português antigo usava-se, em orações temporais, o preterito composto com «tive» no mesmo sentido que o chamado «preterito anterior» francês. 5. V. a nota á estancia 41, verso 8.

VOLTAS

64. Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada;
dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?
65. As horas d'ella cuidei
dormi-las; forão veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noites passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração.
66. Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós fereis defamados.
Em meus olhos agravados

LXIV *B* e *S* não trazem a rubrica «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *S* pafey. 2 *FD* em. *T* em o. 3 *B* nunca a. *S* nunca ha eu. *D* nunca eu. 5 *F* dos. *D* de. 5 *S* fuy. 6 *F* mas. *A* mais. *C* pois. 7 *S* vella.

LXV 1 *SD* oras. 1 *B* della cuidei. *S* dellas chorey. *D* que eu cuydei. 2 *BD* dormilas. *S* dormillas. 2 *B* veladas. *SD* choradas. 3 *B* tambem. *T* tão bem. 3 *D* mas pois niffo as empreguei. 4 *B* douhas. *T* dou-as. 5 *SD* noites. 7 *F* pois que vela (*S* vella). *D* nelle vela.

LXVI 1 *B* Passaros. *T* Passaros. 2 *F* no que. *D* e que. 3 *FA* que fe. *C* fe. 4 *C* defamados. 7 *S* vella.

B e *S* não trazem a rubrica «Fim».

LXIV 2. em sentir, sc. que (a noite) ia passando (o que não aconteceria, se dormisse).

4. de está em sentido causal.
6-7. O dr. Th. Braga põe no fim da frase ponto final.

LXV *passadas* liga-se a *vão* como nome predicativo.

LXVI 5. Cf. «meus olhos sam agrauados», *Cancioneiro* de Rêsende II 599, 20.

vereis fe tenho rezão,
pois que vela o coração.

FIM

67. Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque, de quem fer podia,
então fofpeita me deu,
que todo o cantar feu
era o da minha Maria
ou a do dessejo meu.

68. Com hum temeroso prazer,
que foe ter quem desseja,
dessejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neste dessejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deos fer ella pedindo,
vi-a vir o vale acima
em feu cantar prosiguinto.

LXVII 1 *F* Como a. *D* Como. 2 *B* femenil (*T* feminil) a meu cuidar. *S* fuy-me eu logo julgar. 4 *B* quem. *SDT* que. 4 *BD* de. *S* que. 5 *B* eu ouvir me. *SCT* em ouvir me. *A* em ouvir-me. 7 *FD* fofpeita (*S* fofpeyta). *T* suspeita. 7 *F.1* me. *C* de. 8 *F* que. *D* porque. 8 *F* ho. *T* o. 9 *FA* era o (*S* ho). *C* era. 10 *FD* a (em *A* a letra está apagada). *T* o.

LXVIII 1 *F* Com hum temeroso. *D* Como o incerto. 2 *F* foe. *D* pode. 2 *B* teer. 2 *B* reeca. *SD* deseja. 3 *B* dessejava. *S* esperando. *D* esperau. 6 *BC* de cima. *S* delima. *A* de cima. 7 *B* estando ha. *T* estando-a. 8 *BD* Deos (*B* Deus.) fer. *S* deos por. 9 *B* via (*T* vi-a) vir o vale. *S* vir a vy pollo valle. *D* via vir pelo valle. 10 *BD* em. *S* e. 10 *SDT* profeguinto.

LXVII 2. *a meu cuidar* (=segundo me parecia) vem tambem, por exemplo, no *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 647.

4. *mais de bem*=optimamente.
5. "eu contentava-me ouvir"

(=sentia prazer em ouvir) é syntaxe antiga.

10. *a, sc. Maria. dó dessejo meu*=minha desejada.

LXVIII 10. *prosiguir* é fórma archaica, parallela a *proseguir*;

69. Muito a vi eu mudada,
 mas com tudo conheci
 fer a minha dessejada
 a quem, allí vendo, vi,
 a vista no chão pregada,
 com o seu cantar penoso
 e passadas esquecidas
 ao tão d'elle medidas,
 vestida vir de arenoso,
 as mãos nas mangas metidas.

70. Hũa coifa não lavrada,
 antes sem nenhum lavor,
 e em cima, por mais dor,
 hũa talhinha pedrada
 ou hum pedrado atanor.
 Quisera-a ir receber
 vendo-a ante mim presente,
 mas não pude de contente,
 que indo pera me erguer,
 de prazer me achei doente.

LXIX 1 *D* demudada. 2 *F* conheci. *D* a conheci. 4 *B* a quem allí vendo. *S* a que allí vendo. *D* a que allí (*C* assim) vindo. *T* a quem assi vindo. 5 *F* Com. *D* Como (em 4 o segundo o está apagado). 6 *F* penoso (*B* penoso). *DT* penoso. 8 *B* toom. *SD* tom. *T* soom. 8 *BD* delle. *S* dellas. 9 *F* vir. *DT* a vi. 9 *SD* darenoso.

LXX 1 *A* coufa. 3 *F* encima (*S* encima). *T* em cima. 3 *B* door. 4 *BA* talhinha. *S* talinha. *D* toalhinha. 5 *B* a tenor. *S* tanor. *D* tenor. 6 *B* Quisera a. *S* Quisera. *DT* Quisera-a. 6 *F* ir (*B* hir. *S* yr. *T* ir). *D* vir. 7 *B* vendoha. *T* vendo-a. 7 *S* my. 9 *FA* que yndo. *C* quando. 9 *F* pera. *DT* para. 9 *BD* me erguer. *S* ho fazer. 10 *S* machey.

cf. *Cancioneiro* de Rêsende II 249 rubrica, 280 rubrica.

LXIX 1. A lição *demudada* é possível que seja a original; cf. «tam triste, tam demudada! que casi a nam conhecy», *Cancioneiro* de Rêsende I 310, 33-34.

4. De *vi* depende o infinito *vir* do verso 9.^o

7. *esquecidas*=muito lentas.

9. *arenoso* (=côr de areia) vem

tambem, por exemplo, na *Miscellanea* de Leitão de Andrade: «calções de raxa arenosa» (pag. 196 da ed. de 1629).

LXX 1. «atanor, tanor, tenor» (que todas as tres fórmãs occorrem, e tambem «atenor», se a lição de *B* é certa) era uma especie de vasilha; cf. *Cancioneiro* de Rêsende III 158, 16; II 482, 29; I 216, 17.

71. Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava
e vi que aquella hora
comigo emparelhava;
dando huns mui doces brados
faldos do coração,
á cantiga vinha então
«Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão».

72. Ao que eu responder
me lembra: «São agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bemaventurados,
pois que vos poderão ver.»
Como ella em me ouvir
grão sobrefalto fentisse,
quis fogir; mas, quem lhe disse
que se possesse em fogir,
lhe fez com que não fogisse.

73. Nas mulheres o temor
tanto o poder impede,

LXXI 2 *F* o prazer. *D* o gofto a. 4 *B* via. *SD* vi. 5 *FD* comigo (*B* comiguo). *T* commigo. 7 *BD* faldos. *S* caydos. 8 *D* vinha a cantiga entam. 10 *BD* vereis. *S* vede.

LXXII 1 *B* Ao. *S* A ho. 5 *B* puderam. *ST* poderam. 6 *FA* ella. *C* em ella. 8 *F* quis. *DT* quiz. 8 *BD* fugir. *S* fogir. 9 *BD* puzesse. *S* possesse. 9 *B* em fugir. *SD* a fogir (*D* fugir). 10 *BD* fugisse. *S* fogisse.

LXXIII 1 *FD* mulheres. *T* mulheres. 2 *FA* o poder. *C* po-

LXXI 1-2. «forçar» (e «obrigar», como também «começar» na est. 78, v. 5, est. 95, v. 10) com infinito sem preposição é syntaxe archaica.

4. Se a lição de *B* *via* [=vi-a] *que emparelhava* é certa, ha aqui a mesma construcção que no francês *Je la vois qui chancelle*.

6-8. O dr. Th. Braga escreve «a cantiga»; mas assim não se ligão convenientemente as partes

da frase; por isso nós escrevemos «á cantiga» interpretando: neste ponto da cantiga.

LXXII. 2. O dr. Th. Braga põe dois pontos depois de *agravados*.

LXXIII 2-3. Em *tanto—quanto maior* por «tanto mais—quanto maior» ha a mesma irregularidade que frequentemente se encontra em Tacito, v. g. *quanto inopina tanto majora* (*Ann.* I 68).

quanto o medo maior for,
e contra donde procede,
os olhos costumão pôr.
Ella, fazendo assim,
vendo-me ficou mudada;
depois, já em si tornada,
fe chegou mais pera mim
a fer bem certificada.

74. Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.
Eu lhe disse: «Meu desejo»
—vendo-a tal com affaz dor—
«desejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou creerei ao meu temor?»

75. A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim
com voz de pouco poder:
«Chrisfal, que ves tu em mim,
que não seja pera crer?»

der. 2 *F* impede. *DT* impede. 3 *F* quanto. *D* quando. 5 *F* costumam (*S* costumão). *DT* costumam. 6 *FD* Ella. *T* E ella. 6 *FA* affi. *CT* assim. 9 *F* pera. *DT* para. 9 *BC* mim. *SA* mi. 10 *S* certificada.

LXXXIV 1 *S* Despois. 1 *D* de visto me ter. 5 *BC* mim. *SA* mi. 6 *D* Disse eu ao meu desejo. 7 *D* vendo o. 7 *B* affaz. *T* assaz. 8 *F* do. *D* de. 10 *F* ao. *D* a.

LXXV 1 *FA* A isto. *D* E isto. 2 *F* affi. *T* assim. *D* a si. 4 *BA* que ves tu em mim (4 mi). *S* tu que ves em mi. *C* que vez em

2. O substantivo «poder» no português antigo emprega-se muitas vezes por: as faculdades, as forças (físicas ou moraes); cf. est. 75, v. 3. *empedir*, bem como *emperador*, *enveja*, etc., é pronuncia antiga usual.

4. *contra donde procede* (sc. o temor); cf. est. 92, v. 7.

8. *já em si tornada*. Cf. est. 93, v. 10.

LXXIV 2. *já que é* conjuncção temporal (=agora que).

6-8. Cf. «Assy eu de vós partindo, | desejo de minha vida» *Cancioneiro* de Rêsende I 321, 15-16.

6-10. O dr. Th. Braga não põe nenhum sinal de pontuação no fim do 6.º verso nem no fim do 7.º e põe ponto final no fim do 10.º

Eu lhe respondi: «Perder-vos
de vos ver por tanto anno
faz-me assim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano.»

76. «Pois crê certo que esta são»
—deu a isto por resposta,
ainda que alegre não—
«e quem em tal dor he posta,
o que d'ella não crerão?
Bem he de crer o meu choro
a que tu causa me deste;
não t'espante o que fizeste,
que quem me pôs neste foro
tu es o que me poseste.

77. Por ti vim eu desterrada
a estas estranhas terras
de donde eu fui criada,
e por ti antre estas ferras
em vida são sepultada,

mim. 6 *BD* perderuos. *S* perdiuos. 7 *S* ano. 8 *BD* fazme. *S* fazem.
8 *SA* affi. 9 *BD* meus olhos veruos. *S* affi meus olhos viuos.

LXXXVI 1 *B* cree. *T* crê. 1 *BD* certo que. *S* que certo. 2 *F*
deu a ysto. *A* deum [com espaço para um e] isto. *C* deu isto. 2 *B*
resposta. 3 *B* aynda. *TD* ainda. *S* inda. 5 *F* della. *D* de mim. 6 *FA*
de crer. *C* crer. 6 *FD* o meu. *T* meu. 7 *F* causa. *D* a causa. 9 *F*
me. *D* mo. 9 *F* pos. *DT* poz. 10 *FD* me. *T* o. 10 *B* pufeste. *S* po-
feste. *DT* puzeste.

LXXXVII 1 *BD* vim eu. *S* me vi. 1 *D* desterrado. 2 *BD* a. *S*
em. 2 *FD* estranhas. *T* extranhas. 4 *F* antre. *D* entre. 5 *FA* fam.

LXXXV 6-7. *perder-vos* | *de vos*
ver=deixar infelizmente de ver-
vos.

LXXXVI 1. «este, esta» como
nome predicativo em lugar de
«o» occorre bem vezes no portu-
guês antigo.

2. *reposita* é, conformemente
á etymologia (de *reposita*, parti-
cipio neutro de *repono*), ainda
hoje a pronuncia popular e é
d'este modo que a palavra se
acha quasi sempre escrita até os

fins do seculo passado. A fórma
resposta provém nos tempos mo-
dernos de suppor-se erradamente
que se liga, quanto á etymologia,
ao verbo *responder*, e nos tem-
pos antigos é devida, a nosso
juizo, á influencia do castelhano
respuesta e do italiano *risposta*
(assim como é devida á influen-
cia do italiano a graphia *Africa*
nos *Lusiadas* I 2, etc.).

LXXXVII 1. *Por ti*, em latim:
propter te.

onde a fe me perderem
a frol dos annos fe vão;
ora julga fe he rezão
das minhas lagrimas ferem
menos d'aqueitas que fãõ.

78. Despois que isto falou,
como quem em si reſpeita,
as mãos ambas ajuntou
e poſtas na face direita
dizer aſſi começou:
«Sobre o muito que perdi,
nenhũa coufa duvido
em ter o ſaber perdido,
pois tão mal me defendi
do que me era defendido.»

79. Eu lhe perguntei a-hora
mui trite de aſſi a ver:
«Quem teve tanto poder,
que tenha poder, ſenhora,
de nada vos defender?»
Reſpondeo por antre dentes,
como fala quem ſe peja:

C fou. 6 *BD* a fe. *S* aſſi. 7 *F* frol. *D* flor. 9 *F* das. *D* de. 10 *F* da-
queſtas que ſam. *D* deſtas que ora fãõ.

LXXXVIII 1 *F* Despois. *D* E depois. 1 *F* yſto. 2 *BD* em ſi reſ-
peita. *S* aſſi reſpeita. *T* em ſi eſpreita. *BD* e poſtas. *S* poſtas. 5 *FA*
dizer. *C* dizendo. 5 *B* aſſi. *C* aſſim. 5 *BD* começou. *S* me tornou.
7 *C* nenhuma. 10 *BD* me era. *S* mera.

LXXIX 1 *B* a hora. *T* á hora. *SD* a ora. 2 *C* aſſim. 4 *F* te-
nha. *D* tinha. 6 *F* Reſpondeo. *DT* Reſpondeu. 6 *C* entre. 7 *FA* fe

LXXXVIII 2. *reſpeita*=conſide-
ra, medita; cf. Carta, v. 39. *em ſi*
reſpeita, em latim: *secum reputat*.

3. Cf. «ajuntando as mãos (a
maneira de medo de molher) hum
pouco como que vira coufa defa-
coſtumada ficou», Bernardim Ri-
beiro, f. 11 v. da edição Eborenſe.

4. *direita*=d'reita. Nos escri-
tores mais antigos as vogaes
syncopadas na metrica deixavão-
ſe muitas vezes ficar na eſcrita,

7. Em *nenhũa coufa duvido*
emprega-se *nenhũa coufa* do mes-
mo modo que «nada». Eſte mes-
mo verso vem em Bernardim Ri-
beiro (f. 72) e no *Cancioneiro*
de Rêſende (II 408, 9).

8. *ſaber*=bom ſenſo, juizo.

9-10. *me defendi*=me guardei;
defendido=prohibido.

LXXIX 1. *a-hora*=então; cf.
o francês *alors*.

«Dir-t'o-ei, em que erro seja:
defendem-me meus parentes
que te não fale nem veja.

80. E, Chrisfal, he-me forçado
fazer a vontade fua,
porque lh'o tenho jurado
e tambem porque da tua
o certo me tem mostrado;
que me dão certa certeza
porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que mostras ter-me
fer fô por minha riqueza.»

81. Ouvir-lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não ha coufa tão fera
como he achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava poita
em o que eu não esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta reposta
que me lembra que lhe dei.

peja. *C* peja. 8 *F* dirtoey. *T* dito ey. *D* direi. 8 *B* em que erro feja. *S* posto que feja. *D* eu que caro feja. 9 *B* defendenme. *AT* defendenme. *S* defendemmo. *C* defendeme. 9 *F* parentes. *D* prazeres. 10 *ST* falle.

LXXX 1 *B* E Crisfal. *SD* Chrisfal. 1 *F* he me. *A* he me ja. *C* he já. 3 *BD* lho. *T* lhe. 6 *D* E elles me dão certeza. 8 *F* eu ey. *D* ey. 8 *BD* crueza. *S* emueja. 9 *D* que o amor que. 10 *F* fer. *D* he. 10 *F* foo.

LXXXI Em *S* está a estancia 91 entre a 80 e a 81.

1 Em *A* o *r* de *ouvir* está inteiramente apagado. 1 *F* yfto. 1 *S* inera. 4 *F* como he. *T* que he. *D* como. 7 *F* que eu. *D* que. 9 *T* resposta. 10 *BD* lembra. *S* allembra.

9-10. Nas orações substantivas dependentes dos verbos de «proibir» o português antigo empregava uma negativa (como acontece em francês); cf. «seus pays d'ele e d'ela lhe defenderam

que se nam falassem», *Cancioneiro* de Rêsende II 62, rubrica.

LXXXI «fero»=custoso encontra-se tambem, por exemplo, no *Cancioneiro* de Rêsende II 22, 23; 54, 13.

82. «O' Maria, ó Maria,
brando achára meu mal,
fe, pera minha alegria,
vos vira a vontade tal
como me ella fer devia.
Mas não he nova ufança,
quem grande bem esperou
não ver o que dessejou.
Muito pode a mudança,
pois que vos tanto mudou!
83. Quem podera sospeitar
que no amor e na fé
me avieis de faltar!
Mas pois isto assi he,
tudo he pera cuidar.
Pois, por mais mal que se guarde,
sempre será meu amor
como a sombra, emquanto eu for:
quanto vai sendo mais tarde,
tanto vai sendo maior.
84. Quando vos dei a vontade,

LXXXII. *B* O Maria, O Maria. *S* O maria o maria. *T* Oh Maria, oh Maria. *C* O' Maria, Maria. 2 *BD* achara. *S* acharia. 3 *SA* pera minha. *BC* para minha. *T* para a minha. 4 *BA* vira a. *S* vira. *C* virá a. 5 *BD* me ella. *S* ella. 6 *F* vfança. *T* usança. 9 *F* mudança. *D* bonança. 10 *BD* vos tanto. *S* tanto vos.

LXXXIII 1 *BD* pudera. *ST* podera. 2 *F* fee. 3 *F* auieis. *T* haviéis. 4 *B* ja (*T* jaa) isto. *SD* ysto (*D* isto). 4 *C* affim. 6 *B* Pois por mal que se guarde. *S* Pois por mais mal que se guarde. *D* Por mais mal que se me guarde. 7 *F* sempre fera. *D* fera sempre. 8 *BD* a fombra em (*B* en. *T* em) quanto eu. *S* fombra de quem. 9 *F* quanto vay. *D* quando for. 10 *F* vai. *D* irá.

LXXXII 9-10. Cf. «Que tudo muda hũa aspera mudança», Camões, soneto 45.

LXXXIII 3. O dr. Th. Braga põe ponto e virgula no fim do 3.º verso.

4-5. Cf. *Omnia jam fient fieri quae posse negabam*.

6. *Pois* é aqui particula adversativa.

7-10. Cf. «a magoa destas lem-

branças he como fombra, que cae de alto monte, que quanto vae sendo mais tarde, tanto vae sendo maior», Heitor Pinto, *Dialogo da verdadeira amizade*, cap. XVII.

LXXXIV 1. *vontade*=coração, alma; cf. «as vontades namoradas», *Cancioneiro* de Rêsende I 291, 27.

inda vós ereis menina
e eu de pouca idade;
mas cahio minha mofina
fobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas foubesse;
pois meu amor verdadeiro,
de quem fô fois interesse,
quem me faz interesseiro.

85. Sobre a terra anda o gado,
e fobre ella ouro e riqueza;
mas pera que he dessejado?
que em fim não tira tristeza
e acrecenta cuidado.
Não fei em que se encerra
fer esquecida e estranha
esta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
o amor a alma acompanha.

86. Nuus neste mundo nacemos
e nuus fairemos d'elle;
neste meio que vivemos

LXXXIV 2 *B* erais. *T* ereis. 3 *F* ydade. 3 *BD* cahio. *S* cayó. 6 *F* vos quis (*T* quiz) bem. *D* bem vos quis (*C* quiz). 7 *SD* riqueza. 7 *B* foubefe. *T* soubesse. 9 *F* fo (*B* foo). *D* vós (*A* sem accento). 9 *B* ynterefe. *T* interesse. 10 *F* faz. *D* foy. 10 *B* ynterefeiro. *T* interesseiro.

LXXXV 1 *S* o. 2 *BD* e fobre. *S* fobre. 4 *S* tera. 5 *B* acrefcenta cuidado. *SD* acrecenta ho (*D* o) cuidado. 6 *B* emçerra. *T* encerra. 7 *SD* e estranha (*T* extranha). *S* eſtranha. 9 *BD* ca. *S* qua. 9 *F* auer. *T* haver.

LXXXVI 1 *B* Nuns. *T* Nús. *S* nuus. *D* Nos. 1 *BD* nacemos. *S* nacemos. 2 *B* nuns. *T* nús. *S* nuus. *D* nos. 2 *F* sayremos. 3 *F*

6. Parece-nos que *muito* pertence para *primeiro*.

8-10. O sentido é claro (com respeito ao verso 9.º cf. os versos 9 e 10 da est. 87); mas ha uma ellipse insolita do verbo «6» antes de *quem me faz interesseiro*, se é que a lição primitiva não era: *é quem me faz interesseiro*.

LXXXV 6-7. «encerrar-se em» =provir de, ser effeito de; ana-

logamente em latim *aliqua re contineri* quer ás vezes dizer «asentar em, depender essencialmente de».

LXXXVI 1-2. E' reminiscencia do Livro de Job (I 21). O mesmo pensamento se lê no epigramma grego X 58 da Anthologia Palatina.

3. *neste meio*=neste intervalo entre o berço e a sepultura, nes-

fô o rico he aquelle
 que ser contente sabemos.
 E que grandes bões vos deffem
 aquelles que vo-los derão,
 eu fei bem que nuus nacerão,
 e antes que os tivessem
 he certo que não tiverão.

87. Pois se isto he assim
 e o eu tambem conheço,
 como se crerá de mim
 que soffrer o que padeço
 pode ser a este fim?
 Cuidar que cuidado tinha
 das vossas riquezas grossas!
 Nas coufas passadas nossas
 vereis ser riqueza minha
 vós, que não riquezas vossas.

88. Mas que fosse assi e mais,
 que remedio vos dão,

meyo que. *D* mundo em que. 4 *B* foo. *S* foo ho. *D* fomite. 6 *D* bês. 6 *BD* vos. *S* nos. 8 *F* eu fei bem. *D* certo he. 8 *B* nuns. *T* nús. *D* nos. 8 *B* nasceram. *S* nacferam. 10 *F* he certo. *D* eu fei bem. 10 *F* que. *D* que os.

LXXXVII 1 *B* fse. *T* se. 1 *F* ysto. 1 *FA* affi (*S* affy). *CT* affim. 3 *FA* se crera (*T* com o *a* accentuado. Em *A* o segundo *r* está apagado). *C* fecreta. 3 *S* my. 4 *F* que soffrer. *D* focorrer. 5 *BD* este. *S* esta. 6 *BD* Cuidar. *S* Cuyday. 7 *BD* vossas. *S* nossas. 7 *B* grosas. *T* grossas. 8 *BD* nas. *S* das. *T* mas. 9 *B* riqueza minha. *S* riqueza a minha. *D* riquezas minhas. 10 *BD* nam. *S* erã.

LXXXVIII. Em *B* falta esta estancia. *T*, tomando-a de *C*, insere-a no texto (bem como a 102) «com o signal *, para serem conhecidas e poderem ser regeltadas pelos escrupulosos».

1 *C* foffê. 1 *FA* affi. *CT* affim. 2 *S* remedeo. 2 *DT* he (*T* é) o

ta vida mundana; cf. «Neste meo quem mal cai | Mal jaz» Sá de Miranda pag. 195.

LXXXVII 7. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

9-10. A collocação da palavra *vós* no principio do verso, terminando nella a oração, lembra a collocação de *Ἐκτορα* na fallá de Priamo a Achilles no canto 24

da Iliada. (Veja-se a analyse d'esta fallá no *Genio do Christianismo* de Chateaubriand).

9-10. Cf. «e minh'alma e coraçam | que tuas riquezas sam», *Cancioneiro* de Resende II 384, 7-8.

LXXXVIII Sem esta estancia (que falta em *B*) a estancia

com quem confelho tomais,
 á grande obrigação
 em que a Deos me estais?
 que não fãos casos pequenos
 pera que a alma não doa.»
 Respondeo: «Essa he boa!
 Dizem que isso he o menos,
 que Deos que tudo perdoa.

89. E dizem que eu moça era
 ao tempo que isso foi ser;
 como tempo de crescer
 tinha, que assi justo me era
 te-lo de me arrepender.
 Isto e mais se me diz,
 —crê que te falo verdade,—
 que não tinha liberdade,
 pera fazer o que fiz,
 por minha pouca idade.

que vos dão. *S* vos dam. *SD* quem. *T* que. 3 *C* concelho. *T* conselho. 4 *S* ha. *DT* á (*D* sem accento). 5 *S* a deos me estais. *DT* quando a Deos mostrais. 7 *S* pera. (Em *A* a primeira vogal está empastada). *CT* para. 7 *SAT* a alma. *C* alma. 7 *S* não. *DT* vos não. 7 *SAT* doa. *C* dou. 8 *S* respondeo. *DT* Respondeo (*T* Respondeu) ella. 8 *S* essa. *DT* esta. 9 *S* yfio he ho. *DT* isso he (*T* é).

LXXXIX 1 *B* E dizem que eu. *S* E dizem que. *D* Dizeme que. 2 *BD* ao. *S* no. 2 *F* yfio. *D* ifto. 2 *FA* foi fer. *C* fer. 3 *B* e como. *S* cõ ho. *A* e com o. *C* e como o. 3 *B* crescer. *SD* crescer. 4 *B* tinha: que assi justo me era. *S* tinha caula justo mera. *A* que tinha bem justo me era. *C* que tinha justo me era. 5 *B* telo: de (*T* telo-o de). *S* tello de. *D* tella de (em *A* o *a* está apagado). 5 *S* marrepender. 6 *B* yfio. *S* Jfio. *T* Isto. 7 *B* cree. *T* crê. 7 *SD* fallo. 10 *F* ydade.

89 não se liga, quanto ao sentido, á 87.

3=aquelles com quem vos aconselhaes.

4-5. Estes versos alludem ao casamento clandestino.

5. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

10. A repetição da conjuncção «que» é vulgar no estilo familiar; cf. «não aueria eu por inconveniente que se a plantassem que nascesse», Orta, *Colloquio* 19.

(O editor moderno supprimiu indevidamente o segundo «que»). Prática semelhante se dava tambem em latim com a conjuncção *ut*; v. Madvig, *Grammatica Latina* § 480 obs. 2.^a

LXXXIX 2. *foi fer*=aconteceu; cf. «e começandose a ordenar tudo, foy assi fer acafo que ha (=a) hirmãa—detreminara de vir ahi», *Menina e Moça* f. 29.

5 *te-lo*=ter tempo.

90. Então me mândão que meça
 amor com quão longe estamos,
 pera que mais não me empeça,
 e, fe prazeres passamos,
 os dessemule e esqueça;
 e que então me buscarão
 hum mui grande casamento,
 tão de meu contentamento
 quanto meus olhos verão,
 e que o mais crea que he vento.

91. E eu de mui esquecida
 vou-lhe fazer o contrario!
 A fer tal culpa fabida
 fei certo que este desvairo
 pagarei com minha vida.
 E em isto fer affi
 affaz de rezão feria,
 pois tão mal naquelle dia
 o seu mandado compri
 como o que me a mim compria.

XC 1 *B* Entam. *S* Em tã. 1 *F* me mandam. *D* mandame. 2 *A* amor, com quam. *C* amor, quam. 3 *SA* mempeça. 4 *F* passamos (*T* passámos). *D* tomamos. 5 *F* os. *D* que os. 4 *B* desemule. *T* desseemule. *S* dessemule. *D* dissimule. 9 *F* quanto. *D* como. 9 *BD* meus. *S* os meus. 10 *B* que he. *S* quee.

XCI *B* mui. *S* mi. *D* mim. 2 *BD* fazer o. *S* fayr ao. 2 *D* contrario. 3 *F* a. *D* e a. 4 *D* defuário. 6 *BD* yfio. *S* todo. 6 *C* affim. 7 *B* afaz. *T* assaz. 7 *BC* razam. *ST* rezam. 9 *F* o (*S* ho). *D* a. 9 *F* compri. *T* cumpri. *D* cumprir. 10 *B* como o que me amim (*T* a

XC 1-2. O que as palavras *que meça amor com quão longe estamos* querem dizer, não é assaz claro. Parece-nos haver aqui alusão ao proverbio «Longe da vista, longe do coração», vindo a ser o sentido: que avalie Maria a intensidade do amor pela distancia a que Maria e Chrisfal se achavão um do outro.

10. *vento*=cousa sem entidade; cf. «tudee vento aa derradeira» *Cancioneiro de Rêsende* III 283, 21.

XCI 1. Em de mui esquecida

ha a mesma syntaxe que em «E nisto de mimosa | o rosto banha em lagrimas ardentes», *Lusiadas* V 41.

O que se lê na estancia posta por *S* entre a 90 e a 92 não concorda com o que se lê nos versos 6 e 7 da estancia 90, sendo que segundo aquella estancia os parentes de Maria já lhe buscarão um casamento; segundo a estancia 90 hão-de buscar-lh'o quando ella houver esquecido Chrisfal.

92. Não te veja aqui ninguém;
vai-te, Chrisfal, d'esta terra;
não quero teu querer-bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem». *Em*
lhe isto eu ouvindo
fui pera lhe responder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
fe me tornou a volver.

93. Dei hũa voz mui dorida:
«Porque me negais conforto,
alma desagradecida?»
Então cahi como morto;
oxalá perdêra a vida!
Não fei eu o que paffou
em quanto isto paffei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em mim tornei.

mim) cumpria. *S* como quem a my compria. *D* com o que a mim cumpria.

S põe, como já foi dito, a estancia 91 entre a 80 e a 81. No lugar da 91 tem est'outra:

Muytos pastores buscaram
mas hum pastor por ferte amigo
e outro por ferte enemigo
hum e outro se escufaram
e damlhe logo comigo:
Bado que faram mil queyjos
mas hõ com que se despediram
he ja mostrar que temiam
que he saber dos teus beyjos
na minha boca achariam.

XCII 3 *F* teu. *D* eu. 4 *B* me nam dee (*T* dê). *S* nam me dem. *D* não me de (*C* dê). 6 *B* yfto eu. *SD* eu yfto. 8 *SD* despois. 8 *F* de o. *D* difto.

XCIII 1 *B* dei. *SD* Deylhe. 1 *B* mui dorida. *SA* sentida. *C* tam sentida. 2 *SD* negas. 2 *F* conforto. *D* conforme. 3 *B* desagradecida. *T* desagradecida. 4 *BD* cahi. *S* cafi. 7 *F* ysto. 8 *FD* comigo. *T* commigo. 9 *FD* quem me. *T* quem. 9 *B* cauzou (*T* causou). 10 *S* despois. 10 *SD* mi (*S* my).

XCIII 1. Cf. «Com voz de pranto dorida», *Cancioneiro de Rêsende* I 311, 28.

94. E dizendo: «O' mezquinha!
como pude fer tão crua!»
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lágrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
mas, com quanto certo sei
que as lágrimas são falgadas,
aquellas doces achei.

95. Soltei as minhas então
com muitas palavras tristes,
e tomei por conrusão:
«Alma, porque não partiites?
que bem tinheis de rezão.»
Então ella affi chorosa
de tão chorofo me ver,
já pera me focorrer
com hũa voz piadosa
começou-me affi dizer:

96. «Amor de minha vontade,
ora nom-mais, Chrisfal manfo,
bem fei tua lealdade;
Jesu, que grandê deícanfo

XCIV. Em *A* e *C* faltão os cinco primeiros versos. 1 *B* *O*. *S* ho. 1 *ST* mequinha. 4 *B* a. *S* e a. 4,7 *F* boca. *T* bocca. 5 *B* e a. *S* a. 8 *B* mas. *SD* e.

XCV *F* entam. *D* tambem. 3 *A* tornei. 3 *FA* concrufam. (*B* conruzam). *C* conclusam. 5 *D* pois tinheis tanta rezam (*C* razam). 6 *F* affi (*S* affy). *D* affim. 8 *D* hia pera (*C* para) responder. 9 *F* piadosa. *D* amorosa. 10 *T* começou-me assi a dizer. *D* começou a me dizer.

XCVI 1 *FD* de. *T* da. 2 *F* ora. *D* era (em *A* o *e* está apagado). 2 *B* não mais. *S* nomais. *D* no mais. 2 *B* manço. 3 *FA* tua. *C*

XCIV 8. *mas* está por anticição equivalendo a: e (comquanto) —) comtudo (—achei).

XCV 1. *as minhas*, sc. lagrimas.

3-5. Cf. «y tomo por conclusão | para mas fatisfacion, | de lo que en feruiros siento | que no quiero galardón», Jorge de Mon-

temor, *Cancionero* f. 58 da edição de Salamanca de 1579. O dr. Th. Braga põe só virgula no fim do segundo verso e dois pontos no fim do quinto. Em *bem-de rezão* ha a mesma syntaxe que em *affaz de rezão* na estancia 91, v. 7.

XCVI 4. Para que *ay* pudesse

he falar com a verdade!
 Eu fei bem que não me mentes,
 —que o mentir he diferente;
 não fala d'alma quem mente;—
 Chrisfal, não te descontentes,
 fe me queres ver contente.

97. Quando contigo falei
 aquella ultima vez,
 o choro que então chorei,
 que o teu chorar me fez,
 nunca o eu esquecerêi.
 Foi esta a vez derradeira,
 mas começo da paixão
 passando-me eu então
 para o Casal da Figueira
 do Val de Pantalhão.

98. Minha fé te he verdadeira;
 no mal que te fiz o vi,
 porque em fim á derradeira
 não quero mal contra ti
 que o meu coração queira.
 Por me ver livre de dor
 deixára eu de te querer,

que tua. 4 *B* ay. *SD* Jefu. 4 *B* deſcanço. 6 *D* Eu bem fei que me não mentes. 7 *BD* mentir. *S* ſentir. 7 *F* diferente. *T* differente.

XCVII *S* tem esta estancia no lugar da 98 e vice-versa. 1 *B* contigo. *T* contigo. 5 *F* nunca o (*S* ho) eu. *D* nunca o. 6 *B* a vez. *SD* vez. 6 *S* deradeyra. 7 *B* da. *SD* de. 9 *BC* para. 9 *FA* casal. *CT* Casal. 9 *FC* da. *A* de.

XCVIII 1 *D* Tua fé me he verdadeira. 1 *F* fee. 3 *BD* a (*T* com accento). *S* ha. 3 *C* verdadeira. 5 *FA* que. *CT* quer. 6 *B* veer. *T* ver. 6 *B* libre. *T* livre. 6 *F* de. *D* da. 6 *B* door. 7 *BD* deixara. *S*

considerar-se a verdadeira lição, seria necessario admittir que o poeta empregasse *ái* como disyllabo, o que não parece provavel. Christóvão Falcão faz ás vezes de *ao* duas syllabas, mas em *ao* ha rigorosamente duas palavras.

XCVII. A esta estancia cor-

respondem na Carta os versos 53-58.

10. Não achámos noticia do aqui chamado *Val de Pantalhão*.

XCVIII 1. Este verso é reposta ao que diz Christal na estancia 83, v. 1-3.

3. *á derradeira* = por ultimo;

fe o podera fazer;
mas poder e mais amor
não podem estar num poder.»

99. Neste passo acordei eu;
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento,
qual nunca coufa me deu.
Não fei eu que a Deos custava,
porque não me outorgára
que nesta gloria ficára,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordára.

100. Affi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os finos dóbrão a pares,
morreo meu contentamento,
dobráráo-se meus pesares.
Por quão grão dita tivera,
fe por dar fim á tristura

leixara. 7 *F* te querer. *D* querer. 8 *D* e o pudera fazer. 9 *F* mas. *D* mais. 9 *FD* amor. *T* o amor. 10 *BD* num. *S* nhum. 10 *F* poder. *D* fer.

IC *A* e *C* não tem os cinco ultimos versos. 1 *SDT* passo. *B* paço. 1 *BD* acordei eu. *S* acordey. 3 *F* que eu. *D* que. 4 *S* depois. 6 *B* fei eu que *q̃* a dita. *T* fei eu que a dita. *S* fei que a Deos. 7 *S* outrogara. 10 *B* me acordara. *S* macordara. *T* acordara.

C 3 *D* dobrão os finais a partes. 4 *F* morreo. *T* morreu. 5 *F* dobraramse. *D* e dobrarão. 5 *T* pezares. 6 *F* quam grain. *D* grande. 7 *F* fim a (*B* com *a* maiusculo). *D* huma. 9 *B* Deus que eu

cf. *Cancioneiro* de Rêsende III 434, 4; 283, 21.

IC 6. dita por *Deos* deve ser alteração devida a escrupulo religioso, alteração inhabil que deixou o verso com uma syllaba a mais. Outro tanto acontece no verso 27 da Carta, onde foi substituído *Deos* por *fortuna* ficando o verso com uma syllaba de mais.

6-7. Ha aqui fusão de duas

construcções: «não sei porque não me outorgaria» e «não sei que custava a Deos».

8. *ficára*=ficasse; igualmente no verso 10 *acordára*=acordasse.

9-10. *me acordára*=me recordára equivocando com *acordava*=despertava.

C 3. Cf. «vem as doenças a pares» *Cancioneiro* de Rêsende III 592, 14.

eu n'este tempo mórrêra!
Sabe Deos que eu bem quísera,
mas não quis minha ventura.

101. Não vos posso mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que não me deixa o pefar.
Ora chorai minhas magoas,
que bem fãõ pera chorar;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca lo guardador,
mais olhos mifer ouvera
pera chorar minha dor.

102. Por me isto alembrar,
não vos pareça estoria,
que as coufas de muita gloria,
como as de muito pefar,
recebe bem a memoria.
Por sonho ante vós ponho
o que eu velando vi;
por meu mal foi todo affi;
mas feja pera vos sonho,
pois sonho foi pera mi.»

bem. *SD* deos que bem. 9 *F* quísera. *CT* quizera. 10 *F* quis. *CT* quíz.

CI 1 *F* posso. *D* quero. 2 *B* agoas. *T* agoas. 3 *F* me nam. *D* não. 3 *B* pefar. *SD* o pefar (*C* pezari. 4 *B* magoas. *T* magoas. *D* agoas. 6 *BD* Que em. *S* Quem. 8 *B* yo. *T* y o. *S* junõ. *D* foy. 9 *F* ouvera. *T* houvera. 10 *BD* para. 10 *B* minha. *SD* tanta. 10 *B* door. *T* dor.

CII Em *B* não vem esta estancia.

1 *S* yfto. 2 *D* historia. 4 *SDT* com (*D* cõ) as. 4 *S* de grande pefar. *DT* do muyto pezar (*A* pefar). 6 *S* âtes. *D* ante. 7 *S* sem dormir os. *DT* eu velando. 8 *S* por. *DT* que. 8 *S* affim. *CT* affim. *A* affi. 9, 10 *DT* para. 10 *SA* mi. *CT* mim.

8. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

CI 1-2. Veja-se a estancia 24, v. 1-7.

CII. Esta estancia, sê é de Christóvão Falcão, foi provavelmente omittida em redacção posterior; em todo o caso parece

que a nenhum respeito faria falta na ecloga.

7. Veja-se a estancia 28, v. 1-3.

9. *por meu mal*=por desgraça minha. *foi todo affim*=não passou tudo de sonho. *tudo* por *tudo* é a fôrma archaica do pronome.

103. Isto que Crisfal dezia,
 assi como o contava,
 hũa ninfa o escrevia
 num alemo que alli estava,
 que ainda então crecia.
 Dizem que foi seu intento
 de escrevê-lo em tal lugar
 pera por tempo se alçar
 onde baixo pensamento
 lhe não podesse chegar.

104. Eu o treladei d'alli,
 donde mais estava escrito
 que aqui não escrevi,
 porque mal tão infinito
 não se lhe pode dar fim.
 O que se fez de Crisfal
 não sabe certo ninguem:
 muitos por morto o tem,
 mas quem vive em tanto mal
 nunca vê tamanho bem.

CIII 1 *B* Ysto. *T* Isto. *S* Jsto. *D* iffo. 2 *FA* assi (*S* assy). *CT* allim. 3 *F* ninfa. *T* ninfa. 3 *FD* o (*S* ho) efereuia. *T* escrevia. 4 *B* num. *SD* em hum. 5 *BD* aynda. *S* inda. 5 *B* crefcia. *SD* crecia. 6 *B* yntento. 7 *B* de efereuelo. *S* defereuelo. 7 *FD* lugar. *T* logar. 8 *D* para. 9 *F* baixo pensamento. *D* o baixo entendimento. 10 *BD* pudesse. *S* podesse.

CIV 1 *F* Eu o. *D* Eu (*A* tem espaço para o o). 1 *DT* treladei. 1 *B* dali. *S* dally. 2 *F* escrito. *T* escripto. 3 *F* que aqui nam. *A* que eu aqui nam. *C* que eu não. 4 *BD* mal. *S* em mal. 5 *B* se lhe pode dar. *S* se pode dar a. *D* pode nunca auer. 7 *BD* certo. *S* em certo. 10 *F* nunca ve (*S* vee). *D* tarde vê.

CIII 2. *affim como*=ao mesmo passo que.

2. *donde*=onde. (O povo ainda diz *adonde*).

CIV 1. «treladar» é forma antiga em que o *s* é absorvido pelo *l* como em «Tra-los-Montes».

9-10. A folhas 55 verso das suas obras, Antonio Gomes de Oliveira traz glosado o mote castelhano «Nunca para los tristes hubo muerte».

CARTA

- Os prefos contão os dias
mil annos por cada dia;
mas os meus sem alegria
como os contarei eu,
5 verdadeiro amor meu,
a quem por meu bem conheço?
pois como prefo padeço,
e como a quem vos não vê,
mal, cuja dor se não crê,
10 de prisão e de ausência;
pois, sem pecar, penitencia
faço de tras de hũa grade.
Meus olhos de escuridade
já não vêem, estão mortais;

Na edição de Birkman a carta tem a rubrica já transcripta a paginas 9 (na nota). O dr. Th. Braga tambem a transcreve, pondo porém *parece* em lugar de *parefça* e *Ecloga* em lugar de *Egloga*. *S* não traz a carta.

6 *A* do que outro amor mereço. *C* que outro amor merecia. 7 *B* prezo. *T* preso. 8 *D* como quem. 8 *B* vec. *T* vê. 9 *A* qual, cuja dor se nam cre. *C* qual crua dor se não cre. 10 *B* de prisão e. *D* de pesar ou. 12 *B* de tras. *T* de traz. 12 *A* duma. 14 *B* jaa nam veem jaa estã mortais. *T* nam veem, jaa sam mortais. *D* ja não

1. Cf. «a my, que verte deseo, | mill annos se me faz hum dia», *Cancioneiro* de Rêsende I 489, 19-20; «Ogni giorno mi par più di mill'anni», Petrarca, Soneto 79 da edição da *Nuova Biblioteca Popolare*.

8. *como a* em vez de *como* por analogia com «semelhante a» é do falar popular. No português

archaico encontra-se frequentemente «coma», que, em nosso entender, está por «com'a».

9. *mal* é regido de *padeço*.

3-10. A pontuação que o dr. Th. Braga põe n'estes versos é: virgula no fim do 5.º e ão 6.º verso, ponto final no fim do 8.º e ponto de admiração no fim do 10.º

- 15 mas pera que era ver mais,
 desque vos elles não virão,
 desque de vós se despedirão?
 Bem se enxerga nos damnos
 que estou prelo ha cinqu'annos
 20 afora os que ei de estar
 passando em dessejar
 o tempo que vos não vejo.
 Vede que fé de dessejo
 em que lugar m'acompanha!
 25 Nunca se vio fé tamanha
 nem tão mal agradecida!
 Não quis Deos que a minha vida
 fosse pera mais que isto;
 ainda que em vos ter viço
 30 não naci em vão, senhora;
 que a vida he de hũa ora,
 este bem sendo terreno;

 que, quer estê em mim mesmo
 quer estê fóra de siso,

vem já são mortais. 15 *D* para. 17 *B* desque. *D* que. 17 *D* despedi-
 rão. 20 *BA* os. *C* o. 20 *BC* de estar. *A* deitar. 23 *B* que fee de des-
 sejo. *DT* que ló o dessejo (*T* dessejo). 24 *D* neste lugar acompanha.
 25 *BD* vio. *T* viu. 26 *B* nem. *D* e. 27 *B* quis. *T* quiz. 27 *B* fortuna
 que a minha vida. *D* Deos que minha vida. *T* fortuna que a vida.
 28 *D* para. 29 *B* aynda. *D* inda. 30 *BD* naci. 31 *B* de hũa ora (*T*
 huma hora). *D* hũa (*C* huma) hora. 32 *B* sendo terreno. *D* ferá eter-
 no. 33 *B* este em mym. *T* estê em mim. *D* estê em mi. 34 *B* que

21-22. o tempo é regido de
passando.

23-24. O autor juntou em uma
 só oração duas palavras interro-
 gativas (*que fé, em que lugar*). É
 imitação do latim, onde se diz,
 v. g. *Considera quis quem frau-*
dasse. dicatur; veja-se Madvig,
Grammatica Latina § 492, a. O
 desconhecimento d'esta prática
 foi o que originou em *D* a mu-
 dança de *fé do* para *fó o* e de *em*
que para *neste*. O dr. Th. Braga
 que também escreve *só o*, mas

conserva em *que*, põe virgula de-
 pois de *acompanha*.

27. Sobre a lição d'este verso
 já fallamos na nota ao verso 6.^o
 da estancia 99 da Ecloga.

29. *ainda que* está no sentido
 rectificativo que tem em *que* na
 estancia 35 da Ecloga; de igual
 modo *inda que* adiante no ver-
 so 40.

32-33. A rima e (a não ser que
 a lição «este bem será eterno» se-
 ja a verdadeira) o sentido mostram
 que entre o verso 31 e o 32 ha uma
 lacuna de um ou mais versos.

- 35 nunca me verão deviso
d'aquelle tamanho bem.
E não vos diga ninguém,
que o mal que me tendes feito
me faz ter outro respeito;
40 inda que fora rezão,
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer;
e sempre isto ha-de ser
emquanto eu vivo for.
45 Que verdade e que amor
pera se não ter em muito!
e quão pouco he o fruto
que d'elle tenho tirado!
Quem lançasse o meu cuidado
50 onde o não visse mais!
pois lembranças tão mortais
traz á minha fantasia,
que basta hũa de hum dia
para me os meus tirar.
55 Nelle vos vi eu chorar,
e nelle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.
Nada, fenhora, me val,
60 não fei em que me sostenho.
Pois que vos escrito tenho,

quer este sem juizo. *D* quer este fora de sizo. 35 *D* diuiso. 36 *A* daquelle. 39 *B* teer. *DT* ter. 41 *B* ho. *T* o. 42 *BC* pelo. *A* polo. 42 *B* quero. *DT* quer. 43 *B* ysto. *D* isso. 47 *B* pouco boõ. *D* pouco. 47 *C* fruto. 49 *B* quem. *D* que. 49 *B* lançase. 50 *B* onde o nam vise (*T* visse). *A* donde o noſſo visse. *C* donde o voſſo visse. 51 *B* lembranças tam mortais. *D* as lembranças mortais. 52-57 inclusive faltão em *A* e *C*. 52 *T* fantezia. 53 *B* e primeiro do (*T* de) meu mal. *D* me fazem tam grande mal. Em *A* e *C* esta o verso 61 antes do 60. 60

35. *deviso*=apartado, separado; cf. «cumpre que estê | o entendimento do corpo diviso» Sá de Miranda, pag. 343.

51-52. Sem duvida o sujeito de *traz* é «o meu cuidado» que se subentende; assim que escrevemos: *á minha fantasia*—, e não,

como o dr. Th. Braga: *a minha fantezia*.

53-54. *que basta hũa* (sc. lembrança) *de hum dia* (o dia da separação) *pera me os meus* (sc. dias, os dias da minha vida) *tirar*.

55. *Nelle* (sc. dia).

- por que não vejo resposta?
 Quem vos pôs no que estais posta?
 Que palavras vos differão,
 65 que mais que a razão poderão
 que já entre nós possemos?
 Cuidai quanto nos quísemos,
 e não vos possa mudar
 dizer que vos podem dar
 70 outrem que tenha mais que eu.
 Pode fer; não nego eu;
 mas bem vos posso afirmar
 que não podereis achar
 outrem que vos tanto queira.
 75 Olhai que á derradeira
 riqueza não tira dor;
 pois antre ella e o amor
 qual he mais pera estimar,
 deve fer bem de julgar.
 80 Mas comquanto eu isto digo
 mal acabarei comigo,
 fenhora, que possa crer
 mudar-se vosso querer
 por nenhuns outros querereres,
 85 esquecendo os prazeres
 do nosso tempo passado,
 que me faz tão efforçado,
 que, em quanto—a meu cuidar—

B nam. *D* nem. 62 *C* veyo. 62 *BA* reposta. *CT* resposta. 63 *T* poz. 63 *D* questais. 65 *C* que razão. 65 *B* puderam. *T* poderam. 66 *BD* possemos. *T* puzemos. 69 *B* daar. 70 *A* queu. 71 *B* pode. *DT* poder. 72 *B* bem vos. *D* bem. 72 *B* afirmar. *T* afirmar. 74 *D* outro. 74 *B* vos tanto. *D* tanto vos. 75 *B* olhai. *T* Olhae. 76 *B* door. 77 *B* antre ella. *D* entrella. 79 *B* deue fer. *D* deuese. 80 *B* com quanto eu ysto diguo (*T* digo). *A* com quanto isto digo. *C* em quanto isto vos digo. 81 *B* comiguo. *T* commigo. 82 *BA* que. *C* se. 82 *D* posso. 83 *B* vofo. *T* vosso. 86 *B* do. *C* de. Em *A* a vogal está inteiramente apagada. 87 *D* o que me tem efforçado. 88 *B* em quanto (a meu

62. O dr. Th. Braga não põe ponto de interrogação no fim do verso. 78 e virgula no fim do v. 79.

75. O dr. Th. Braga escreve: equivalendo a «decidir-se a fazer uma cousa» (em latim *sibi in*

78-79. O dr. Th. Braga põe *animus inducere ut*—), é expressões classicas.

- a terra me não gozar,
 90 ninguém gozará de vós
 senão meus cuidados sós,
 e quem vossa contemplação
 os tempos gastando vão,
 como se fosseis presente,
 95 com hũa fê tão contente
 como no tempo melhor.
 E se isto ante vós for
 que me pus a escrever,
 querei, senhora, entender
 100 que tinha que dizer mais;
 mas lembrarão-me os finais
 vossos, e olhos fermosos,
 e os meus, de faudosos,
 lembrando-se que vos virão,
 105 com lagrimas me impedirão
 poder pôr mais por escrito.
 Baste o que tenho dito
 pera aver por galardão
 tres regras de vossa mão;
 110 pera reposta das quais,
 senhora, fique o mais
 que aqui escrever divêra
 se o escrever podera

cuidar). *D* em quanto eu cuidar. 90 *T* gozará. 91 *B* foos. *DT* fós. 92 *B* vofa. *T* vossa. 95 *B* fec. 96 *B* melhor. *DT* melhor. 98 *B* pus. *DT* puz. 99 *B* querei. *D* querer. 101 *B* lembrarãme os finais. *D* lembrãome os finais. *T* lembra-me os finais. 102 *B* vofos. *T* vossos. 102 *B* e. *D* e os. 104 *B* vos. *D* os. 105 *B* me ympediram (*T* impediram). *D* impedião. 106 *B* poder poor mais por. *D* pudera mais por. 108 *B* a veer. *D* auer. 110 *C* pela. 110 *D* reposta. 110 *B* quais. *T* quaes. 111 *B* ho. *T* o. 112 *B* diuera. *DT* deuera. 113 se o. *D* se se. 113 *BD* pudera.

92. Em *vossa contemplação* o pronome possessivo está em sentido objectivo, como ás vezes acontece em latim, vg. *fiducia tua* por *fiducia tui*.

EXCURSO I

SOBRE A METRIFICAÇÃO PORTUGUESA

A differença entre as syllabas metricas e as syllabas graphicas contadas pela grammatica está em que:

a) Se os sons vocalicos que se ouvem quando as palavras se pronuncião separadamente (v. g. *agoa*, *ardente*) se contraem em um só som quando se pronuncião seguidamente (v. g. *agoa ardente* que soa *agoardente*), as syllabas contão-se na metrificação conformemente á pronuncia que resulta da crase, e não segundo a escrita.

b) Na concorrência, em palavras seguidas, de vogaes não sujeitas a crase (v. g. *de outro*, *que ama*), se ha na pronuncia elisão da primeira vogal, as syllabas contão-se segundo a pronuncia; se não ha elisão, as vogaes concorrentes têm-se, em certos casos, por uma syllaba metrica.

c) A's vezes entrão as palavras no verso com a pronuncia abreviada propria do fallar descuidado familiar (v. g. *p'ra mim*).

As regras observadas pelos melhores metrificadores no contar das syllabas quando concorrem vogaes que não fórmão ditongo e quando concorre ditongo com vogal ou com outro ditongo são as seguintes (1)

I Vogaes simples oraes

A. A'tonas (2)

A'tonas iguaes na mesma dicção contão-se separadamente.

A'tonas iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Eis esgotada a amargura (P 55)

E estende no monte (P 26)

(1) Na citação de versos designamos com *O* o *Outono* de A. F. de Castilho (cita-se a pagina), com *P* as *Poesias* de Soares de Passos (cita-se a pagina).

(2) O *u* audível depois de *g* e *o* *u* (ou *o*) audível entre *g* e vogal (v. g. em *quatro*, *ensanguentar*) é em rigor uma semivogal

Como o orvalho na cruz d'um cemiterio (P 189)
 Vou co'o publico admirar-te (O 86).

A'tonas desiguaes na mesma dicção ou em diversas dicções
 constituem uma syllaba:

Mil aureos sonhos da vida (P 10)
 No amor e no infortunio exemplos sobrehumanos (O 115)
 Somos na terra qual viajante exausto (P 128)
 Ora aguia altiva desprezando o solo (P 45)
 Revoa na planicie e o caminhante (P 26)
 Densa nevoa cobriu tua luz (P)
 Sonhaste amor e poesia (P 116)
 O real no ideal se funde; o tenue veu (O 129)
 Em seu continuo gyrar (P 70)
 D'Aquelle que povoa a immensidade (P 86)
 Resoa o estrondo d'armas e d'envolta (P 226)
 O fumo e o fogo do voraz canhão (P 44)
 Podesse eu ganhá-los e iria seu nada (P 20)
 Portugal resurgiu, vingando a affronta (P 7)
 Eis o refugio, a habitação amiga (P 129)
 Theatro, capitolio, escola, asylo, mundo (O 131)
 Cada um se entrevê no quadro humanidade (O 129).

B. Tonicas

Tonicas contão-se separadamente:

Onde está esse vasto Capitolio (P 30)
 E' este o Eden que nos prende os olhos (P 123)
 Cantae ó aves módulos (P 99)
 E tu, ó gruta de Macau, sombria (P 3).

C. A'tona e tonica

A'tona e tonica iguaes na mesma dicção contão-se separadamente:

De presagios felizes rodeemos (P 51)
 Em densas cohortes (P 196).

labial; não tem pois de ser considerado quando se trata do concurso
 de vogaes átonas.

Dos monosyllabos hão-de considerar-se átonos:

o pronome e o artigo *o a* (*lo la, no na*);
 os pronomes *me, te, lhe, se*;
 as preposições *de, a e co* (por *com*);
 o pronome proclítico e conjuncção *que*;
 as conjuncções *e e se*.

A'tona e tónica iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Mas tambem da aurora á noite (P 115)

A alma sem viço lhe pendeu mirrada (Thomas Ribeiro, *D. Jayme*)
Se é deserto ingrato e rude (P).

Todavia o artigo *o a* (*do da, no na*) apparece ás vezes contado separadamente:

O homem vive e sente (P 175)

Neophyta da arte, agora o teu dever (O 131)

Quem não sente que *na* alma (João de Lemos).

A'tona e tónica desiguaes na mesma dicção é melhor contam-se separadamente:

Cahiam-lhe soltos os longes cabellos (P)

Silencio d'*ataúde* (P 176)

Creadas por nossa mão (P 10)

Meteoro fugaz que baixa ao solo (P 124)

Hoje o sepulchro nos *reune* em fim (P)

O amor, o amor, *celestial* perfume (P 46)

Ver um circo de *hyenas* e *pantheras* (P 191)

No regaço bemdito esmolas *preciosas* (O 132)

Voaste calcando a morte (P 108)

Inflammados recordam as *proezas* (P 225)

Voa cada vez mais em alvo *remoinho* (O 147)

Recuavam de susto murmurando (P 223)

Sob o peso dos annos se *arruinam* (P 215)

Do *suor* e das lagrimas que *verte* (P 125).

A'tona e tónica desiguaes em diversas dicções é melhor constituirem uma syllaba:

Inda ergues arrogante (P 179)

Vi-a uma vez, ao descahir da tarde (P 36)

Infeliz de quem nasce! *a* ave que gyra (P 169)

E perdemos-*te*, *ó* flor do occidente (P 22)

Desço á terra d'onde vim (P 55)

Tudo é triste! os verdes montes (P 9)

No fundo de um abysmo *ia* afogar-me... Então (O 130).

E' porém melhor contarem-se separadamente quando é o artigo *o* que está antes de *i* tónico ou o artigo *a* que está antes de *o* tónico e quando varias átonas desiguaes estão antes da tónica:

E o *hymno* que entoa (P 27)

Soa *a* hora, o momento fadado (P 94)

E offertando-lhe *a* urna com respeito (P 192).

D. Tónica e átona

Tónica e átona iguaes na mesma dicção contão-se separadamente:

Desata o voo por espaços novos (P 33).

Tónica e átona iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Quando o orvalho está a cair (O 165).

Tónica e átona desiguaes é melhor contarem-se separadamente (1):

Não merecia tal premio (P 57)

E ao som dos piões do cantor funereo (P 17)

Terra, entoa de novo o teu canto (P 207)

A's aras das duas incensos levae (P 186)

Lá irei resgatar-me da affronta (P 23)

Ao avaro bradou: Sé humano (P 205)

Vi os filhos do deserto (P 58).

II Ditongos oraes consecutivos e ditongo oral com vogal oral

A. Ditongos oraes consecutivos

Ditongos oraes consecutivos contão-se separadamente:

Ai! ousáram teu verbo ultrajar (P 205)

Cae ao sopro da rajada (P 9)

Senhor, Senhor, porque vim *eu* ao mundo? (P 169)

Eu co'as flores virei outra vez (P 95).

B. Ditongo oral e vogal oral

Ditongo oral e vogal oral contão-se separadamente:

Espero chorando do dia o *raiar* (P 220)

Nas *praías* do mar bravio (P 81)

Mas ah! longe esta *ideia* sombria (P 95)

No *seio* da fria terra (P 113)

Tudo revive *ao* hálito (P 97)

Dobrou *á* morte de alguém (P 48)

Eu amo a rosa branca das campinas (P 39)

Meus tristes dias findarei *aqui* (P 136)

(1) *io* ou *iu* finaes de preteritos fórmão ditongo e por isso constituem uma syllaba.

Eu a vi cahir no chão (P 81)
Que asylo recolheu a naufraga feliz (O 130)
Alcei o pendão da cruz (P 57).

C. Vogal oral e ditongo oral

Vogal oral e ditongo oral na mesma dicção contão-se separadamente:

E fugiu e voou. No mesmo sítio (P 38)
Baqueou nossa altiva nação (P 22)
Cruéis lavaredas (P 198)
Guia os meus passos ao sítio distante (P 218)
Mas eu, ó meu Sálgar, jamais te odiei (P 218).

Em diversas dicções vogal oral tónica e ditongo oral contão-se separadamente; vogal oral átona e ditongo oral constituem uma syllaba:

Té ao momento final (P 71)
Fizeram noite horrenda *a aurora* do meu dia (O 130)
Inda eu era tenro infante (P 81)
Fazendo estremecer o Nilo e *Euphrates* (P 31)
Disse o Auctor á mulher: Agora a vossa vez (O 133)
E ao som da rajada soltando lamentos (P 220).

III. Nasaes consecutivas e (ditongo ou vogal) nasal com (ditongo ou vogal) oral

A. Nasaes consecutivas

Nasaes consecutivas contão-se separadamente:

Candida rosa que o tufão *inclina* (P)
Foi alem *onde* eu nasci (P 80)
Que fazem *um* de dois seios (P 113)
Eis um anjo que desce os espaços (P 157).

B. Nasal e oral

Nasal e oral contão-se separadamente:

Catão á patria sorriu (P 102)
E no meio de tudo *em alto* monte (P 191)
Quem ergue virtudes, e o crime fulmina? (P 184)
Que impõe aos orbes e ás nações a lei (P 240)
Um homem chora: é Catão (P 105)
E a teus pés *com a* fronte curvada (P 206)
Como as areias que o tufão *agita* (P 195)
Alem, os vermes da feral jazida (P 170).

C. Oral e nasal

Oral tônica e nasal contão-se separadamente:

Cahiam-lhe soltos os longos cabellos (P 208)
 Cantae em côro ledô (P 99)
 Murmurou em accento funerario (P 7)
 Este mundo fallaz de ti indigno (P 38)
 Tarda-me já um sorriso (P 47).

Oral átona e nasal na mesma dicção é melhor contarem-se separadamente:

Busco ainda seu facho luzente (P 132)
 E o corseel andaluz volteando (P 21)
 Annunciando ao mundo novos dias (P 90)
 Qual a sciencia devassando ousado (P 126)
 Baixou dos céus voando (P 194).

Oral átona e nasal em diversas dicções constituem uma syllaba:

Desde o romper do dia a ânciada fonte (P 134)
 Ave canora em solidão gemendo (P 3)
 O amor da patria, a ingratição dos homens (P 6)
 E depois assoma o inverno (P 11)
 E tu, que és tu, ó gloria? um som que passa (P 168)
 E um suor frio me escorreu na fronte (P 189)
 E empunhando a antiga lança (P 62)
 Semelha no embate (P 199)
 Cedo o inverno com gelidos mantos (P 94)
 Como um cirio funeral (P 11)

A's vezes porem até os melhores metrificadores contão separadamente a vogal do artigo definido antes de nasal e a vogal final de cada antes da palavra *um*.

A onda que bate (P 199)
 Do anjo do mal (P 197)
 Cada um se entrevê no quadro humanidade (O 129)

As syncopes (de vogaes átonas) permittidas são:

- a) a do *e* pretonico entre consoante explosiva ou *f* ou *v* e *r* ou (raramente) *l* pertencentes para a syllaba seguinte, v. g. *sob'rana* (P 89), *off'rece* (P 45), *fev'reiro* (O 190).
- b) a do primeiro *a* de *para*:

Sorri-te ledô p'ra mim (P. 47)

(Esta syncope, como assenta propriamente na fôrma antiga proclitica *pera*, pertence em rigor ao caso antecedente.)

c) a do *o* pretonico entre explosiva e *r* pertencente para a syllaba seguinte, v. g. *c'roa* (P. 57, O 8).

E' permittida a aphérese (mas é pouco frequente) do *e* átono antes de *s* impuro:

'Stava o pobrezinho a ver (O 184)

E' permittida a apócope (mas é rara) de *e* átono depois de *r* ou *l*:

Arvor' do Santo Natal (O 181).

Foi Camões o primeiro poeta nosso que submetteu o contar das syllabas dos versos ás leis que hoje se observão. No periodo dos trovadores as vogaes concorrentes que (no interior das palavras) não formavão ditongo, contavão-se separadamente (1); as elisões só em casos restrictos tinham lugar. No periodo seguinte os poetas não duvidavão:

a) fazer synéreses violentissimas reunindo em uma só syllaba, por exemplo:

1) a vogal (ou ditongo) nasal do fim de uma dicção e a vogal (ou ditongo) inicial seguinte:

E pois mester me *nam* aveis (*Canc.* de Rêsende III 530, 8)

Quando eu *ontem* aqui cheguei (B. Ribeiro, ecl. 2.ª)

2) nasal e vogal diversas pertencentes á mesma dicção, v. g. *boa*.

3) duas tónicas:

E se agora lá á [=ha] donzela (*Canc.* de Rêsende I 464, 14)

b) admittir da pronuncia descurada familiar:

(1) Ainda em Camões é vulgar *ie* e *ia* átonos, formarem, na mesma dicção, duas syllabas metricas:

As molheres com choro *piadofo* (*Lus.* IV 89)

Outrosim, quando a concorrência de *ai* e *au* átonos provinha da queda de consoante latina intermedia (v. g. em «vaidade» de *vanitatem*), antigamente aquellas vogaes pronunciavão-se separadamente (assim no *Espelho de Casados*, a folhas 29 da 2.ª edição, está escrito «vahidade») e formavão duas syllabas metricas:

Ja que nefta goftosa *vaidade* (*Lus.* IV 99).

1) a absorpção em uma só syllaba de duas consoantes iguaes separadas por um *e* ou *o* surdos:

Namorado dos namorados (*Canc.* de Rêsende I 319, 4)
Por iffo faze por *te ter* (B. Ribeiro, ecl. 4.^a)

2) a syncope do *e* surdo (ou *i*) pretonico entre quaesquer consoantes pertencendo a segunda á syllaba seguinte:

Fizeram-fe affi tam senhores (B. Ribeiro, ecl. 4.^a)
E remedio dos tristes he (Id., ecl. 5.^a)
Que da cabeça fazem pees (*Canc.* de Rêsende II 524, 27)
De Florifendos me lembrando (B. Ribeiro, ecl. 5.^a)

3) a syncope do *a*, *o*, *u* pretonicos entre consoantes comparativos:

E descanse teu coração (*Canc.* de Rêsende I 81, 25)

Esta prática abrange, além da combinação *po*lo da preposição *por* com o artigo, também a particula *como* quando proclitica:

De ser perdido polo seu (*Canc.* de Rêsende III 6, 10)
Ho vencedor com'o vencido (Ibd. II 152, 20)

4) a syncope, em palavras esdruxulas, da vogal da penultima syllaba:

E totalas eruas sabidas (*Canc.* de Rêsende II 569, 7)
Ataa tres couados de seda (Ibd. III 298, 1)

5) a supressão do *o* (depois de enfraquecido em *e*) dos finaes dos verbos quando seguido de pronome enclitico:

Devemolo bem de louuar (*Canc.* de Rêsende III 40, 13)
E moiro-me affi de cuidados (B. Ribeiro, ecl. 2.^a)

6) a apocope do *o* átono precedido de *r*, de um nome, quando seguido da preposição *de*:

A for [o] de mouro Foçem (*Canc.* de Rêsende III 108, 16)

7) a apocope da vogal final (depois de enfraquecida em *e*) dos pronomes *nosso nossa, vosso vossa* quando antepostos procliticamente a um nome:

Porque vossa mercê não chora (*Canc.* de Rêsende I 85, 18)
E toda vossa descriçam (Ibd. III 141, 20)

c) empregar certas crases que depois forão consideradas vulgarismos de pronuncia, v. g. *ó* de *ao*.

Por outro lado era corrente, como na metrica dos trovadores:

a) fazer syllabas metricas á parte de duas vogaes átonas da mesma dicção:

D'auer premyos mundanos (*Canc.* de Rêsende I 231, 15)

b) fazer, em todas as circumstancias, syllaba metrica da vogal final átona seguida de vogal ou ditongo. São a flux os exemplos no *Cancioneiro* de Rêsende. O uso d'esta liberdade é o que principalmente differença a metrificacão de Christovão Falcão da de Camões. Assim occorrem na Ecloga versos como:

E como em a baixeza (est. 6)
Em lhe ifto eu ouvindo (est. 92)

Em segundo lugar na metrica anterior a Camões contavão-se às vezes os ditongos por duas syllabas. Tambem algumas vezes se considerava vogal propriamente dita a semivogal *o* ou *u* depois de guttural e d'ella se fazia syllaba á parte:

Na fragoa do cunhado (*Canc.* de Rêsende II 290, 6)

EXCURSO II

SOBRE PONTOS DE ORTHOGRAPHIA ANTIGA

I Da duplicação das vogaes

A duplicação graphica das vogaes tinha duas origens.

Em primeiro lugar servia meramente de indicar que a vogal era tónica (quer o som fosse aberto, quer fechado). Esta pratica tinha por fim originariamente evitar confusões de palavras e de formas, distinguindo-se assim, por exemplo, *estua* (*Canc.* de Rêsende I 34, 25; II 504, 6) de *esta*, *daa* (ibid. I 34, 27; II 536, 36) de *da*, *tomaraa* (ibid. II 511, 31) de *tomara*, *perderaão* (ibid. II 506, 27) de *perderão*, *estee* (Chr. Falcão, carta, 33, da edição de Birkman ⁽¹⁾), graphia que o dr. Th. Braga substitue por *estê* de *este*, *dee* (Chr. Falcão, ecloga, est. 47, v. 6 e est. 92, v. 4, graphia que o dr. Th. Braga substitue por *dê*) de *de*, *jua* de *ja* (=ia). D'ahi applicou-se, desnecessariamente, esta notação a outras palavras, incluindo as monosyllabicas, v. g. *fouão* (*Canc.* de Rêsende II 512, 15), *maãos* (ibid. I 31, 5), assim como ainda hoje se accentuão, sem necessidade, monosyllabos abertos, como *lá*, *pá*, etc.

A's vezes a duplicação servia simultaneamente de indicar que, em virtude de uma contracção, a vogal era aberta, v. g. *este=êste*, de *a este* (*Canc.* de Rêsende III 560, 9). D'ahi, havendo contracção, empregava-se esta notação ainda quando a vogal não era tónica, v. g. *neestalagem* de *na estalagem* (*Canc.* de Rêsende, III 222, 5).

Em segundo lugar corresponde á existencia de dois sons vocálicos consecutivos devidos á queda da consoante intermedia, v. g. *máa*, *seêlo*, *pées*, *Poombeiro*, *doór*, *perígoo*. A metrica das poesias do *Cancioneiro* da Vaticana prova que primitivamente soavão duas vogaes. Pouco a pouco forão os dois sons reduzidos a um só, ou por crase ou (quando átonos em syllabas finaes, v. g. em *perígoo*) por apocope. E' porém difficil, em geral, determinar com respeito a cada categoria de palavras, quando foi que se consummou esta redução de sons. Com effeito de serem as duas vogaes empregadas no verso com o valor de uma só syllaba não se pode concluir que houvesse a tal redução de sons, por isso que podia haver synérese; por ou-

(1) A esta edição é que nos referiremos, quando outra cousa não dissermos.

tro lado podia já dar-se a redução dos sons e todavia conservar-se a duplicação na escrita como pura tradição orthographica ou passar a duplicação a indicar que a vogal resultante da contracção era aberta (1); e vice-versa pode uma ou outra vez dar-se o caso de se emittirem ainda dois sons, e, por descuido, ter-se representado o som unicamente uma vez. Só quando se torna geral a representação da vogal aberta por uma letra accentuada, e (attendendo a que as liberdades de rima não são muito vulgares na poesia antiga) quando se enconôtra frequentemente palavras taes (v. g. *fee*) rimando com palavras em que de certeza o som vocalico era só um (v. g. *ei*) é que se pode concluir que a redução dos sons já estava realizada. Assim cremos que já nas primeiras decadas do seculo XVI estava dada a redução, entre outras, nas palavras *crer*, *ser*, *ter*, etc.; *mercê*, *fê*; *dor*, *côr*; *dô*, *sô*, etc., *até*.

II Da representação das vogaes e ditongos nasaes

1) A nasalação do *u* seguido de vogal era representada pelo til, v. g. *hũa*.

A nasalação do *o* seguido de outro *o* era representada por til ou por *m* ou (quando não é final) *n*; mas neste caso o *m* ou *n* ia depois do segundo *o*, v. g. *toom*, por isso que escrevendo-se *tomo* ler-se-hia naturalmente não *tom-o* (isto é, *tão*), mas *to-mo*.

A do *o* seguido de *a* era representada por til, v. g. *bõa*.

A do *i* seguido de vogal era normalmente representada pelo til, v. g. *vizão*. Sendo *i* a segunda vogal, representava-se ou pelo til (posto indifferentemente sobre a primeira ou sobre a segunda vogal) ou por *n* posto depois do segundo *i*, como o *m* em *toom*, v. g. *fiins*.

A do *a* seguido de outro *a* era representada pelo til, v. g. *lãa*, ou, menos frequentemente, pelo *n* posto depois do segundo *a*, como o *m* em *toom*.

2) O ditongo *ão*, final de dicção, era representado indifferentemente, tanto em syllabas átonas como em tónicas, tanto em polysyllabos como em monosyllabos, por *ão* ou *am* (só por equívoco *an* ²⁾) ou, menos frequentemente, por *aom* (com o *m* depois do *o* como em *loom*), v. g. *caom* (o adjectivo *vão*) rimando com *condiçam* no *Canc.* de Rêsende II 404, 12-15.

No interior das dicções (em deminutivos e augmentativos) era normalmente representado por *ão*. Nos pluraes (*ãos*) representava-se por *ão* ou por *aon*, v. g. *mãos* ou *maons*.

(1) Em particular, antes de se generalizar o emprego dos acentos costumava escrever-se *soo*=*so*, para distinguir de *sô* (do latim *sub*), e *doo*=*dô* para distinguir de *do*.

(2) A fórma apocopada e proclitica do adjectivo *grande* escrevia-se, conformemente ao que *vae* dito, *grão* ou *gram*, representando a segunda graphia absolutamente o mesmo som que a primeira. Servia tanto para os nomes masculinos como para os femininos. A asserção de que no feminino se dizia *gran* é de todo o ponto errônea.

No ditongo *õe* ou *õi*, final de dicção, era normalmente representada pelo til. No interior das dicções, incluindo os pluraes em *ães*, era representada pelo til ou por *m* ou *n* postos depois da segunda vogal, como em *toom*, v. g. *cães* ou *caens*. (O emprego do *m* e *n* ainda hoje permanece nas palavras *caimba*=caíba e *caínçada*=cãçada).

O ditongo *ẽi* era, como ainda hoje, imperfeitamente representado, quando fechando dicção, por *em* (*em* só por descuido), quando seguido de *s*, por *ens* ou *ẽs*. Uma ou outra vez porém apparece a graphia que representa a vogal subjunctiva do ditongo, isto é, *ẽe*, *ẽi*, ou (com o *m* posto como em *toom*) *eem*, e *ẽes*, *ẽis* ou *eens*, *eins*, v. g. *bẽes* (Orta, colloquio 16), *teins* (*Canc.* de Rêsende II 560, 20), *becns* (Vida de S. Aleixo, *Revista Lusitana* I pag. 340). (1)

No ditongo *õe* ou *õi* era representada pelo til, v. g. *dois* (antigo plural de *dom* no *Canc.* de Rêsende II 561, 7) ou por *n*, posto depois da segunda vogal como o *m* em *toom*, v. g. *perdoens*; quando porém o ditongo fecha dicção (em *põe*) escrevia-se regularmente *m* e não *n*, v. g. *põe* ou *poem*.

No ditongo *ui* era representada pelo til ou por *m*, posto, como em *toom*, depois da segunda vogal, v. g. *mũ* ou *muim* (Goes, *Catão Maior*, pag. 45 da 2.^a edição).

Na representação da nasalação de vogal seguida de outra vogal escrevia-se ás vezes, por descuido, o *n* ou *m* depois da primeira vogal, o que pode levar e tem levado a suppor-se a existencia de uma pronuncia que de facto não existia. Assim encontra-se, por exemplo: *lumar* por *lũar* no *Canc.* de Rêsende II 568, 23; *bona* por *bõa*, *cabrana* por *cabrãa*, *donas* por *dõas*, *componer* por *compõer* no *Elucidario* de Viterbo; *venir* por *vẽir* no mesmo *Elucidario* (na palavra *Babilom*).

3) A nasalação de vogal seguida de consoante no interior das dicções é representada por *m* ou *n* (ou, geralmente só para poupar espaço, por til). Mas o português archaico deixava a cada passo de

(1) Segundo já advertimos em outro escrito, é muito moderna (só do seculo actual, cremos) a prática de pronunciar e escrever com dois *ee* a terceira pessoa do plural dos verbos *dar*, *crer*, *ler*, *ter*, *ver* (e ainda pessoas cultas não a seguem com respeito ao verbo *ter*; no verbo *vir* é recentissima tal graphia e considerada barbarismo) em lugar de *dem* (como ainda se lê no *Outono* de Castilho a paginas 189 e 243) *crem*, *lem*, *tem*, *vem*, segundo comprovão as graphias e as rimas nos escritos anteriores ao seculo actual. Assim que as graphias, pouco frequentes, *lem* (Orta, fol. 2 verso da 1.^a edição), *tem* (*Espelho de casados*, fol. 9 verso da 2.^a edição e 14 da 1.^a, onde está no numero singular), etc., hão-de ser explicadas como as explicamos no texto. Também na terceira pessoa do presente indicativo do verbo *pôr* o português antigo não distinguia o singular do plural; em ambos os numeros se dizia *põe*, por outro modo escrito, *poem*; assim achase *poem* como singular no colloquio 19 de Orta (o editor moderno escreveu, a paginas 290, *põe*); no *Espelho de casados* a fol. 18 v. da 1.^a edição; *poë* como singular ibd. a fol. 13, como plural, ibd. a fol. 13 e (escrito *põe*) 49.

observar a distincção entre o *m* e o *n*; assim encontra-se por exemplo *campo* e *canto*.

A nasalção de vogal final de dicção é representada por *m* ou, para poupar espaço, por *til*. Neste caso o *n* só apparece por descuido ou quando a vogal nasal só é final por haver apocope de vogal, v. g. em *perdon* (de *perdão*). *Cancioneiro* da Vaticana, 2.

III Do ç, s, z, ch, x

1) Até os fins do seculo XVI conservou-se tambem no sul do reino a distincção entre o *c* e o *s* forte, e entre o *z* e o *s* brando; assim encontra-se constantemente (salvo, é bem de ver, o caso de erro typographico ou de cópia), por exemplo, *aquear*, *cafar*, *Calama*, *Caragoga*, *Camora*, *camagre*, *capato*, *carrar*, *citrão*, *cajo*, *cumo*, *Monção*, *ruço*, *Buaco*, *Beça*, *Saica*; *possego*, *sossego*, *Sea*, *Sintra*, *farsa*; *asa*, *Aris*, *brasa*, *Bras*, *cos*, *Diais*, *entremês*, *Inês*, *lis*, *marquês*, *Mós*, *princesa*, *pus* (de *posui*), *retrós*, *mês*, *português*, *arnês*; *azo*, *durazio*, *cizinho*, *prazo*, *arráziz*, *azar*, *autorizar*, *fertilizar*. Se em obras modernamente publicadas por editores que não declarão ter alterado a orthographia, as palavras deixão muitas vezes de achar-se escritas com exactidão a este respeito, é que taes editores nem sempre transcrevem o que está no original. Assim na nova edição dos *Colloquios* de Orta vê-se, por exemplo, *pobresa* (pag. 62), *disei* (p. 306), *rasão* (p. 47), *cozinha* (p. 79), *portuguez* (p. 25, 36, 364), *montez* (p. 194), *francez* (p. 214), *polverizada* (p. 211), *trazem* (p. 258), quando na edição original está *pobreza*, *dizei*, *razão*, *cozinha*, *Portugues*, *montes*, *Francês*, *polverizada*, *trazem*. Quando, porém, no interior das palavras a sibilante é seguida de outra consoante, já pelo meado do seculo XVI se encontra o *z* substituído pelo *s*. Assim ao passo que primitivamente se escrevia: *Bizcaia*, *mazquinho* (ainda nos *Lusiadas* III 118), *mazmorra* (*Canc.* de Resende III 122, 5), já occorre, por exemplo, *mesquinho* na estância 47 da ecloga de Christóvão Falcão.

Nas averiguações etymologicas é, pois, necessario verificar primeiro qual era a orthographia mais antiga; por não ter havido sempre esta cautela, tem-se dado e dão-se ainda varias etymologias inexactas. Ponhamos exemplos. O adverbio *assaz* não pode representar o latim *ad satis*, mas sim representar, como pela primeira vez foi demonstrado pelo sr. Leite de Vasconcellos, *ad satiem*. O verbo *azar* não pode derivar do nome *asa* mas representa um verbo **aptiare* derivado de *aptus* (analogo a *alçar* = **altiare* de *altus*). O nome *azo* é um derivado regressivo (*Rückbildung*) de *azar*. O nome *almoço* não pode representar *admorsus*; tem conseguintemente de considerar-se derivado regressivo de *almoçar* representante de **admorsitiare*.

2) De igual modo conservou-se tambem a distincção entre o *ch* (que certamente era pronunciado como ainda hoje é em Trás-os-Montes) e o *x*. Assim nos escritores antigos só occorrem as graphias *cepu* (Orta. *Colloquio* 19), *ca* (titulo do rei da Persia), palavras que barbaramente agora escrevem *cheick*, *schah*.

IV Do i e j, u e v

Na orthographia antiga a letra *i* não servia, em regra, de representar o som do *i* inicial. Empregava-se para este fim o *j*;

mas quem queria representar aquêlle som com maior precisão e evitar a vista do *j* seguido de consoante (v. g. *jr*, *jsto*) recorria á graphia *hi* (v. g. *hir*), por isso que o *h* por si só não corresponde a nenhum som português, ou ao *y* (v. g. *yr*). E' assim que nas duas mais antigas edições da Ecloga *Chrisfal* occorre por exemplo, segundo vae notado no commentario respectivo, por um lado *ydu*, *yqual*, *yffo*, *ynda*, *yndo*, *ys*, por outro *his*, *híremos*, e no *Cancioneiro* de Rêsende *yilha* (I 157, 22), *ynteira* (I 247, 29). *Ydanha* (II 504, 34) e *hinchando* (I 216, 20). A's vezes juntavão-se, irregularmente, ambos estes modos de evitar o *j* inicial seguido de consoante e escrevia-se, por exemplo, *hyr*.

Semelhantemente a letra *u* (que tinha lugar só no interior das dicções para representar indifferentemente o som de *u* ou de *v*) não servia nunca de representar o som do *u* inicial. Empregava-se neste caso o *v* (v. g. *vuas*=uvas, *Cancioneiro* de Rêsende I 23, 24); mas quem queria representar aquelle som sem ambiguidade e evitar a vista de *v* seguido de consoante (v. g. *vfar*=usar, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*, e tambem *v*=u=lat. *ubi* no *Cancioneiro* de Rêsende I 19, 24), recorria á graphia *hu*. E' assim que o artigo indefinido se escrevia normalmente *hum* e se encontra *husar* no *Cancioneiro* de Rêsende II 535, 18; 545. 9, e *huvas* (=uvas) na mesma obra III 588, 23.

V Da incerteza na orthographia

A falta de regra fixa na representação de certos sons, e, como consequencia d'este facto, o emprego errado, por descuido, de umas graphias por outras tem dado lugar já á supposição da existencia de palavras que de facto nunca existirão, já a enganos dos proprios philologos modernos no que toca á nossa antiga phonetica, já a erros na leitura das edições e manuscritos antigos. Aqui resenharemos o que ha mais geral concernente a este assumpto.

1) O som de *k* era normalmente representado antes de *e* e *i* por *qu*, antes de *a*, *o*, *u* por *c* (isto ainda quando correspondia a *qu* latino ¹⁾); mas escrevia-se tambem, não raras vezes, *qu* no segundo caso, e, por equivoco, *c* no primeiro, por exemplo, no *Elucidario* de Viterbo: *quaer*, *vosquo*, *provinquo* (no vocabulo *lia*), *quomo*, *aqueacer*, *quasa*, *quasal*; no *Cancioneiro* de Rêsende: *quantos da casa* (I 470, 27), *quam* (=cão, III 232), *quanti* (III 476. 2); no *Catão Maior* de Damião de Góes: *pratiqua* (pag. 45 da edição Rollandiana); e vice-versa no *Elucidario*: *peceno*. ⁽²⁾

Semelhantemente a guttural branda era, como hoje, normal-

⁽¹⁾ Consoante já notámos a paginas 276 do volume II da *Revista Lusitana*, a semivogal latina *u* depois de *q* desapareceu invariavelmente no português primitivo, dando-se esta suppressão até nas dicções de origem erudita ou semierudita.

⁽²⁾ *acececeu* em um documento do *Elucidario* está erradamente ou por *acaecceu* ou por *aquececu*=aquêceu. Não ha o verbo *acececer*, mas sim *acaecer* ou (com condensação do *ae* em *e* como em *quente* - lat. *calentem*) *apiucer*, forma que vem, por exemplo, em B. Ribeiro.

mente representada por *g* antes de *a*, *o*, *u*, por *gu* antes de *c*, *i*; mas bastas vezes se escrevia tambem *gu* no primeiro caso, e, por equívoco, *g* no segundo, por exemplo, no *Elucidario*: *eyviguar*, *le-guamento*; no *Cancioneiro* de Rêsende: *carreguar* (I 13, 26), *foguo* (III 423, 25); na edição *B* da *Ecloga Chrisfal*: *aguoa*, *aguora*, *diguo*, *longuo*, *loguo*, *guado*, *fadigua*, e vice-versa nas *Leges et consuetudines* (Port. mon. hist.): *pagm-the* (pag. 248). Varios dos vocabulos registados no *Elucidario* são meras graphias inexactas d'esta especie, v. g. *agisado*, *gisado*, *eivegedes* (por *eivegedes*=lat. *aedificetis*).

2) A palatal branda era representada antes de *a*, *o*, *u* por *j*, antes de *e*, *i* por *g* ou *j* arbitrariamente; mas ás vezes, por equívoco, tambem no primeiro caso era representada por *g*, por exemplo, nas *Leges et consuetudines*: *cligudos* (pag. 272; mas mais adiante *elejudos*). Tambem algumas palavras e fórmas registadas no *Elucidario* não passam de graphias inexactas d'esta especie, v. g. *aga* (por *aja*, isto é. *haja*), *gouver* (por *jouvé*, futuro conjunctivo de *jazer*), *prigom*, *ca-gom*, *gur*, *aguso*, *gajuno*, *rigo*, *algofar*, *ensegas* (=lat. *insidias*), *govenco*.

3) Antes de se tomar do provençal o *lh* para representar o chamado *l* molhado, era este som representado por *ll*, *li* ou simplesmente por *l*; assim occorre no *Elucidario* (2.^a edição): *coller*, *fillada*; *alios*, *concelio*; *coileita*, *esbulado*, *conselar*. De modo semelhante o simples *n* servia de representar o *n* molhado, por exemplo, no *Elucidario*: *companon*, *conocença*.

VI Do *sc*

Os verbos portuguezes representantes de verbos latinos em *-scere* (ou que passarão popularmente, como *padecer*, a seguir o typo dos verbos em *-scere*) conjugavam-se no periodo mais antigo com observancia das leis phoneticas, sendo representado o *sc* latino antes de *a*, *o* por *sc* (=sk), e antes de *e*, *i* e (nos participios passivos) *u* por *ç*. Assim dizia-se, por exemplo, no presente indicativo: *creasco*, *creças*, *crece*, etc., e no conjunctivo: *creasca*, *crescas*, etc. Exemplos de fórmas como *creasco*, *creasca*, etc., encontram-se colligidos pelo sr. Adolpho Coelho nas *Questões da lingua portuguesa*.

Posteriormente as fórmas em que o *sc* latino era seguido de *e*, *i*, influirão, por muito superiores em numero, naquellas em que o mesmo *sc* era seguido de *a*, *o*, e passarão estes verbos a regular-se na primeira pessoa do presente indicativo e no presente conjunctivo pelas outras fórmas verbaes, vindo pois a dizer-se: *creço*, *creces*, *crece*, etc., e: *creça*, *creças*, etc. (1)

(1) Enganarão-se portanto os que supuserão que ao presente *aconhosco* corresponde por infinitivo *aconhoscer*, quando o infinitivo é realmente *aconhocer*. O desconhecimento de factos da grammatica antiga tem introduzido d'este modo nos dictionarios fórmas nominaes e verbaes que nunca existirão. Assim das fórmas archaicas *arço* (primeira pessoa do presente indicativo), *arça*, *arças*, etc., (presente conjunctivo) do verbo *arder* deduziu Viterbo um verbo *arcer*; de *eivegedes* (conjunctivo de *eivagar* ou *eivigar*=lat. *aedificare*) um verbo *eiverger*; de *traae* (em que o *a* dobrado representa o *a* aberto)

A pronúncia representada pela graphia *crecer*, *creço*, etc. conservou-se (tanto nos verbos como nas partes da oração que etymologicamente se lhes ligão, v. g. *crecimento*) pelo menos até os princípios do século XVIII e é ainda a pronúncia popular e muitas vezes a das proprias pessoas cultas ⁽¹⁾. De então para cá o pedantismo etymologico, alterando a tradição tem introduzido no português mais um manancial de incoherencias com a prática de pronunciar *se*, mas só nas dicções em que a origem latina é transparente, sendo que se se pronuncia e sobretudo se escreve *crescer*, *descer*, *convalescer*, etc., ninguém ainda pronuncia nem escreve *padescer*, *agradescer*, *aquescer*.

No que toca á orthographia, não era raro, ainda nos tempos antigos, o escrever-se, por influencia da etymologia, *se* em vez de *ç*; mas, que era unicamente uma graphia etymologica. prova-o não só a rima nas obras poeticas (por exemplo Christovão Falcão rima *pasce* com *face* na Ecloga, estancia 36; Franco Barreto na *Eneida* XI 44 e Christovão Falcão na citada estancia da Ecloga rimão *nasce* com *face*), senão também o encontrar-se por vezes tal graphia em dicções em que ainda hoje a pronuncia de todos é *ç* e não *se*, por exemplo, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*: *defagradeçfida* (est. 93), *padefcendo* (est. 36), e na rubrica da Carta: *parefçer*; em Orta no Colloquio 17: *carefçemos* (*careçemos* na edição do sr. conde de Ficalho).

VII Do h

O *h* como sinal etymologico, em regra, não se empregava na orthographia antiga. Por exemplo na primeira estancia da Ecloga *Chrisfal* as duas edições mais antigas escrevem *ouue* (=houve).

Como letra auxiliar,

1) entrava nas graphias *hi* e *hu* representativas, segundo já foi dito, dos sons de *i* e de *u* quando iniciais.

2) indicava, anteposto a vogal, que tal vogal era tónica, mormente quando podia haver ambiguidade, v. g. *ahi* (como ainda hoje se escreve ordinariamente; para distinguir da interjeição *ai*), *vrohhy* (*Cancioneiro* de Rêsende III 177, 28; para distinguir do presente *rói*), *ha* (verbo, para distinguir da preposição átona *a*), *he* (verbo, para distinguir da conjuncção *e*). (A's vezes concorria superabundantemente com a duplicação da vogal, v. g. *hee* no *Cancioneiro* de Rêsende I 283, 20).

3) representava, no português mais antigo, posto entre consoante e vogal, o som do *i* átono reduzido que não fórma syllaba sobre si, v. g. *limpho* (=lat. *limpidus*), *termho* (=lat. *terminus*), *mha* (fórma do pronome possessivo feminino empregada só procliticamente, v. g. *mha madre*; fóra d'ahi dizia-se *mia*).

um verbo *traçer*. Por ignorarem que, sendo *diáboo* (quadrisyllabo, do latim *diabolus*) a fórma antiga de *diabo*, lhe havia de corresponder por feminino *diábua*, os compiladores do *Diccionario* attribuido a fr. Domingos Vieira accentuáráo *diábôa*.

⁽¹⁾ Soares de Passos, tão esmerado na metrificacção, rima *rejuvenesce* com *aquece* (pag. 97).

Uma vez ou outra também occorre, como sinal separativo:

1) indicando, depois de *n* que o *n* não é consoante, mas sim sinal de nasalação da vogal antecedente, v. g. no *Elucidario*: *engenho* (isto é *engêo*=lat. *ingenuus*), *avenhir* (isto é *avêir*=actual *avir*), *Antanho* (isto é *Antão*).

2) indicando, entre *i* e vogal, que o *i* vale de vogal e não de consoante, v. g. no *Elucidario*: *Juihão* (na palavra «palame»), *meihos*.

Demais encontra-se avulsamente, como inicial de dicção, já em consequencia de falsas analogias (sobre o que vamos fallar em seguida), já, ao que parece, como pura letra de luxo, v. g. *henton* (*Leges et consuetudines*), *horaçoões* (*Vida de Santa Eufrosina*).

VIII Do pedantismo orthographico

No português antigo, semelhantemente ao que ainda hoje acontece, occorrem graphias totalmente inexactas, que sem representarem a pronuncia viva provinham da pretensão exaggerada de escrever em conformidade com a etymologia, conformidade não raro meramente imaginaria, e tem dado lugar a ideias falsas acerca da nossa antiga phonetica. Este que podemos chamar pedantismo orthographico, manifesta-se,

1) em substituir a letra que verdadeiramente se devêra empregar, por aquella que representa o som latino de que o nosso é transformação, v. g. escrevendo *c* ou *g* em lugar da vogal portuguesa que resultou da dissolução da guttural latina, como se vê, por exemplo, nas graphias *Hector* (como escreve o seu nome o autor da *Imagem da vida Christã*) em vez de *Heitor* (como vem no *Cancioneiro* de Rêsende II 549, 16), *docto* (como escreve J. Osorio no *Catão Maior*) em vez de *douto*, *doctra* (no *Elucidario*) por *d'outra* (por supposta analogia), *regno* em vez de *reino*; ou escrevendo *gn* por *nh*, como se vê nas graphias *cognoscam*, *cognoçudo* (no *Elucidario*).

2) em deixar de pôr a letra que representa um som que não existia no latim litterario, como se vê na graphia *screver* em vez de *escrever*.

3) em accrescentar letras em virtude de suppostas analogias ou de ideias erradas acerca da correspondencia entre os sons latinos e os portugueses, como se vê nas graphias *scripvam* (nas *Ordenações* de D. Duarte, pag. 292) por supposta analogia com *scriptor*, *reygno* (no *Elucidario*) por se não saber que o *i* de *reino* representa o *g* do latim *regnum*. (E' o mesmo erro que ha na graphia *fleugma* por *fleuma*).

EXCURSO III

Vendo os erros numerosos que desfigurão as edições das obras de Christóvão Falcão pareceu-nos que fariamos serviço a futuros editores, se, norteados-nos pelo proemio dos *Adversaria critica* de Madvig, apresentássemos aqui uma classificação, acompanhada de exemplos, dos erros commettidos por aquelles que dos nossos livros e documentos, manuscritos ou impressos, tem tirado novas cópias.

I

Uma parte dos erros de que fallamos é devida a confundirem-se letras semelhantes ou palavras que na escrita pouco differem. Tem-se, por exemplo, confundido entre si:

c e *t* (1). No *Elucidario* vem: *coleiça* por *coleita*=colheita, *colheiceiro* por *colheiteiro*, *peccavi* (em «peccar») por *pectavi*, e, como acertadamente conjecturou João Pedro Ribeiro. *finco* por *finto*, *marnoceiro* por *marnoteiro*. No *Espelho de casados*: *fem me estudar com este Broquel* por *fem me escudar* etc. (erro conservado na 2.^a edição, f. 1); no *Elucidario*, como conjecturou J. P. Ribeiro: *estanho* por *escanho*, *estoupero* por *escoupero*.

c e *e*. No *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, cap. 48 (f. 236 v. da 1.^a edição) vem: *As Orcadas choram em cabelo* por *As Oréadas choram em cabelo*. (Este erro conservou-o na sua edição o sr. Manoel Bernardes Branco sem attentar em que fica o verso com uma syllaba de menos e sem um dos accentos obrigatórios). No *Elucidario*: *jazeo* por *jazco*.

i e *t*. Na 2.^a edição do *Espelho de casados*, f. 23 v., lê-se: *ho que lança desta boa molher: lança todo bem por ho que lança de si a boa molher* etc., como está na 1.^a edição (f. 31).

i e *r* (em uma das suas fórmas gothicas). No *Elucidario*: *eigo*

(1) «Les paléographes savent combien est facile la confusion du *c* et du *t* dans les textes du moyen âge» (Romania).

por *ergo*. No Cancioneiro da Vaticana, etc.: *moirer* (fôrma que não existe) por *morrer*.

i e *e*. Em uma das poesias anonymas attribuidas pelo dr. Th. Braga a Christovão Falcão: *esperança atee que tinha* por *esperança atee qui* (=até aqui) tinha.

e e *a*. No *Elucidario*: *bragel* por *bragal*. No *Espelho de casados*: *fazera* e *fazer* por *fezera* e *fezer* (erros conservados na 2.^a edição, f. 2 e 5 v.).

o e *a*. No *Elucidario*: *breviorio* por *breviario*, *fronça* por *frança*. *o* e *e*. No *Elucidario*: *compoondor* por *compoendor*=compôendor, *consolar* por *conselar*=conselhar.

u e *n*. No *Elucidario*: *afruitenegar* por *afruitueugar* (=afruituegar), *bandounas* por *bandounas* (=bandouvas), *estornar* por *estornuar* (=estorvar).

ui e *in*. No *Elucidario*: *antreluiado* por *antrelinado*=antreliado (*antreliar* significava «pôr entrelinhas»).

ui e *m*. No *Elucidario*: *auidas* (escrito, como de costume, *avidas*) por *amdas*=andas.

m e *rn*. Na *Historia Tragico-Maritima* (I 258): *Comaca* por *Cornáca*.

r e *z*. No *Elucidario*: *tortozes* por *tortores* (=latim *turtures*).

d e *h*. Na *Historia Tragico-Maritima*: *de uma fermozissima quadra* por *he huma* etc.

d e *l*. Nos *Colloquios* de Orta: *a proua mais certa he queimado com hũa candea* por *a proua mais certa é queimá-lo* etc. (erro conservado na 2.^a edição). No *Espelho de casados*: *toadhas* por *todalas*. (Na 2.^a edição escreveu-se *todahas* emendado-se unicamente o erro da transposição do *a*).

Agora exemplos de confusão de palavras que se escrevem com pouca differença, confusão que se dá facilmente com palavras menos vulgares.

Na estancia 23 da ecloga *Chrisfal* traz a edição sem data ainda por *ajudã*. (É que certamente no original a palavra estava escrita com menos exactidão e clareza, havendo *i* por *j*, estando pouco visível o *til* e confundindo-se o *u* com um *n*).

Na *Historia Tragico-Maritima* (I pag. 255) lê-se: *vi, oh Padre, a primeira vez* em lugar de *vio hũ padre a primeira vez*; e (I 454): *arrayadas* por *azagayadas*.

Em um trecho do *Memorial das proezas* (cap. 27), que é imitação e, em parte, traducção do IV livro da *Eneida*, correspondendo ao latim *solus hic inflexit sensus, animunque labantem | impulit; agnosco veteris vestigia flammae*, está: *Este soo me dobrou em parte os sentidos, e como veyo a vontude a algũa affeyçam. Conheço e finto em mim hũ resto da antiqua chuma que me abrasa em vez de—e como-veo* (=commoveu) *a vontude* etc. (Tambem por este erro não deu o sr. M. B. Branco).

No *Elucidario*: *a sua geira* por *á sogeira* (na palavra *apeiro*).

O *Espelho de casados* traz (f. 44 v.) o que *disimula ha* (=a) *injuria calidiffio* (isto é, *calidissimo*=lat. *callidissimus* «muito esparto») *he*. Na 2.^a edição (f. 43 v.) escreveu-se:—*caladissimo he*.

Na mesma obra lê-se: *e em final o fez* [Deus ao homem] *alevantado pera o Ceo e todalas outras creaturas prontas pera a terra em lugar de—pronas pera a terra*. (Este erro conservou-se na 2.^a edição). João de Barros tinha na mente o conhecido lugar de Ovidio: *Pronaque cum spectent animalia cetera terram | os homini su-*

blime dedit, caelumque tueri | jussit et. erectos ad sidera tollere vultus. (1)

II

Outros erros provêm de se separarem ou juntarem inexactamente as letras.

No *Espelho de casados* imprimiu-se tanto na primeira edição (f. 10 v.) como na segunda (f. 7): *Por ellas* [mulheres] *se disse. Armado diabo* em vez de *Por ellas se disse. Arma do diabo.* (*Por ellas* equivale a «com referencia a ellas». Em lugar do ponto que está depois de «disse», a orthographia moderna empregaria dois pontos). Na mesma obra estando escrito (f. 19): *sendo de hydade de. L. anos* (=de cincoenta annos), os modernos editores lêrão *sendo de hydade de Lanos*.

Em um compendio escolar, transcrevendo-se uma carta de Affonso de Albuquerque (a XV 17, 33 da Torre do Tombo), imprimiu-se: *pera segurar de la India* em vez de *pera segurar-de-la India* (=para segurardes a India).

Na sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*, em uma das poesias que attribue a este escritor, o dr. Th. Braga escreveu (pag. 19, columna 2.^a): *A vida vós a matais | pois a nam deixais viver, | assi que nam peço mais | que deixar de lá morrer* em lugar de—*deixarde-la morrer* (2).

Na edição de Birckman da ecloga de Christóvão Falcão, na estancia 42 está *canto de ledino* por *canto dele* (=d'elle) *dino*. E' certamente o exemplo mais notavel, por isso que tal erro deu lugar a que o dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escritura do texto, acreditasse que a nossa litteratura possuia uns *cantos de ledino*, que nunca existirão senão na fantasia d'este professor.

Certas particularidades orthographicas, taes como deixar de estar indicada a elisão e a crase das vogaes, tem sido causa de erros d'esta especie. Aqui vão alguns exemplos.

Estando na primeira edição dos *Colloquios* de Orta: *e não ha de fiquar com area* (=com' arêa=como arêa) *senão com* (=com') *hũa farinha muito delgada*, o sr. conde de Ficalho escreveu na sua edição (pag. 86) *e não ha de fiquar com arêa se não com huma farinha muito delgada*. Na primeira edição está: *que fruta he aquella que*

(1) E' bem de ver que taes alterações podem ás vezes ser intencionaes, pertencendo então a uma categoria de que adiante trataremos.

(2) O que originou o erro do dr. Th. Braga foi trazer o volume de Birckman na primeira parte da cantiga: *Senhora pois nam deixais | a minha vida viver | jaa agora nam peço mais | que deixar de laa morrer*, onde está erradamente *laa* (com o a repetido) em vez de *la*, sendo que a lição correctea é—*deixarde-la morrer*.

esta parando (=estáparando=está aparando) *aquella moça*, o sr. conde escreveu—*está parando aquella moça*, como se o verbo fosse «parar» (1).

Estando na primeira edição dos *Autos de Chiado: oulhar quasi* (=c'asi=qu'assi=que assim) *enfeitica*, o sr. A. Pimentel imprimiu na sua edição (pag. 35) *Olhar quasi enfeitica*.

Viterbo suppôs haver a palavra *lementiação* (=alimentação) lendo em um documento do seculo XV *pera sua lementiação*, quando deveria ler *pera sua alimentação* (=sua alimentação).

III

E' frequentissimo porem-se uma só vez letras ou syllabas que deverião estar duas vezes (em particular *r* por *rr*, *s* por *ss*, *m* por *mm*, *u* por *uu*=*ue*), e, ao revés, repetir-se o que uma só vez se deveria pôr.

São exemplos: *estranha* por *e estranha* no 7.º verso da estancia 85 da ecloga de Christóvão Falcão na edição sem data; *quente seque no segundo grao* por *quente e seque*—no colloquio XIII de Orta (erro conservado na nova edição, pag. 148); *meamente* por *meãmente* no colloquio XII (erro conservado na nova edição, pag. 155); *que mo só pode ter dado por quem n'o*—em uma poesia do volume de Birekman (erro conservado pelo dr. Th. Braga a pag. 29 da sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*).

Na *Pratica dos Compadres* de Chiado está o verso *que esta pera pera pendurar*, onde, segundo a metrica evidência, foi repetida a preposição *pera*, devendo pois ler-se *que está pera pendurar* (2). No *Espelho de casados* está *fer door sobre toadhas* (erro que já notamos, por *totalas*) *as doores* por *fer door sobre totalas doores* (erro conservado na segunda edição, f. 9 v.).

(1) Outrosim *que a leuação a Ormuz e a Arabia vender* equivale a—e *á Arabia vender* (=e á Arabia a vender) e não a—e *á Arabia vender*, como escreveu o sr. conde (pag. 202).

De igual modo no *Espelho de casados* estando na primeira edição: na f. 1 v. *indo Crato studar Athenas*, na f. 4 v. *veo adoecer*, na f. 9 *he obrigada tornar*, na segunda edição devia ter-se escrito respectivamente *indo Crato studar Athenas* (=a Athenas), *veo adoecer* (=veo a adoecer; logo adiante encontra-se: *veo a descobrir*), *he obrigada tornar* (=obrigada a) *tornar*, e não *indo Crato studar Athenas*, *veo adoecer* (f. 3), *he obrigada tornar* (f. 5 v). Mas, estando na primeira edição *contra Grecia* (=contrã Grecia=contra a Grecia), na segunda escreveu-se *contra a Grecia*.

(2) O sr. A. Pimentel escreveu na sua edição das obras d'este poeta (pag. 111) *que está pera para pendurar*.

IV

Outros erros consistem em omitirem-se, por desatenção: a) palavras avulsas, linhas, estancias; b) letras ou syllabas; c) diacriticos (a cedilha, o til, etc.).

Do primeiro caso offerece exemplos a ecloga de Christóvão Falcão, em que falta um verso na edição do dr. Th. Braga na estancia 60, e uma estancia (a 88) na edição de Birckman.

No colloquio XV de Orta está *curam* por *curauam*, erro que não foi emendado na nova edição.

Muitos dos vocabulos inseridos no *Elucidario* não passam de graphias inexactas devidas á omissão de diacriticos; taes são *Agostio* por *Agostio* ⁽¹⁾, *Martio* por *Martio*, *vizio* por *vizio*, *vio* por *vio* (=vinho), *via* por *via* (=vinha), *Eidaya* por *Eidaya* (=Aegitania), *estraya* por *estraya*, *soffragaya* por *soffragaya* (=suffraganea), *viites* por *viites* (=venientes), *luairo* por *luairo*, *boas* por *bôas* (isto é, bens), *demoes* por *demoes* (=dæmones), *dulcidoe* por *dulcidoe* (=dulcitude), *bravidoe* por *bravidoe*, *chaamente* por *chãamente*, *cabrua* por *cabrãa*, *avidor* por *avindor*, *dieiro* por *dieiro* (=denarius), *escusaça* por *escusaça*, *siples* por *siples*; *copegar* por *copegar* (isto é, coxear), *encarar* por *ençarrar*.

Na *Historia Tragico-Maritima* I 289 e 299 está *Lingao* por *Lingão*, nos *Colloquios* de Orta *queixase* por *queixã-se* (erro não emendado na nova edição, pag. 262) ⁽²⁾.

V

Tambem acontece repetir-se em uma linha uma palavra ou serie de palavras que está em outra parte symmetrica, e isto ou progressiva ou regressivamente, vindo ás vezes a palavra repetida occupar o lugar da que ahi deveria estar.

Na ecloga de Christóvão Falcão a edição sem data repetiu na estancia 75 a palavra *affim* do verso 8.º no verso 9.º Na carta do mesmo poeta a edição de Birckman repetiu no verso 34 a primeira

⁽¹⁾ As fórmulas em *-inho* são posteriores ás em *-ão* e provêm d'estas. Algumas palavras perdêrão o o final, vindo assim a acabar em *-im*, por exemplo *Castro-Marim*, *ura espim* (como *tom*, *som*, de *tão*, *são*).

⁽²⁾ No lugar de Sá de Miranda *eu sou que devera ir* (pag. 463) parece-me que a escriptura original era *quê*. Os antigos dizião *eu sou o que* ou *eu sou quem* e não *eu sou que*.

palavra (*qua*) do verso precedente, e no meio do verso 14 a palavra *jaa* do principio do mesmo verso. Em uma das poesias attribuidas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga lê-se (pag. 25) *e pois em minha alma estais | nam dois que falar á gente; ' ynda que nam estejais ausente | sempre cos vejo em mim*, devendo sem a menor duvida escrever-se no terceiro verso *ynda que estejais ausente*. Em outra das mesmas poesias lê-se (pag. 24): *Estillo da natureza | he prazer vir de passado, | e o prazer e a tristeza | fazer connosco morada*, devendo indubitavelmente escrever-se no terceiro verso *e o pesar e a tristeza*.

No verso errado da ecloga 7.^a de Bernardes: *Não posso já mais cantar e estou já rouco* vemos nós um caso de repetição regressiva, havendo, pois, de ler-se *Não posso mais cantar e estou já rouco*. (A correção proposta pela sr.^a D. Carolina Michaelis na sua edição de Sá de Miranda: *Não já mais cantar posso e estou já rouco* parece-nos — salvo o respeito devido a tão erudita e talentosa romancista — que dá á frase uma construcção que nada tem de corrente).

VI

A's vezes apparecem as syllabas escritas conformemente a uma pronuncia errada devida á influencia de um som proximo ou por transposição mutua dos sons.

Quando se pronuncia erradamente por influencia de um som proximo, podem dar-se dois casos: ou haver dissimilação, quer dizer, fugir-se á repetição do mesmo som, modificando-o ou supprimindo-o uma das vezes, por exemplo, *guardades* por *guardardes* no *Cancioneiro* de Resende I 69, 15; ou haver repetição (ou por prolepse phonetica ou por influencia progressiva), nasalando, por exemplo, uma vogal por haver perto outra vogal nasal, v. g. *provincando* por *provicando* (=publicando) no mesmo Cancioneiro.

Exemplo de transposição mutua de sons é no *Elucidario*: *censo* por *senço* (=silentium). Exemplo notavel de transposição mutua de sons acompanhada de transposição mutua de grão é a que se encontra no *Elucidario* em *chagon* por *cajon* (=ocasião), sendo que houve troca mutua de lugar entre a palatal e a guttural, passando ao mesmo tempo a guttural surda (c) para sonora (g) e a palatal sonora (j) para surda (ch).

VII

Tambem acontece haver transposição, simples ou mutua, de letras ou palavras, por exemplo, no *Elucidario*: *jugal* por *jugal*, no *Cancioneiro* de Resende (I 147, 3): *nom scor* por *monseor*, como Kausler acertadamente conjecturou.

VIII

Outras alterações consistem em inserir no texto notas marginaes, interlineares ou encerradas no texto entre parentheses, ou rubricas, ou, vice-versa em não dar pela existencia de lacunas.

Estando em um auto de Prestes:

onde ey de ir, cõ as quartas feiras
tendes—,

isto é:

onde ey de ir?

CON[FIADO]

ás quartas feiras

tendes—,

o sr. T. de Noronha escreveu a pag. 246 da sua edição dos *Autos*:

onde hei de ir com as quartas feiras?

CONFIADO Tendes—.

Na edição das *Obras* de Chiado feita pelo sr. A. Pimentel vem a pag. 193 umas trovas extrahidas de um volume manuscrito da Bibliotheca de Evora. A ultima estancia é:

Quem a si mesmo engana,
se sois acabado feito
ficais um perfeito macho;
vós que sois o principal,
usareis do natural.

Não se pode atinar com a ligação das ideias d'esta estancia. E' que o verso *Quem a si mesmo engana* é a ultima linha da folha 409, e *se sois acabado feito* é a primeira linha da folha 411, sendo que falta no volume a folha 410.

IX

Até aqui fallámos dos erros commettidos inconscientemente; não é raro porém o alterar-se o texto scientemente, e isto:

a) por insufficiente conhecimento: 1) das siglas e abreviaturas, 2) da grammatica antiga (phonologia, morphologia e syntaxe), 3) do vocabulario antigo, 4) da metrica antiga. 5) da Geographia, Mythologia etc.;

- b) por mera inintelligencia do texto;
- c) para accomodar a uma lição errada ou mal interpretada a sequencia do texto;
- d) por escrúpulos religiosos, etc.;
- e) para corrigir inexactidões, reaes ou suppostas.

Daremos exemplos de todas estas especies.

a. Estando em um auto de Chiado, na edição original: *mulher d(cortado) p(cortado)oruz* (isto é: mulher de Pero Vaz) o sr. A. Pimentel escreveu na sua edição (p. 81): *mulher do povo*.

Na primeira edição do *Espelho de casados* está: *hum proverbio que começa femina nã pefilentã* (=pestilentius); na segunda edição escreverão (f. 12 v.)—*pestilentia*.

Na sua edição dos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho, sem fazer a respectiva advertencia, substituiu:

propyo, *propia*, *apropiada* (pronuncia corrente ainda entre o povo, na qual ha a dissimilação que se vê em *proa*=*prora*) por *propyo* (pag. 211), *propria* (p. 76, 104, 106), *apropriada* (p. 146); *no mais* (=nô-mais) por *não mais* (p. 80); *confiês* por *confines* (p. 153), *diamãis* (=diamantes) por *diamans* (p. 216); *estamaguo* por *estomaguo* (p. 213); *Gironido* por *Geronimo* (p. 261, 263); *aljabeira* (no *Cancioniro* de Resende III 279, 23 *aljaveira*) por *aljibeira* (p. 344); *trelandu* por *trabalou* (p. 213); *volume* por *volum* (p. 237); *vãas* por *vans* (p. 125), *lãa* (no livro, por erro typographico, sem til) por *lã* (p. 237), *bôos* por *bons* (p. 242, 290, 365);

introduze (no português antigo os verbos em—*uzir* erão regulares) por *introduz* (p. 19); *este* (isto é, *estê*=*stet*) por *esteja* (p. 278), *stê* (=steti por *estem*; *pondia* (como já notámos *pon* é fôrma antiga apocópada) por *põe* (p. 35); *finte* por *fente* (p. 153); *vem* por *uim* (p. 260, 307); *rim* (é a fôrma do verbo *rir* usual até, pelo menos, os fins do seculo XVII) por *riem* (p. 295); *prouocallo* (=provocallo) por *provocar* o m. (p. 196), *tomada canafistola* por *tomar a c.* (p. 197), *colheo crans* por *colher o c.* (p. 363); *vintaquatro* (cf. *vintatres*, *Cancioniro* de Resende III 175, 1) por *vinte e quatro* (p. 295); *a sperma* (cf. *a planta*, *Cancioniro* de Resende III 252, 4; *a diadema*, ibd. 124, 9) por *o sperma*;

ho (=o) *hum* (como em francês *l'un*) por *um* (p. 48); *foe a dizer* por *soe dizer* (p. 354); *cheirã as* (=ãs) *cabolas podres* (é como ainda se diz em parte de Portugal) por *cheiram a*—(p. 298); *ate* (=até) *o presente* (no português classico diz-se *até* e não *até a*) por *até ao presente* (p. 292), *ate o anno* por *até ao anno* (p. 205); *he putamos nome coquo* por *he pusemos o nome coquo* (p. 234). A frase portuguesa é como vem em Orta, cf. o proverbio «Quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome» e «Ja que a bruta crueza e feridade | Pofeste nome esforço e valentia» *Lus.* IV, 99; igualmente em italiano «Colui che pose nome piccol mondo | All'huomo, hebbe d'ingegno un ricco dono» *Orl. inn.* II 18);

Estando, na edição Eborense, na ecloga III de B. Ribeiro: *Era parece-me* (=prece-me) *ordenado*, os srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho, seguindo edições posteriores ao seculo XVI, escreverão (pag. 65 dos «Versos de B. Ribeiro»): *Era, parece, ordenado*.

A folhas 21 v. dos *Colloquios* escreve Orta: *vão* (=usão) *della per si são acerca dos Indios* (isto é, entre os Indios, *apud Indes*), e *he boa pera o estomago, e pera quê não fae bem* (isto é: para

quem tem prisão de ventre; nesta accepção de «evacuar» occorre o verbo *sair* no colloquio XVI e XVII e n.º *Cuncioneiro* de Rêsende II 121, 4) e *pera gastar a ventosidade*. O sr. conde de Ficalho corrumpo um texto clarissimo pondo na boca do nosso medico estes desconcertos: *usão della per si só. A'cerca dos Indios he boa pera o estomago, e perã que não sae bem he pera gastar a ventosidade*. (p. 81), e diz em nota: Parece que acima onde diz «pera que não sae bem» se deve ler «pera que sae bem».

No *Espelho de casados* está: (o homem) *pello casamento se elheou* (enlhear-se=alienar-se) e *se fez da molher*; os editores modernos escreverão (f. 5): *pello casamento se entregou e—*

Nos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho substituiu por *natural da Apulia* a lição original *natural da Puglia* (*Paglia* é ainda hoje o nome italiano d'aquella provincia do antigo reino de Naples).

b. Na edição original do *Espelho de casados* lê-se: *muitas cou-fas yrão dentro yncertas* (=inseridas); na segunda edição escreverão (f. 4): *—dentro e yncertas*. Também naquella edição está: *os que nau-gam desde que fuê a Porto* (isto é, desde que aportão) *contam—o que lhes aconteco no mar*; na segunda edição escreverão (f. 2) *—saem o Porto—*.

c. No verso: *e pois ajudã meu choro* da estancia 23 da ecloga de Christóvão Falcão, a edição sem data lendo *ainda* em vez de *ajudam* substituiu para haver coherencia syntactica *meu choro* por *que choro*.

Nos versos: *Vendo então que me forçava | o prazer fazer de-mora* da estancia 71 da mesma ecloga, a edição de 1619, inserindo a preposição a antes de *fazer*, por desconhecer a syntaxe antiga, substituiu, para o verso ficar certo, *prazer* por *gosto*.

d. A edição de Birkman substituiu na ecloga de Christóvão Falcão *Deos* por *dita* na estancia 99, e por *fortuna* no verso 27 da carta.

e. Na sua edição do *Espelho de casados* escreverão os srs. T. de Noronha e visconde de Azevedo: *e querendo-o trazer a lume: temia eu os detratores* (f. 2), quando na edição original está: *—temia os detratores*.

Estando na edição original: *outro nã foy ou* (erro, por o) *seu fim* (f. 17 v.), os mesmos senhores escreverão: *outro nam foy outro seu fim* (f. 12 v.)

Tambem, achando-se na primeira edição (f. 5 v.): *Trax Rey dos Bifalcos*, imprimirão (como de costume, sem dizerem qual a lição da edição original). *Trax* (sic) *Rey dos Bijantos*. Certamente *Bifalcos* é devido a má leitura: mas a correção *Bifantos* é inaceitavel pela simples razão de não existir tal palavra. João de Barros conta um facto que vem em Herodoto VIII 116 (1): assim que ha-de ler-se *Bifallas*. (2)

(1) João de Barros, que sem duvida se serviu de uma versão latina do historiador Grego, tomou, por equivoco, o adjectivo patrio *Thrax* (=Thracio) por o nome proprio do rei.

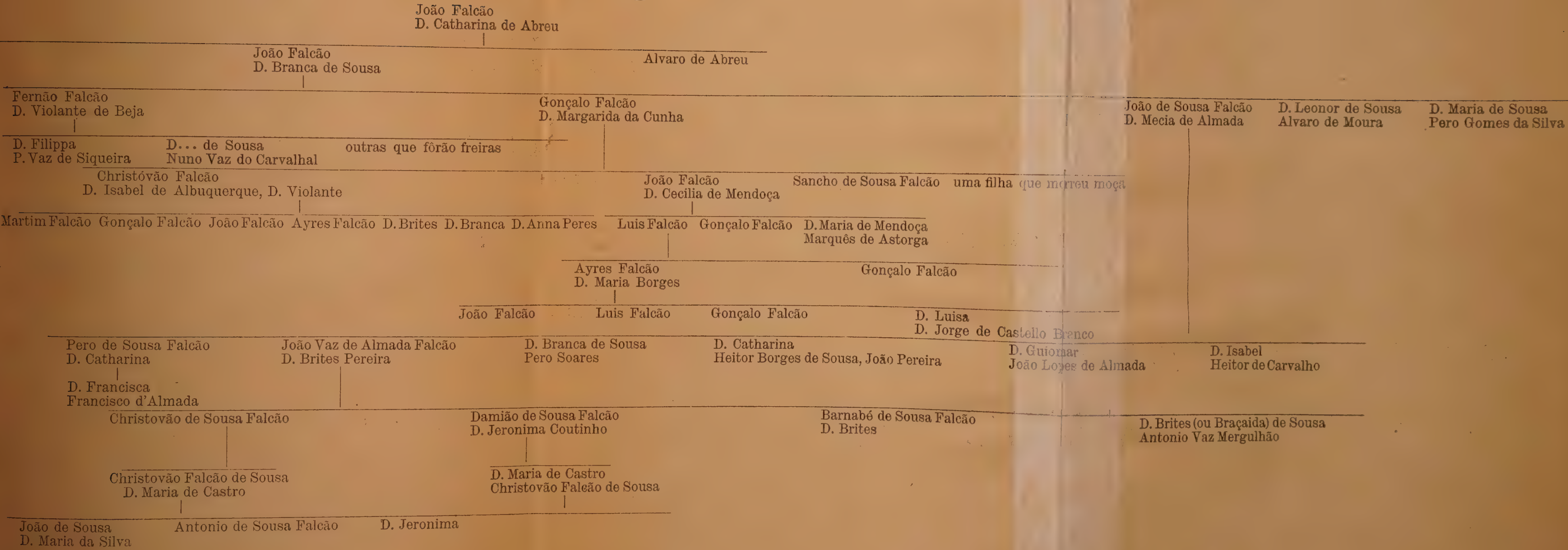
(2) Muitos outros exemplos de erros de todas as categorias

Fecharemos este excurso com uma observação.

O conhecimento das graphias originaes é util, e quando um texto é duvidoso, indispensavel. Assim, no *Cancioneiro* de Rêsende II 381, 7 Kausler escreveu *meo-ssepultados*. Na edição original está *meossepultados*, consequentemente Kausler devia escrever *meos-sepul-tados* (o que é mais um exemplo de uma construcção cuja legitimidade foi, ha pouco, nesciamente impugnada). Na sua edição dos *Autos* de Prestes escreveu o sr. T. de Noronha *ido traz* (o que não faz sentido algum); na edição original está *ido tras*, o que leva immediatamente á correccção *idolatra*s. Na segunda edição dos *Colloquios* de Orta lê-se a pag. 104 *he o milhor que todos*. Sabendo-se que na edição original está: *he o melhor q todos*, reconhecer-se-ha que houve troca da abreviatura de *de* pela de *que*, e ler-se-ha: *he o milhor de todos*, como exige a grammatica.

de que temos fallado, vão notados nos artigos que publicámos na *Zeitschrift* de Gröber (em allemão) sobre a edição do *Cancioneiro* da Vaticana pelo dr. Th. Braga, das *Obras* de Chiado pelo sr. A. Pimentel, e sobre o *Cancioneiro* de Rêsende, e na *Revista Lusitana* sobre a edição dos *Autos* de Prestes pelo sr. Tito de Noronha, e dos *Versos* de B. Ribeiro pelos srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho.

QUADRO GENEALOGICO (segundo as melhores autoridades)



ERRATAS

Na Introdução: pag. 8, linha 30 das notas, está: de Couto, por: do Couto.

No texto: pag. 32, l. 9, está: Deixou-me, por: deixou-me; p. 43, l. 10, falta um ponto final no fim do verso; p. 74, l. 1, está: n'este, por: neste; ibd., l. 6: não me, por: me não; p. 81, l. 4: e quem, por: que em. Demais em varios lugares está escrito «s» em vez de «f» (o primeiro é na pag. 23, l. 7; saudade, por: faudade).

Nas variantes: pag. 32, l. 5, está: leyxon, por: leyxou; p. 44, l. 3: affuuiuaa, por: affuuiua; p. 46, l. 4, depois de: *S* o., falta: *D* no.; p. 47, l. 1, depois de: door., falta: 6 *F* defimulada.; p. 50, l. 6, depois de: nuueis., falta: *T* nuvens.; p. 53, l. 5, está: *FD*, por: *BD*; p. 67, l. ultima: *FA*, por: *SA*; p. 69, l. 8: *B*, por: *F*; p. 71, l. 6: *F*, por: *FA*; ibd.: *D* affim, por: *C* affim; p. 74, l. 9, depois de: as, falta: *E* como; p. 77, l. 7, depois de: não ere, falta: 9 *B* door. *T* dôr. 9 *B* eree. *T* crê.; p. 78, l. 4, depois de: *D* e., falta: *B* agradeſcida; p. 81, l. 7, depois de: auer., falta: *B* de. *T* da: ibd., depois de: repofta, falta: *B* repofta.

Nas notas: pag. 22, columna 2, l. 3 do fim, está: *E*, por: *E'*; p. 36, col. 2, l. 2 do fim: 5.º, por: 6.º; ibd., l. 1 do fim: 6.º, por: 7.º; p. 40, col. 2, l. 22: vejo, por: veo; p. 45, col. 2, l. 13: 4.º, por: 5.º; p. 50, col. 1, l. 1: 5, por: 6; p. 52, col. 1, l. 8: *D*, por: *C*; p. 61, col. 1, l. 9: 7, por: 9.





PO 9231
FALCAO COBRAS
DE CHRISTOVAO FALCAO

893

INSERT BOOK
MASTER CARD
FACE UP IN
FRONT SLOT
OF S.R. PUNCH

MASTER CARD

64096 30044-0



UNIVERSITY OF ARIZO
LIBRARY

6/70

